

Jefferson Virgílio

**TRAVESSIAS ANTROPOLÓGICAS DO ALÉM-MAR:  
PÓS-COLONIALISMOS EM PORTUGUÊS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia Social.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam Pillar Grossi

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Virgílio, Jefferson

Travessias antropológicas do além-mar : Pós-colonialismos em português / Jefferson Virgílio ; orientadora, Miriam Pillar Grossi - Florianópolis, SC, 2016.

171 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

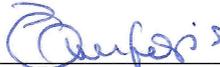
1. Antropologia Social. 2. Antropologias portuguesas. 3. Antropologias brasileiras. 4. Antropologias pós coloniais. 5. Antropologias mundiais. I. Grossi, Miriam Pillar. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Jefferson Virgílio

**TRAVESSIAS ANTROPOLÓGICAS DO ALÉM-MAR:  
PÓS-COLONIALISMOS EM PORTUGUÊS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Antropologia Social”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

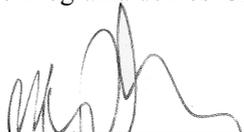
Florianópolis, 8 de dezembro de 2015.



Profª Edviges Marta Ioris Drª

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação

**Banca Examinadora:**



Prof. Marcelo Oliveira, Dr

Universidade Federal de Viçosa



Profª Ilka Boaventura Leite, Drª

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Scott Correll Head, Dr

Universidade Federal de Santa Catarina



Profª Carmen Silvia Rial, Drª

Presidente da banca examinadora

Universidade Federal de Santa Catarina

(substituindo a orientadora Profª Drª Miriam Pillar Grossi, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob licença médica)

*Página deixada em branco intencionalmente.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar eu agradeço a *European Commission* pela bolsa e auxílios recebidos no projeto “Erasmus Fellow-Mundus”, sem os quais seria impossível a estadia de longa duração em Lisboa que permitiu a realização da pesquisa para esta dissertação. Também agradeço à professora Márcia Grisotti, e principalmente à estudante Thania Cristina dos Santos, pela transparência na ampla divulgação da respectiva bolsa em tempo hábil, na Universidade Federal de Santa Catarina.

De igual importância foram os vários suportes financeiro-científicos recebidos do “Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades” - NIGS, durante os longos anos em que faço parte desta equipe e estrutura.

Especialmente agradeço a “Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Santa Catarina” - FAPESC e ao CNPq, através do projeto PRONEM - FAPESC, por recursos do projeto “Antropologia, gênero e educação em Santa Catarina”, que viabilizou a ida em julho de 2014 ao Congresso da EASA (European Association of Social Anthropologists) em Tallinn (Estônia), e ao XVIII Congresso da IOHA (International Oral History Association) em Barcelona (Espanha) e uma estadia de curta duração em Lisboa.

Agradeço também o apoio financeiro recebido, quando de meu retorno ao Brasil em julho de 2015, durante escrita da versão final da dissertação, no projeto "Avaliação do prêmio: Construindo a igualdade de gênero", onde recebi apoio financeiro da Secretária de Políticas para as Mulheres (SPM/PR) pelo NIGS para atuar como pesquisador. Agradeço ao Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) junto ao Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (IEG) quando pude participar enquanto tutor. O apoio financeiro recebido por minha participação enquanto pesquisador e tutor nestas duas atividades permitiu minha sobrevivência em Florianópolis, uma vez que, por razões inexplicáveis, não fui contemplado por qualquer bolsa ou auxílio financeiro pelas várias comissões de gestão e de bolsas do PPGAS/UFSC durante toda a realização do mestrado, situação muito distante de todas e todos colegas da turma de mestrado que ingressaram no curso em 2014 comigo e de significativa parte de discentes ingressantes no curso em 2015.

Sou grato também as e aos colegas Alessandra Ghiorzi, Anahí Guedes de Mello, Anna Carolina Amorim, Arthur Leonardo da Costa Novo, Carmelita de Afonseca Silva, Crishna Correa, Izabela Liz

Sch lindwein, Jainara Oliveira, Jimena Maria Massa, Letícia Barreto, Lino Gabriel Nascimento dos Santos, Marcos Sardá Vieira, Maurício Gomes, Melissa Barbieri, Virginia Nunes e Vítor Lopes, participantes da disciplina “Seminários de tese” realizada na Universidade Federal de Santa Catarina em 2015.<sup>1</sup> pelos preciosos comentários à minha dissertação ainda que distantes dez mil quilômetros.

Neste sentido, também agradeço o eterno e diário aprendizado que tenho no NIGS, especialmente pelo intenso convívio com pesquisadoras como Anahí Guedes de Mello, que sempre me permitem desconstruir e reconstruir visões de mundos e de vidas.

Agradeço o acesso que tive às bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, e do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) pelo acesso aos textos que não me foram possíveis encontrar em repositórios online.

Agradeço também às colegas que organizaram em parceria comigo o grupo de trabalho “Antropologias, antropólogas e antropólogos, nas e das periferias”: Carmelita de Afonseca Silva, Hélder Pires Amâncio e Vânia Pedro, na XII Conlab (Congresso Luso-Afro-Brasileiro) realizado em fevereiro de 2015, em Lisboa, pela oportunidade de aprendizado e trabalho coletivo.

Sou grato também e agradeço à recepção deste grupo de trabalho pela organização do congresso, e as pessoas que submeteram resumos a ele. E à revista *Vivências*<sup>1</sup>, que aceitou a publicação (futura) de dossiê temático com parte dos textos apresentados no GT.

Agradeço a disposição da colega e amiga Clara Merino pelas revisões do resumo em línguas estrangeiras e também a outras e outros colegas estrangeiros com quem dialoguei ao longo do mestrado, em particular destaco os amigos estrangeiros mais próximos: Hélder Pires Amâncio, Javier Paez e Marino Leopoldo Sungo, que compartilham comigo o gosto e formação na antropologia.

Agradeço ao Music Hall Hostel, em Lisboa, pelo imediato acolhimento, amizade e parcerias, assim como as eternas amizades construídas na residência Alfredo de Sousa, que é a residência universitária da Universidade Nova de Lisboa.

---

<sup>1</sup> Remete a revista *Vivências*, de ISSN: 2238-6009.

A meus familiares e amigos, que compreenderam minhas saídas de longa duração, e as urgências acadêmicas que muitas vezes me impossibilitam participar de encontros e festividades.

Agradeço, em particular as professoras e professores portugueses que aceitaram participar desta pesquisa, seja me acolhendo em sala de aula, seja se dispondo a longa entrevista. Inicialmente professora Ana Isabel Afonso pela co-orientação de minha primeira longa pesquisa em Lisboa, que resultou em TCC do curso de antropologia da UFSC, e pela grande disponibilidade em me conceder a entrevista, em uma raríssima visita que fez a Lisboa (uma vez que se encontrava nos USA), durante a realização da pesquisa de campo desta dissertação.

Aos comentários e as sugestões da professora Ana Pinto na disciplina Metodologia de pesquisa em ciências sociais realizada na Universidade Nova de Lisboa em 2014.2 e em parecer sobre o projeto. A acessível abertura recebida em Tallinn e a posterior e produtiva conversa realizada em Lisboa com a professora Antónia Pedroso de Lima. Agradeço a professora Catarina Alves Costa, pelas primeiras e inesperadas conversas em um jantar de curso, e a pronta abertura para uma conversa posterior, já enquanto entrevista. A professora Clara Saraiva por me permitir assistir suas aulas, e pela imediata disponibilidade em esclarecer infinitas dúvidas sobre a institucionalização da antropologia em Portugal em nossa longa e produtiva conversa. A professora Cristiana Bastos por me receber em duas ocasiões: Em Lisboa para uma entrevista e em Santa Catarina para um longo dialogo já no momento de finalização da escrita da dissertação. Sem duvida, seus comentários muito pertinentes foram uma aula de grande importância para este trabalho. A frequente disponibilidade da professora Filomena Silvano em atender minhas demandas e aos pertinentes e caros comentários que eu pude ouvir em sala de aula com ela, nos quatro semestres em que estive em Lisboa. Agradeço ao professor João Leal pela prontidão em me receber para conceder a entrevista, assim como os frequentes ensinamentos nas disciplinas que tive o prazer de participar, especialmente pela leitura crítica e os comentários tecidos a uma versão prévia de partes do projeto de pesquisa que originou este texto. Ao professor Miguel Vale de Almeida pelos esforços múltiplos que envolveram as inúmeras tentativas de agendamento da entrevista, e os preciosos comentários para a pesquisa de um modo geral antes, durante e depois de nossa conversa. Agradeço ao professor Paulo Granjo pelos valiosos aprendizados antropológicos recebidos em minha primeira ida a Lisboa, pela pronta conversa realizada na Conlab, e pela posterior entrevista, realizada em

sua nova sala, no Instituto de Ciências Sociais. Ao professor Paulo Raposo por ser meu primeiro interlocutor nesta pesquisa, por atender ao meu inesperado e insistente pedido de consulta pessoal, e por sacrificar um de seus dias de folga comigo na feira da ladra em uma entrevista. Agradeço ao professor Rafael José de Menezes Bastos pela confecção de um valioso parecer à primeira versão de meu projeto de pesquisa, e pelos preciosos aprendizados recebidos durante a graduação e mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina. Ao professor Rui Mateus Pereira pela disponibilidade e esforço demonstrados em reservar um horário para ceder-me a entrevista, poucas horas antes de meu embarque de retorno ao Brasil, além do convite para escrita de uma publicação (no prelo), e pelos aprendizados intensamente povoados com referencial bibliográfico nas aulas que pude assistir neste último ano em Lisboa. Agradeço a todas e todos demais docentes de antropologia em Portugal do ISCTE, mas principalmente da Universidade Nova de Lisboa, que me lecionaram uma ou mais disciplinas, especialmente aquelas e aqueles que permitiram a minha presença em sala na ausência de uma matrícula disponível.

Aos professores Scott Head e Marcelo Oliveira, e as professoras Ilka Boaventura Leite e Leticia Cesarino pela pronta atenção e aceite ao meu pedido de participação na banca de defesa.

Agradeço a professora Carmen Silvia Rial pelo aceite de presidir a banca de defesa, na inesperada impossibilidade da professora Miriam Pillar Grossi de estar presente.

Por fim, e de especial valia, eu agradeço a professora Miriam Pillar Grossi por sua orientação. Desde o início da pesquisa me indicou nomes de colegas portuguesas e portugueses, abrindo portas para uma rede de contatos fundamental para a pesquisa de campo. Reconheço também seu esforço, mesmo estando com uma severa enfermidade, em manter a minha orientação e me permitir finalizar o mestrado em dezembro de 2015. Não há palavras para agradecer o dispendioso envolvimento que manteve comigo, desde meados de 2012, quando inesperadamente bati a sua porta pedindo orientação de meu TCC.

Muito obrigado.

Este trabalho é dedicado à memória de  
Claudia Sousa, primatóloga portuguesa.

*Página deixada em branco intencionalmente.*

I haven't yet found a copy by myself, so I can't say if this story is apocryphal or not, but it seems to be well cited by reputable sources.

Autoria desconhecida<sup>1</sup>

*Página deixada em branco intencionalmente.*

## RESUMO

Esta dissertação apresenta a pesquisa realizada entre os anos de 2014 e 2015 sobre antropologias em Portugal. Tem como foco o período de 1980 à 2015. A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisões bibliográficas, consulta a arquivos, entrevistas com antropólogas e antropólogos e observação participante em salas de aula e eventos acadêmicos. A dissertação tem como foco principal as relações estabelecidas entre as antropologias brasileiras e portuguesas nos últimos quarenta anos. O texto inicia com uma breve revisão histórica sobre a institucionalização da antropologia portuguesa e analisa as privilegiadas relações entre as antropologias brasileiras e portuguesas. Apresenta, a seguir, as instituições e agentes participantes de redes lusófonas desde os anos 1990, com foco nas relações entre antropologias produzidas no Brasil e em Portugal enquanto parte de processos pós-coloniais de produção de saberes antropológicos.

**Palavras-chave:** Antropologias portuguesas. Antropologias brasileiras. Antropologias pós-coloniais. Antropologias mundiais.

*Página deixada em branco intencionalmente.*

## ABSTRACT

This thesis presents the research carried out between the years 2014 and 2015 on anthropology in Portugal. It has focus on the period 1980 to 2015 and particularly in establishing relationships with anthropology practiced in Brazil. The methodology includes literature reviews, consulting archives, interviews with anthropologists and participant observation in classrooms and academic meetings. The text proposes approaches and reflections on the relations between Brazilian and Portuguese anthropologies in the last forty years. Produces brief historical review of the institutionalization of the Portuguese anthropology and analyses the privileged relations between the Brazilian and Portuguese anthropologies. There is a presentation of the participating institutions and agents of Lusophone networks being established since the 90s while focused on the relations between Brazil and Portugal as part of postcolonial processes of production of anthropological knowledge.

**Keywords:** Portuguese anthropologies. Brazilian anthropologies. Post-colonialisms. World anthropologies.

*Página deixada em branco intencionalmente.*

## RÉSUMÉ

Cette thèse présente les recherches menées entre les années 2014 et 2015 sur l'anthropologie au Portugal. Il a coupé et se concentrer sur la période 1980-2015, et en particulier à établir des relations avec l'anthropologie pratiqué au Brésil. La méthodologie comprend des examens de la littérature, consulter les archives, des entrevues avec des anthropologues et l'observation participante. Le texte propose des approches, des dialogues et des réflexions sur les relations entre l'anthropologie brésilienne et portugaise dans les quarante dernières années. Produit bref historique de l'institutionnalisation de l'anthropologie portugais et analyse les relations privilégiées entre les anthropologies brésiennes et portugaises. L'thèse présente des institutions et des agents participants d'établissements de réseaux Lusophones, qui depuis les années 90 se concentrant dans les relations entre Brésil et Portugal dans le cadre de processus postcoloniales de la production des connaissances anthropologiques.

**Mots-clés:** Anthropologies portugaise. Anthropologies brésiennes. Post-colonialismes. Anthropologies mondiales.

*Página deixada em branco intencionalmente.*

## RESUMEN

Esta tesis presenta la investigación realizada entre los años 2014 y 2015 en la antropología en Portugal. Se ha limitado y se centran en el período de 1980 a 2015, y en particular en el que se establece la relación con la antropología practicada en Brasil. La metodología incluye revisiones de la literatura, archivos de consultoría, entrevistas con antropólogos y observación participante. El texto propone enfoques, diálogos y reflexiones sobre las relaciones entre las antropologías brasileñas y portuguesas en los últimos cuarenta años. Produce breve revisión histórica de la institucionalización de la antropología portuguesa y Analiza las relaciones privilegiadas entre las antropologías brasileñas y portuguesas. Presenta las instituciones y los agentes participantes en el establecimiento de redes de habla portuguesa desde los años 90 centrándose en las relaciones entre Brasil y Portugal como parte de los procesos post-coloniales de la producción del conocimiento antropológico.

**Palabras clave:** Antropologías portuguesas. Antropologías brasileñas. Post-colonialismos. Antropologías mundiales.

*Página deixada em branco intencionalmente.*

## SUMÁRIO

0 MÍNIMOS MÉTODOS E CONTATOS IDENTIFICADOS .....	23
1 OBJETO DA INVESTIGAÇÃO .....	35
2 CONTATOS PRÉVIOS E OUTRAS INICIAIS PERCEPÇÕES .....	45
3 NOVAS APROXIMAÇÕES E RECORTES ÀS PESQUISAS .....	51
4 PASSADOS ANTROPOLÓGICOS EM PORTUGAL.....	61
5 PRESENTES ANTROPOLÓGICOS EM PORTUGAL .....	77
6 DESCREVENDO UM CONGRESSO EM PORTUGUÊS: CONLAB.....	93
7 UMA RELAÇÃO EUROPEIA: O CASO DA EASA E PORTUGAL ....	103
8 PRODUIR ANTROPOLOGIAS EM PORTUGUÊS: AS RELAÇÕES PRIVILEGIADAS COM O BRASIL .....	113
9 DÁDIVAS E RECIPROCIDADES LUSÓ-ANTROPOLÓGICAS .....	121
10 MAS QUE TIPO DE PÓS-COLONIALISMOS SÃO ESTES?.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133
LEVANTAMENTO DOCUMENTAL JUNTO A ASSOCIAÇÕES E CONGRESSOS DE ANTROPOLOGIA .....	143
ANEXO I - NOTAS SOBRE FORMATAÇÕES E REFERÊNCIAS.....	151
ANEXO II - MAPA DE LISBOA - ADAPTADO .....	157
ÍNDICE ONOMÁSTICO .....	159

*Página deixada em branco intencionalmente.*

## 0 MÍNIMOS MÉTODOS E CONTATOS IDENTIFICADOS<sup>2</sup>

Although educational researchers have done perfectly good research in the qualitative style for at least sixty years, they still hold periodic conferences and discussions, like this one, to discuss whether or not it's legitimate and, if it is, why it is. Surely there must be some real epistemological difference between the methods that accounts for this continuing inability to settle the question.<sup>ii</sup>

Howard Saul Becker<sup>3</sup>

Esta pesquisa nasce, pelo menos um ano e meio, quase ou talvez dois, antes do início do mestrado. Entre 2012 e 2013 eu residi por quase um ano, ininterrupto, em Lisboa. Nesta estadia, eu saí de Lisboa uma única vez, pois não tinha dinheiro pessoal, nem apoio de bolsa institucional para viver na Europa: fui ao norte português, no *réveillon*, após passar o feriado de natal sozinho. Todas e todos estavam viajando. Festejando. Visitando familiares. Dentro e fora da Europa. Vivi assim o que contam as lendas antropológicas sobre pesquisadores que ficam presos no trabalho de campo por conta de guerras ali instauradas. Em meu caso eu fiquei preso no que, futuramente, perceberia como *trabalho de campo*, por falta de recursos financeiros para estar em outros lugares da Europa em minha primeira estadia em Lisboa. Nestes longos primeiros meses de pesquisa em Lisboa não foram poucas as vezes em que tive de escolher entre o almoço e a janta.

A minha mobilidade acadêmica era na Universidade Nova de Lisboa, mas o acesso aos seus aposentos internos encerravam o acesso diário às 22:00 horas. A biblioteca encerrava ainda mais cedo, era às 21:00 horas. Descobri que a sala de estudos do ISCTE permanecia aberta durante toda a noite e pela madrugada, e assim me matriculei como aluno externo naquela instituição, visando o acesso a respectiva sala de estudos.

No ISCTE não foram raras as vezes em que passei a noite em claro, pois esta universidade me permitia passar noites, madrugadas, feriados e domingos lá. Escrevendo. Lendo. Nestes finais de semana em que eu nunca fui à Berlim, Roma, Paris ou Barcelona, como tantas

---

<sup>2</sup> É valorizada uma leitura prévia ao anexo de notas disponível no fim deste material.

<sup>3</sup> Cf. BECKER, Howard. *The epistemology of qualitative research*. 1996:53.

brasileiras e tantos brasileiros fazem quando alegam que estão em estágios ou intercâmbios de estudo na Europa. Eu estava, literalmente, ingressando em minha futura pesquisa de campo sobre a antropologia portuguesa. Pesquisa que mais tarde resultaria nesta dissertação.

Nesta primeira estadia em Lisboa, entre 2012 e 2013, eu assisti aulas e acompanhei as manifestações de rua que viriam a ser o objeto de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em antropologia<sup>4</sup>. As aulas eram diárias. As manifestações estudantis eram quase semanais.

A minha segunda longa permanência em Lisboa, entre 2014 e 2015, foi diferente, pois eu retorno já graduado em antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e como aluno de mestrado em antropologia social com bolsa do programa Erasmus Fellow-Mundus. Meu projeto de pesquisa já estava então focado na história da antropologia portuguesa e na sua relação com o Brasil.

Se na primeira ida à Lisboa eu escolhia entre almoço ou jantar, na segunda eu pude escolher se, o caro sushi seria comido no almoço ou no jantar. Nesta segunda estadia eu tinha recursos elevados para os padrões locais, graças a comissão europeia, que me reconheceu, ao me conceder uma bolsa, como um “aluno de excelência”.

Todavia, ao invés de gastar os recursos apenas em sushis, eu preferi, nesta segunda estadia, usar também na compra de livros, que ocuparam as três malas que trouxe comigo. Foram mais de 120 livros e eu quase fui preso na alfândega brasileira, por conta disso, como suspeito de ser “um traficante de livros”.

Nesta segunda estadia em Lisboa, entre setembro de 2014 e junho de 2015, eu novamente frequentei disciplinas, tanto para completar meus créditos de mestrado, quanto como parte da metodologia de minha investigação.

### **Observação participante em salas de aula**

Estudar em Lisboa me permitiu frequentar disciplinas de antropologia em duas universidades: Universidade Nova de Lisboa, onde oficialmente eu estava inscrito, e ISCTE, onde também pude cursar algumas disciplinas, ampliando assim o leque de minha formação antropológica e construindo o objeto de investigação desta dissertação.

Assim, em quatro semestres de estudo em Lisboa, eu realizei as seguintes disciplinas.

---

<sup>4</sup> A minha primeira grande pesquisa em Lisboa tratou de manifestações de rua estudantis.

A primeira estadia, onde estava vinculado à graduação, realizou-se em dois semestres letivos: 2012.2 e 2013.1. Em 2012.2 na Universidade Nova de Lisboa, eu cursei “Antropologia biológica” e “Etologia”, de fases avançadas do curso de Antropologia, ambas ministradas pela primatóloga Cláudia Sousa<sup>iii</sup>, com quem eu queria ter também cursado “Primatologia”, mas que não foi oferecida naquele momento. Assisti também com ela, no semestre seguinte, 2013.1 “Biologia e cultura”, uma cadeira de primeira fase.

Neste período, acompanhei também a disciplina de “História da antropologia” com Frederico Delgado Rosa com quem também faria em 2014.2 a disciplina de “Contextos etnográficos latino-americanos”, disciplina que eu já havia cursado em 2013.1 com João Leal.

Certamente por ter a rara oportunidade em cursar por duas vezes esta disciplina, reconheço poder ter ali encontrado algumas das questões centrais desta dissertação sobre a pertinência das antropologias brasileiras em solo português, dada a ênfase que foi dada a antropologia brasileira nesta disciplina nas duas vezes que a cursei.

Eu cursei com Ana Isabel Afonso, que foi minha co-orientadora de graduação, “Laboratório de antropologia aplicada”, uma cadeira do mestrado, na qual só haviam quatro discentes. Ana Isabel divide a sala com Filomena Silvano, que dirigia neste mesmo semestre a classe de “Leitura de textos etnográficos II” que também frequentei.

Assisti como ouvinte a cadeira quase homônima, “Leitura de textos etnográficos I” com Sónia Vespeira Almeida, no semestre seguinte. Neste semestre 2013.1, também me matriculei em “Métodos de pesquisa em ciências sociais” com a mesma docente.

No semestre de 2012.2 eu também participei de uma cadeira no mestrado no ISCTE<sup>iv</sup>, com Filipe Verde: “Teoria antropológica I”, e uma na licenciatura<sup>v</sup>: “Leituras etnográficas: crise, catástrofe, guerra e violência”, com Manuel João Ramos.

Em 2013.1 eu assisti outra cadeira de mestrado no ISCTE, com Nélia Dias: “Teoria antropológica II”, sobre coleções e museus, e outra na licenciatura, com Pedro Prista chamada de “Práticas de pesquisa em antropologia”.

Pedro Prista foi orientador de escrita de tese de Sónia Almeida, com quem fiz na mesma época “Método etnográfico”, na Universidade Nova de Lisboa. Assim, constatei que Sónia e Pedro, que foram orientador e orientanda no passado, eram os responsáveis pelo conjunto de cadeiras de métodos que fiz em Lisboa neste primeiro ano de estadia, enquanto ainda estava na graduação e que todas juntas equivaleram, nos processos internos da UFSC, a uma disciplina de 4 créditos no Brasil.

Na Universidade Nova de Lisboa assisti também outras disciplinas de graduação: “Antropologia da família e do parentesco” com José Mapril e “Antropologia econômica” que foi ofertada por Paulo Granjo. E uma última cadeira de leitura etnográfica específica que foi acompanhada com Susana Trovão em “Contextos etnográficos asiáticos”, mais particularmente sobre a Índia e religião.

Além destas cadeiras as quais eu estava como aluno regular, assisti algumas aulas como aluno ouvinte em “Antropologia urbana”, e em “Antropologia política” com José Mapril, “História da antropologia portuguesa” com Clara Saraiva e “Antropologia portuguesa contemporânea” com Paula Godinho.

No ISCTE eu também acompanhei as primeiras sessões da disciplina “Antropologia e epistemologia”, com Filipe Verde<sup>vi</sup>.

Na minha segunda permanência em Lisboa, entre 2014.2 e 2015.1, eu assisti também cadeiras de mestrado e de licenciatura, todas na Universidade Nova de Lisboa.

No mestrado<sup>vii</sup> foram frequentadas as disciplinas de “Metodologias de investigação”, com Ana Santos Pinto, “Teorias e métodos em antropologia”, além de “Usos da cultura”, ambas com João Leal, e por fim, “Objectos, identidades e culturas”, com Filomena Silvano, com quem também fiz “Antropologia urbana”, disciplina da licenciatura.

Na licenciatura, eu assisti também, mas com Paula Godinho, “Antropologia portuguesa contemporânea” e com Rui Mateus Pereira “Antropologia do ciberespaço”. E como aluno ouvinte, assisti integralmente “Antropologia e colonialismo” com Rui Pereira e “História da antropologia portuguesa” com Clara Saraiva, disciplina que eu já havia frequentado algumas sessões em minha primeira estadia em Lisboa, com a mesma docente.

Assim, durante os quatro semestres em que estudei no ISCTE e na Universidade Nova de Lisboa nos cursos de licenciatura e de mestrado em antropologia de cada instituição, estive em contato direto com um total de 32 disciplinas que foram ofertadas por nove professoras portuguesas e oito professores portugueses.

Também no ano de 2014 eu participei de várias sessões dos encontros *fins de tarde com a antropologia*<sup>5</sup>, que são organizadas pelo Centro em Rede de Investigação em Antropologia - CRIA, no prédio em frente a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade

---

<sup>5</sup> Maiores detalhes em: CRIA. Fins de tarde com a antropologia. 2014. (colocar o link)

Nova de Lisboa. Particpei também de outros eventos maiores e menos contínuos que descrevo no decorrer da dissertação, quando se mostrar pertinente como dado de campo.

Além da frequência em cursos de graduação e pós-graduação descritos acima, também acompanhei as publicações em redes sociais de interlocutoras e interlocutores, de professoras e professores, além de pesquisadoras e pesquisadores portugueses. Assim, o acompanhamento de publicações online fez parte importante de meu trabalho de campo quando estava em Portugal mas, sobretudo, após voltar ao Brasil.

A minha frequência em salas de aula de antropologia em Lisboa se dava quase que todos os dias, fazendo portanto que estivesse em permanente pesquisa de campo, fazendo observações em salas de aula.

Essas observações inicialmente são registradas em blocos de notas, como breves apontamentos, ou nas investidas noturnas, em escritas de páginas de diários de campo. Essa escrita no entanto nem sempre se dava de modo rápido simples ou automático, notadamente nos meses finais, próximo ao meu retorno ao Brasil.

## Entrevistando pares

Os diálogos com docentes, sejam de contatos prévios, atuais, em construções recentes ou apenas de aproximações futuras se produzem de modos singulares como relatei em meu diário de campo, ainda em Portugal:

É preciso agendar entrevistas, e hoje ao conversar sobre a questão com o primeiro, de dois docentes portugueses que preciso analisar “em conjunto”, descubro que amanhã, ao conversar com o segundo, os desacordos entre eles são superiores à “determinado ponto de minha pesquisa”. O primeiro me diz que “é coerente tal proposta (meu projeto de pesquisa), mas sugiro revisar **este ponto**, e considerar a leitura **deste texto** para melhor contextualizar ao **momento da época**” que contrapõe exatamente o que o segundo me sugere ao tecer um comentário que em síntese diz que “eu não considero que este seja um **bom ponto de partida**, estas lendo **este texto** de uma maneira que diria que é no mínimo deslocado da crítica na **contemporaneidade**”. Ambos aceitam ser entrevistados, e como bons professores,

paralelamente me fornecem “sugestões” à metodologia, que são contrárias e quase impeditivas entre si<sup>6</sup>.

[Diário de campo, de 7 de novembro de 2014]

Aceitar incluir docentes como “partes na pesquisa” acaba por se revelar uma das decisões mais bem colocadas de minha proposta, quando identifico que permite uma revisão de metodologia ativa e crítica. É um privilégio ter esta categoria de sujeitas e sujeitos de estudos<sup>viii</sup>. Em minhas reflexões teóricas venho argumentando (Virgílio, 2015:76) que a prática antropológica é “tentar aprender **com** o outro”, enquanto forma de resistência contra a comum “tentativa de aprender **sobre** o outro”. O idioma que compartilhamos, eu e meus interlocutores de pesquisa, não é apenas o português, mas também o antropológico. E muito da dificuldade de comunicação que poderia existir em uma pesquisa de campo antropológica acaba sendo bastante reduzida pelo fato de pesquisador, pesquisadas e pesquisados fazerem parte do mesmo campo simbólico.

A opção de divisão desta dissertação em vários itens sequenciais, substituindo o modelo tradicional de alguns capítulos, foi uma decisão teórico-metodológica de escrita, produzida em diálogo de orientação, a partir da proposta de Vagner Gonçalves da Silva):

Todos os aspectos tratados apresentaram-se intimamente unidos e indissociáveis, como os nós de uma rede, que apenas considerados em conjunto apresentam sentido. Assim, optei produzir um único texto, contínuo, ao longo do qual apresento alguns núcleos temáticos, que não chegam a constituir capítulos formais, mas apenas uma proposta de organização, entre as várias possíveis. (2006:20)

Posso dizer que ter transitado entre dois-três departamentos de antropologia em Lisboa permitiu atingir insights importantes para o objeto desta investigação. Eu pude identificar maiores presenças ou concentrações de influências de antropologias brasileiras em áreas temáticas específicas das homônimas portuguesas. Pude também

---

<sup>6</sup> A descrição em caráter genérico visa preservar as identidades de ambas as partes.

perceber relações, que se não centradas em determinadas academias-escolas, revelam-se como partes de primeiros contatos ao campo.

As excessivas menções a toda a obra de Gilberto Velho na cátedra de antropologia urbana enquanto “precursor do campo de estudos em língua portuguesa” devem ser somadas as menções sobre o homônimo freireano na cátedra de contextos etnográficos latino-americanos por ser o “primeiro brasileiro com alto reconhecimento internacional na política e na ciência antropológica”, assim como a etnologia indígena produzida no Brasil, que é tida e dita como “referência em nível mundial” na mesma cátedra, e aqui destaco que apesar do nome, dado as limitações de escopo e geografia ao lusófono-latino-americano país-continente, e das projetadas relações político-culturais, permite-me conceder equivalência pela cátedra nativa denominada “antropologia brasileira”. Gilberto Freyre, este, que também é apontado como “amigo, parceiro e correspondente de Jorge Dias” - há uma foto dos dois juntos -. Jorge Dias que ainda hoje é um dos maiores nomes na antropologia portuguesa, tanto na cátedra de história da antropologia portuguesa, como na cátedra de antropologia e colonialismo. [...] Estudos sobre populações “afrodescendentes”, especialmente no que tange “religiões de matriz africana”, ambas quais se pode referir enquanto “*diásporas* culturais com origens africanas”, sendo *diásporas* próximas a percepção de William Safran (1991:83-84). E enquanto conhecimentos, se somam a produção sobre etnologia indígena enquanto “referências internacionais, quer sejam produzidas por brasileiras e brasileiros, ou produzidas em território nacional por corpos estrangeiros, em sua maioria, oriundos da França”, e estes dois campos, podem se unir aos estudos de gênero, pois “não apresentam subalternos diálogos ou engajamentos em comparações aos contextos homônimos ou “equivalentes” norte-americanos atuais, ou mesmo para os ápices parisienses ocorridos no pós-maio de 68”. As antropologias brasileiras podem ser partes nas antropologias portuguesas. Vice-versa?

[Diário de campo, de 7 de dezembro de 2013]

O fato de ter estado por dois anos escolares em Lisboa, e tendo já como foco no segundo, a pesquisa desta dissertação, permitiu construir inúmeras situações de observações etnográficas. Inspirado em Frederick Jackson Turner (1894:200-201) busquei encontrar, cruzar e comparar os diferentes idiomas e as diversas faces das visíveis possíveis fronteiras, reveladas em territórios e vivências portuguesas.

As entrevistas, registradas e transcritas, têm como objetivo “dar voz aos nativos” e serão objeto de publicação em meio acadêmico de maior circulação. Graças a explicitação desta proposta de publicação, percebi mais abertura de meus interlocutores para realizarem conversas, sendo as propostas recebidas com este mútuo acordo. Trechos destas conversas são selecionados e incluídos no decorrer da dissertação.

Já na primeira desta série de entrevistas foi possível perceber mais fronteiras e também novos contatos, desta vez entre artes e ativismos, sendo nestes espaços invocadas enquanto artivismos. Artivismos que são conhecidos também ao concluir a primeira conversa, com Paulo Raposo, que é também quem me define o respectivo conceito (2015:5), e quem me revela as primeiras impressões de como podem ser produtivas tais longas entrevistas:

A entrevista, exploratória e inicial, finaliza melhor do que espero. Não apenas permite alavancar nas percepções sobre performances enquanto engajamentos políticos como fornece suficiente panorama para alargar o mapeamento das redes portuguesas e brasileiras. As referências são daqui e de lá, são docentes, instituições e até campos de saber. Até os primórdios do que hoje é o Centro em Rede de Investigação em Antropologia<sup>7</sup> e do passado Centro de Estudos em Antropologia Social<sup>8</sup> são mapeados. É possível situação similar ocorrer em outros centros de investigação portugueses.

[Diário de campo, de 20 de julho de 2014]

A escolha de fazer entrevistas formais no final de minha estadia de pesquisa, está fundamentado em uma perspectiva feminista que tem

---

<sup>7</sup> Maiores detalhes em: CRIA. Página inicial. 2015.

<sup>8</sup> Maiores detalhes em: CEAS. Página inicial. 2015.

como pressuposto enquanto antropologias colaborativas, como muito bem definido por Carolyn Fluehr-Lobban:

Collaborative anthropology benefits from the dual strengths of an infused feminism for its non-Western research and the transformation of the research relationship that it represents. A majority of American anthropologists are women, and this demographic transformation is also a factor in the increasing use of feminist, more collaborative models of research that are gradually displacing older, hierarchical - “masculinist” - research models.<sup>ix</sup> (2008:177-178)

Situação próxima, pode ser vista na antropologia visual portuguesa, quando recorre-se as percepções de Catarina Alves Costa, por exemplo:

Neste sentido, mais uma vez, o assumir do tipo de colaboração e a diversidade das estratégias de continuidade dos projectos, são importantes para uma reflexão mais profunda. Muitas vezes, os cientistas sociais que coordenam estes projectos, inseguros das suas técnicas e não sabendo muito bem como actuar, fazem com que os sujeitos filmados tomem, de certo modo, conta da forma - mais ou menos convencional - como querem ser representados. Essa negociação de autorias entre as partes é, em si, parte desse processo de construção da visibilidade de ambos. (2014:3)

O paralelo com a realização de filmes etnográficos (idem, 2014:5) é válido por permitir desconstruir idealismos sobre autorias e papéis distribuídos entre as sujeitas e sujeitos envolvidos no processo, revelando o pouco valor de uma antropologia que muito perde ao investir demasiado tempo na garantia de aparência tida como politicamente correta também.

O fato de entrevistar docentes de departamentos de antropologia para uma pesquisa antropológica traz um interessante paradoxo para o pesquisador. Ao entrevistar professores recebi “gratuitas”, frequentes e valiosas orientações sobre a metodologia em uso na pesquisa. Sugestões de bibliografias, propostas de revisões do projeto e observações metodológicas sobre a pesquisa em curso foram frequentes durante toda

a pesquisa de campo. Revisões, as vezes rápidas, as vezes longas, que ocorriam antes, durante e após entrevistas, indo de uma simples ajuda oral a conversas longas sobre o projeto e atenta leitura de minha proposta.

No Brasil ou em Portugal a antropologia nunca é **parte** de meu cotidiano. A antropologia **é** o cotidiano. Esta situação de tentar incluir limites entre o cotidiano e a pesquisa pode se tornar problemática ou mesmo impossível de ser concluída. Mas eu não estou certo que é mandatário ou positivamente precioso romper com estas categorias em uma maneira tão esquetejadora.

[Diário de campo, de 11 de maio de 2015]

Esta pesquisa foi portanto parte de meu cotidiano de estudante de pós-graduação em estágio sanduíche em Portugal. Pensando sobre o que significa o cotidiano na pesquisa antropológica, dialoguei com Erving Goffman (1956:13-16) que sugere que viver o cotidiano é uma forma de representação deste, com Bronislaw Malinowski (2005:6-7) que argumenta que viver o cotidiano é parte do método etnográfico, e Michel de Certeau (1990:29-33) que lembra que estranhar o cotidiano é fundamental para o fazer a antropológico.

Ainda sobre o fazer etnográfico do cotidiano, percebi nele relações que estavam até então ocultas, naqueles complexos sistemas de arranjos acadêmicos, que definem, “quem é parente e quem não é”, tomando como empréstimo o termo proposto por Janet Carsten (2000:4-6). Assim é possível pensar com este trabalho em algumas redes de parentesco na “família antropológica luso-brasileira”.

“É tudo da família”. É o que eu escuto da docente, para tentar sugerir que estudantes de antropologia de “origens brasileiras” são integrantes, “desde sempre” da história da antropologia portuguesa, posteriormente ao meu pedido de permanência em classe como aluno ouvinte. Complementado com uma tentativa de falar “em brasileiro”: “É eles cá, e nós lá, **né**? E isso não vai mudar.” Interessante mesmo é o uso de “eles” e “nós”, de “lá” e “cá”, quando “somos uma só família”. *Uma situação similar* propiciou sérias mudanças na produção de

minha primeira grande pesquisa em Lisboa  
(Virgílio, 2015:74-75).  
[Diário de campo, de 17 de março de 2015]

A tarefa de escrita pode ser mais dolorosa e complexa do que simples concentrações de escrita noturnas, antes de dormir. Ao perceber que não apenas uma gripe, e por isso a cada cinco minutos é necessário se levantar para ir limpar o nariz, ou que a cada uma ou duas horas de leitura no computador se repara não um ou dois fios, mas verdadeiras mechas de cabelo sob o teclado do computador, a situação começa a se revelar quase assustadora. Me lembro de um dos primeiros textos que li sobre subjetividades, de Miriam Pillar Grossi:

Doenças são muito comuns no momento da escrita da tese. [...] Sugiro tomar estas doenças como “sintomas” do sofrimento maior, que é o da escrita da tese [...] Muitas foram as doenças que me foram espontaneamente relatadas: perda de dentes, alergias, vários tipos de câncer, infartos, problemas sérios de coluna, miomas, tireidismo, abortos espontâneos, sem falar em freqüentes cólicas, diarreias, gripes e resfriados. [...] meus informantes não estabeleciam relações entre as doenças e a tese, mas as doenças eram a explicação pela “demora do fim da tese” [...] percebi também o quanto estes argumentos parecem tocar bancas e professores [...] como se efetivamente a doença fosse um argumento socialmente reconhecido como legítimo e auto-explicativo. [...] Talvez fosse mais saudável se conseguíssemos permitir a nossos alunos a elaboração do que significa o processo criativo de escrever uma tese. (2004:225)

Jamais, no entanto, ousei pedir maior prazo. É, ao meu ver inconcebível. Mesmo quando me pego em alternância entre dormir e escrever naquele longo voo para casa:

Ao decidir que onze ou doze horas de voo entre a Espanha e o Brasil são adequadas para revisar e idealmente remover “marcações em vermelho” desta primeira versão da tese não esperava que ao término deste período de releituras e reescritas proporcionassem além de um maior número de

páginas, uma significativa quantidade de novas marcações.

[Diário de campo, de 9 de julho de 2015]

Eu não conseguiria pensar em qualquer outra coisa. Não faço ideia do que comi no avião, mas posso enumerar as páginas que acrescentei<sup>9</sup> e as que removi, de marcações<sup>10</sup>, na minha última viagem transcontinental.

---

<sup>9</sup> Foram exatas doze páginas incluídas. Destas, duas eram de novas marcações.

<sup>10</sup> Escrevi duas novas páginas inteiras de itens a incluir e revisar ao fim da escrita.

## 1 OBJETO DA INVESTIGAÇÃO

They do it when they see a creature do something, and they are sure: First, that the creature did not learn how to do something and, second, that the creature is too stupid to understand why it should do that. [...] When they see that all members of the species do the same things under the same circumstances; and when they see the animal repeating the same action even when the circumstances are changed so that action fails.<sup>x</sup>

Gregory Bateson<sup>11</sup>

Porque escolher a Antropologia Portuguesa como objeto de estudo no mestrado? Tendo inicialmente entrado no mestrado com um projeto no campo dos estudos de gênero, a decisão de aprofundar a reflexão iniciada na graduação sobre o contexto português de deveu à diferentes fatores.

Um deles foi a possibilidade de voltar à Portugal, inicialmente por um mês, em julho de 2014, graças ao apoio de projeto do CNPq desenvolvido pela equipe do NIGS, que me permitiu participar de dois congressos internacionais na Europa, sendo um deles o Congresso Bienal da Associação Europeia de Antropologia Social (EASA), onde percebi a importância de conhecer melhor algumas antropologias contemporâneas da Europa.

Um segundo motivo foi a obtenção da bolsa para realização de estágio sanduíche no programa Erasmus Fellow-Mundus para voltar à Lisboa por dois semestres letivos, a partir de setembro de 2014.

Com estas duas viagens, pude elaborar um projeto mais preciso sobre o que viria a ser o objeto desta dissertação: a antropologia portuguesa contemporânea.

De forma próxima aos indígenas do nordeste que segundo João Pacheco de Oliveira (1998:47-48) não possuem reconhecimentos como indígenas pela ausência de saber mínimo em etnologia indígena de outrem, eu percebia em minha experiência como estudante de antropologia no Brasil e em Portugal que há uma ausência de aprendizados em “antropologias de outrem”.

Esta situação pode ser agravada para quem está nos “subúrbios da antropologia”. Em minhas diferentes experiências de formações

---

<sup>11</sup> Cf. BATESON, G. *Metaphor*. 1987b:53-54.

antropológicas no sul do Brasil eu percebi que há uma hierarquia, onde alguns seriam considerados “melhores” e outros “piores” objetos de pesquisas etnográficas.

E nesta hierarquia de legitimidade enquanto tradicionais objetos de pesquisa para a antropologia, estudar a própria disciplina e seus nativos não é vista automaticamente como uma legítima investigação antropológica.

Segui trabalhos como o de Clifford Geertz sobre história da antropologia, buscando escutar antropólogas e antropólogos portugueses em seus contextos de produção, refletindo sobre a constituição internacional de uma antropologia local.

Nesse contexto, sem possuir grande reconhecimento como antropólogo, com limitada acuidade financeira, quando se abriu a oportunidade de fazer “campo no estrangeiro”, a tomei como um grande dom, uma dádiva.

Um primeiro grande desafio de contextualização que encontrei foi o de tentar estabelecer limites do campo. O que desejava mapear e o que considerava como características do que se compreenderia como “antropologias portuguesas”?

Uma aproximação inicial se deu em torno de problematizar o que se entende por antropologias lusófonas: antropologias portuguesas, brasileiras, luso-brasileiras ou transatlânticas? Eram muitas as aproximações iniciais possíveis e optei por refletir sobre a antropologia portuguesa em suas relações com outras antropologias mundiais, mas em especial em suas relações com a antropologia brasileira.

Generalizantes idealismos sobre convergências teóricas ou metodológicas, assim como inocentes aceites de estados da arte tendem a revelar desconhecimento das formações, correntes e cursos da disciplina.

Ainda que a produção de tais bibliográficos compêndios pode se tornar de alguma valia por permitir pontos de contatos com objetos, agentes e campos de estudo que almeja alcançar, o risco é reduzir a pesquisa a uma dada concepção.

Assim, meu objetivo foi tentar mapear como são construídas as relações entre antropólogos, buscando perceber estruturas e níveis de influências e hierarquias, rupturas e continuidades, passadas ou presentes no interior da antropologia portuguesa. Dotadas de maiores ou menores impactos, as análises declaradas como comparações por contraste, podem ser comuns, como aquela executada por João de Pina-Cabral (2008:237), ao tratar de uma aparentemente simples análise de nomes, por exemplo.

E porque classificaria o campo que estudo como de uma antropologia pós-colonial?

Seguindo a proposta de Talal Asad (1973:15-18), eu busquei entender o que outros poderiam classificar como “antropologia colonial”. Outros autores, como Maximilian Forte (2010:10), poderiam chamar este processo de construção antropológica nacional de “neocolonialista”. Todavia, eu prefiro seguir a definição de Miguel Vale de Almeida (2014:31-32) de antropologia pós-colonial.

Outros resgates, alguns descabidos, ao pensamento de Walter Mignolo (2010:19), podem permitir se auto declarar enquanto processos descolonizadores, sob alegadas pertenças do sugerido sul mundial. Enquanto outras alegações, já em discursos próximos ao que Marcel Merle (1971:18-28) define como anticoloniais são também possíveis, ainda que, como a de Marcel Merle, sejam orientadas por fortes influências, diria ideológicas, cristãs.

E apesar de discursos sobre a construída pós-modernidade usualmente alardearem o fim da modernidade, como o visto na introdução do livro organizado por Carlos Reynoso (1998:11-15), é possível ir além do aparente óbvio e perceber que o provável é a multiplicação e não o extermínio de categorias de origem, como o provocativo exemplo de Aihwa Ong onde apresenta nova forma de modernidade na China (1996:64-65;84-85).

Ainda que pulverizações de modernidades não sejam automaticamente percebidas com tais alcunhas, ou em próximas lógicas, é possível sugerir que ditos pós-colonialismos, podem ser característicos por abrir espaços à facetas de emergentes novos colonialismos, independentemente de receberem próximas nomenclaturas e percepções.

Neste sentido, pretendo avançar com a proposta de Miguel Vale de Almeida quando sugiro que ainda que dotadas de demasiadas pretensões, pode ser esperado que escritas críticas colaborem para tecer aproximações teóricas, metodológicas e reflexivas que permitam algum avanço para além da

análise antropológica dos processos de poder-saber coloniais, a abordagem etnográfica dos terrenos ex-coloniais e a consideração do *continuum* histórico e da mútua constituição das identidades de colonizadores e colonizados [que] estão apenas no início (2014:40-41).

Não se parece também fazer necessário retomar a desconstrução da fabricada unidade cultural ou política em espaços tidos como luso-brasileiros ou tampouco resgatar as problemáticas de “inocentes” positivas valorizações à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e outros órgãos e instituições similares.

*Foi criada uma horizontalidade em que nós não quisemos por um lado, por razões talvez políticas e ideológicas de todos nós, brasileiros e portugueses, não caímos na armadilha de chamar isso de lusofonia. [...] Fomos pelo lado de que, ok, nós somos os dois periféricos, temos uma ligação histórico cultural, e temos formações internacionais parecidas. E neste sentido somos cosmopolitas. [...] Então, tentamos fazer uma coisa contra-hegemônica, por assim dizer [...] que fosse mutualmente benéfica, que não tivesse a ver com nenhuma ilusão ou elogio de lusobrasilidade, nenhum resgate ao passado. [...] E **uma das formas de fazer isso foi olhar criticamente para essas continuidades colonial e pós-colonial.***

[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Mais do que embrenhar pelos caminhos ocultos do desconhecido passado, é possível que etnógrafas e etnógrafos se permitam encontrar antropologias, em comunhões com interlocutoras e interlocutores com quem produzem diálogos em seus campos de pesquisas e aprendizagens. Uma antropologia com outrem, e não sobre outrem.

E aqui, me apropriado também do discurso de Antônio Carlos de Souza Lima para questionar se de certa forma não se pode compreender que o traçado visa estar

buscando recuperar certas dimensões excluídas das análises mais pujantes. As formas políticas, as tradições de conhecimento geradas na metrópole e redefinidas através do confronto e da experiência colonial, efeito de um processo de mútua constituição, num mundo que hoje é cada vez mais pensado a partir de noções como as de *fluxos, redes e processos*, [que] têm permanecido de fora de uma pesquisa aprofundada (2014:156).

Tomei como foco na pesquisa as relações entre antropólogas e antropólogos portugueses com brasileiras e brasileiros e entre antropologias lusófonas. Esta proposta foi inspirada na análise de Miriam Pillar Grossi (1998:303) sobre a complexidade das relações afetivas que podem desaguar em ciclos de violência. Observei em campo que muitas vezes instituições são percepções idealizadas e muitas vezes quase isoladas das redes que são parte.

Em um devaneio maior, é permitido acreditar que ao analisar as relações, pode ser possível perceber partes de dinâmicas em uso e alcançar vistas das transformações de campos de estudo que se espera conhecer.

Isto porque além de tornar difícil o cruzar de fronteiras entre os fabricados e impostos limites entre campos ou áreas de saber, é capaz de enviesar os passos dados na pesquisa para pouco, ou nada, além do caminho anteriormente conhecido ou construído por outrem. Escutemos um pouco as interpretações de nossos interlocutores portugueses sobre a segmentação no interior da disciplina, seja a nível nacional ou não:

*Outro problema, no meu entender gravíssimo, desse sistema, é que é um sistema completamente, espalhado, por caixinhas com nomes, por caixinhas com temáticas, e que não dão qualquer espécie de existência as interações, portanto ou é migração, ou é género, ou é [cultura] material, ou é não sei o que... Pras migrações é preciso citar aqueles, pro género é preciso citar os outros, e, portanto, estamos numa máquina de produzir, de forma sistemática, mais do mesmo, e onde a criação e a inovação morreram.*

[Entrevista com Filomena Silvano]

*Mesmo com a escala gigantesca da antropologia brasileira, ela era provinciana. [...] Porque os antropólogos brasileiros faziam trabalho de campo no Brasil e discutiam com antropólogos brasileiros. Ainda hoje esse problema se nota, por exemplo, nos artigos que são submetidos à [revista] Etnográfica<sup>12</sup> vindo do Brasil. A citação é toda interna. É um enorme problema.*

---

<sup>12</sup> Remete a revista Etnográfica, de ISSN: 2182-2891.

[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

João Leal sugere na aula inaugural do mestrado em antropologia da Universidade Nova de Lisboa que “a pulverização teórica é o estado atual da disciplina”. O que me leva a escrever em meu *caderno de notas* se faz qualquer sentido uma busca por tal estado. Esta proposta situação, em adição as críticas de pesquisas que pelo que as percebo, partem de embasamentos teóricos para atingir e justificar enquadramentos temáticos com frequência previamente escolhidos, podem render preciosos questionamentos em antropologia.  
[Diário de campo, de 8 de setembro de 2014]

Por fim, em inúteis tentativas de evitar generalizações, há frequente atração por vertentes que se não estão envoltas nas produzidas reflexões de analistas que apenas ao local estão atentos, destas é que distanciam os olhares, em deslocamentos de percepções que buscam encontrar o global. Michael Kearney (1995:549-551) já evidenciou como são problemáticas estas construídas separações por fronteiras ou limites entre locais e globais.

Assim, pode ser permitido compreender que há muitas possibilidades e espaços entre abordagens de análise ditas micro ou macro, onde tais separações e distinções em antagônicas e isoladas posições para usos em relatos de pesquisa são desnecessárias, principalmente quando remetem a sugeridas exclusividades, remetendo ao optar entre o local e o global.

Compreendo que mobilidades entre tais extremos pontos de vista podem ser preciosas e incentivadas enquanto problematizadas, e valorizadas quando reversíveis, relacionais e permutáveis entre si. Pode-se inclusive esperar algum alargamento das percepções sobre o campo nestes constantes deslocamentos de perspectivas.

Neste sentido, esta dissertação de mestrado espera contribuir para reduzir esta distância e incentivar este tipo de diálogo. Que colegas do outro lado do atlântico, ou mesmo deste lado, se sintam com suficiente motivação para colaborar neste desbravamento. Não penso estar em um monólogo neste sentido quando escuto que:

*Do ponto de vista da pesquisa, eu percebo que para os brasileiros tem [...] com tantas opções de pesquisa, [...] que Portugal não seja propriamente uma coisa muito “apelativa”, [...] mesmo assim,*

*continua a haver um certo trânsito, já não tanto de sênior, mas de estudantes de doutorado sanduiche [...] eu próprio tenho recebido estudantes [...] em regime de mobilidade [...] agora a nível de sêniore, eu acho que poderia haver mais interesse. [...] Nós sobretudo. Eu acho que para um antropólogo português, é uma oportunidade de trabalhar sobre coisas muito diferentes, mas que usam a mesma língua, e que Portugal teria dado intermédio, [...] não é aquela alteridade total, [...] mas também não é fazer antropologia em casa.*

[Entrevista com João Leal]

E retornando ao ponto anterior, a projetada separação entre pesquisas procurando pelo tido como local e pelo tido como global em antropologia, pode ser comparada a indevida separação construída, e por vezes até incentivada, entre práticas tidas como teóricas e como pragmáticas, como exposto por Michael Herzfeld:

A scholar is never just a theoretician or a pragmatist. [...] Scholar alike oscillates between contrasted rhetorical poses for which they can deploy a rich store of symbolic flags and stakes. There is nothing deprecatory about calling both aspects of both parallel situations rhetorical, unless one starts pre-emptively from an absolute distinction between the tropological and the literal, or between the ideal and the real (and in that case there is nothing to argue about). [...] And although one might be excused for occasionally doubting it -for such is professional rhetoric- anthropologists are social beings too. (1987b:205)<sup>xi</sup>

De certa forma, enquanto há deslocamentos e trocas de posições, pode-se ter esperança de alcançar partes disto tudo, e algo mais, procurando compreender algumas das relações constituídas e constituintes, enquanto são delineados e se possíveis também percorridos sutis traços de vista, como sugerido no passado (Virgílio, 2015:70), de parte das antropologias que desrespeitam as inventadas e invisíveis fronteiras que estão riscadas entre tantos lados de um oceano azul.

Oceano azul, que é próximo ao exposto por Woo-Chan Kim e por Renée Mauborgne em texto homônimo (2005:4-5), de antropologias que fugitivas de forçosos enquadramentos temáticos, permitem negar sujeições de apresentações enquanto pontos temporais de passados a ser registrados enquanto contemplativos e alegados como explicativos.

Uma proposta similar de crítica a contemplação que se sugere explicativa já foi desenvolvida previamente por outros autores clássicos, como Edmund Husserl (1973:111-115). Oscar Calavia Sáez escreve em linhas quase próximas (2011:599):

Mas a antropologia, um tanto surda à sua própria história, continua a se comportar como se fosse precisamente aquilo que já decidiu não ser: uma disciplina paradigmática. Estamos a criar cursos de antropologia em que, um ano após o outro, se ensina teoria antropológica. Os orientadores exigem e os estudantes aspiram a elaborar uma boa discussão teórica. Tudo isso é muito legítimo. Mas, curiosamente, não há a mesma pressão para que os pesquisadores descubram algum objeto novo: modesto, pequeno, mínimo se quisermos, mas novo. Há mesmo uma certa prevenção contra aspirações desse tipo: não seriam excessivas e desnecessárias? Afinal, o que se pode deduzir de uma discussão teórica onde em rigor não há refutação é que não há nada de novo sob o Sol? A praia toda está ocupada. E além disso, se a antropologia é uma ciência permanentemente jovem, então a exigência de originalidade de qualquer pesquisa talvez pudesse se cumprir descobrindo cada vez, por toda a parte, os mesmos novos objetos.

Ao evitar frenéticas e fanáticas buscas por “explicações” sobre idealizados mitos de origem de relações específicas e passadas, tornam-se tangíveis outros encontros e aproximações com parte das relações analisadas. Pode-se compreender quase que como um incentivo que permitem autores como João Leal (2011:332) questionar para onde vamos:

Besides being more sensitive towards our disciplinary past we must also be more critical towards our current predicaments: it might well be

that we keep reproducing - albeit in a different jargon - the same mistakes that we have accused our ancestors to have made.<sup>xii</sup>

Timothy Ingold (2007:52) nos lembra da importância de tecer descrições na prática etnográfica, literalmente buscando cada fio ou linha de desenvolvimentos prévios. E resgatando a proposta de traços de vista, se torna permitido pensar sobre potenciais que podem ser atingidos ao tecer deslocamentos de perspectivas em traços de vista. Especialmente quando antropólogos como Filipe Verde nos lembram que:

Dessa integração e assimilação desses olhares sobre um mesmo objecto resulta uma nova compreensão deste, que não é certamente fiel às intenções e sentidos originais, mas que, por isso mesmo, por beneficiar da componente perspectival inerente à distância e à diferença, pode conduzir à fusão e alargamento dos horizontes do visível e do compreensível. (1997:122)

Desta forma, mais do que encontrar uma ou mais respostas, para antecipadas e fabricadas “perguntas de saída”, via invocação de uma ou mais rigorosamente seleccionadas “metodologias de pesquisa”, para um ou mais específicos públicos de “temáticas leituras acadêmicas”, é possível compreender que pesquisas permitem algum aprendizado, ao desamarrear alguns dos nós que são forçadamente presos e lacrados entre projeções de teorias, métodos e temáticas de pesquisa.

Hoje, numa das últimas aulas da disciplina de teoria antropológica no mestrado em antropologia, aqui em Lisboa, nós tivemos a primeira aula de métodos. Após longas horas de explicação sobre a “importância e uso de métodos em antropologia”, o docente esclarece, ao corpo de vinte-trinta discentes sem grande formação em antropologia que *todos os livros de metodologia não se aproximam de algo que seja “suficiente”, pois cada caso é um caso.*

[Diário de campo, de 15 de dezembro de 2014]

Uma situação próxima já havia sido observada antes, ainda quando eu analisava o programa de curso e a ementa da disciplina de *Teoria e métodos em antropologia*, do mestrado em antropologia da Universidade Nova de Lisboa e tecia primeiras reflexões sobre o curso:

Destaco que as duas-três únicas aulas de método durante todo o período de mestrado em antropologia que faço em Portugal, são incluídas na única cadeira de teoria antropológica e são independentes da existência de qualquer disciplina homônima no curso. Há, no entanto, constantes incentivos e também alertas para todo o corpo discente nas aulas, principalmente sobre a escrita da *tese*<sup>13</sup> e sobre a urgência em definir “o que vão pesquisar”.

[Diário de campo, de 4 de novembro de 2014]

Ainda que em maiores aceites e afirmações apenas recentemente, pode se afirmar que é sabido em antropologia portuguesa, como diria João de Pina-Cabral (2013:257), assim como José Mapril e Susana de Matos Viegas (2012:514), que entre quem escreve os textos finais da pesquisa e eventuais interlocutoras e interlocutores é comum a presença de relações de mutualidades.

Assim, na hipótese de se relacionar com docentes de antropologia como principais meios de interlocução com o campo, estas mutualidades podem revelar e desenvolver facetas singulares.

Por exemplo, ao optar pelo estudo, aprendizado e análise da antropologia portuguesa, permite-me um contato com o outro simultaneamente ao ter uma perspectiva externa sobre meu próprio contexto, dadas as relações entre as antropologias brasileiras e portuguesas, já expostas.

A proposta de remeter a processos pós-coloniais de confecção de antropologias, em muito se deve ao modo como o produzido no Brasil é tido como hegemônico local em um contexto subalterno mundial, e aquele produzido em Portugal é visto como subalterno local em um contexto hegemônico mundial, notadamente quando remetemos a recortes político-geográficos (América Latina, Europa, sul/norte mundial, etc.) ou enquanto referências ou marginalidades das grandes escolas ou de grandes pensamentos antropológicos.

---

<sup>13</sup> A “equivalente” à brasileira dissertação de mestrado é denominada tese em Portugal.

## 2 CONTATOS PRÉVIOS E OUTRAS INICIAIS PERCEPÇÕES

Penso que não foi o acaso que levou cada um de nós a seguir uma trilha diferente, pois na verdade cada caminho reflete a forma individual e subjetiva do encontro de si mesmo a partir do encontro com o outro.

Miriam Pillar Grossi<sup>14</sup>

Apresento neste item como se deram os contatos com meus e minhas principais interlocutoras, em particular no processo de entrevistar elas e eles.

Mais do que seguir a proposta de Timothy Ingold (2007:51-52) em tecer o que identificamos, como neste caso específico, linhagens de parentesco, talvez como aquelas antropológicas, possíveis de serem vistas na proposta de Mariza Peirano (1995:18-21), existentes nesta densa malha de redes de relações, pode-se tentar avançar sobre os ocultos impactos de ignorar o excessivo e valorizado peso dado à história, em antropologia.

William Ross Ashby, por exemplo, apresenta uma definição para caixas pretas (1956:86-117), que facilmente podem ser aplicadas para o que ocorre nas ciências humanas quando não há grandes questionamentos por parte de suas adeptas ou seus adeptos aos ideais de continuidades, e que se produzem usualmente por narrativas históricas e temporais, não raras vezes sendo apenas impressões de idealizados resgates que primam por serem fiéis a específicas ordens ou fantasias cronológicas.

### **As entrevistas**

Complementei a pesquisa de campo, inicialmente por uma e posteriormente com mais dez, entrevistas com docentes de antropologia em Portugal, mesclando entrevistas com meus professores e minhas professoras com pesquisadoras e pesquisadores de referência local mas com os quais não tivera oportunidade de ter aulas.

Foi realizada em um domingo, fora do período letivo e em uma praça, uma primeira entrevista<sup>xiii</sup>, exploratória, com o professor Paulo Raposo, do ISCTE, onde além de trazer importantes considerações sobre a arte, o ativismo, movimentos sociais e a antropologia, apresentou um

<sup>14</sup> Cf. GROSSI, M. Na busca do “outro”, encontra-se a “si mesmo”. 1992:15.

mapa geral das relações antropológicas entre Brasil e Portugal por ele conhecidas, permitindo mapear inúmeros outros nomes.

Adiante que a essa lista de nomes seria necessário adicionar uma outra, com outros tantos que me foi impossível contatar ou entrevistar durante a segunda fase da pesquisa de campo, em 2014 e em 2015. Aquelas e aqueles que consegui entrevistar, cito abaixo mínimas informações:

Filomena Silvano, docente da Universidade Nova de Lisboa, foi a segunda entrevistada. Nossa conversa se deu alternada entre momentos de fala comigo em sua sala de trabalho, e nos arredores de um exame final que aplicava a uma turma de licenciatura. Falou sobre patrimonialização, antropologia urbana, produção acadêmica, financiamentos e principalmente mobilidades em e na antropologia.

A terceira entrevista foi um reencontro<sup>15</sup> com o professor Paulo Granjo, que havia sido meu professor na Universidade Nova de Lisboa, e agora se encontrava em sua nova sala, no Instituto de Ciências Sociais, vinculado a Universidade de Lisboa. A entrevista ocorreu enquanto escutamos aviões a decolar e a pousar do e para o aeroporto de Lisboa. Granjo me falou sobre os problemas de singularizar a África, sobre metodologia e trabalho de campo, e o papel da antropologia na pluralização de conceitos.

Após um encontro inicial em Tallinn, durante o congresso da associação europeia de antropologia social (EASA) em julho de 2014, é em sua sala, no ISCTE que a ex-presidente da Associação Portuguesa de Antropologia, Antónia Pedroso de Lima, me recebe para falar sobre a importância do Brasil na história da antropologia portuguesa e apresentar agentes e instituições que fizeram, sob sua perspectiva, parte deste processo.

E na mesma semana, alguns dias antes, havia sido Miguel Vale de Almeida, quem me recebera, na mesma sala de Antónia, pois compartilham o mesmo espaço enquanto docentes no ISCTE, para falar sobre a importância do Brasil para estudos pós-coloniais em Portugal.

A professora Ana Isabel Afonso, docente na Universidade Nova de Lisboa, me recebeu em sua sala para resgatar os primórdios da antropologia em Portugal, e apresentar o campo da antropologia aplicada e os seus desenvolvimentos em Portugal.

Ainda sobre a história da antropologia em Portugal eu conversei com João Leal, também da Universidade Nova de Lisboa, resgatando a

---

<sup>15</sup> Em 2013.2 o professor Paulo Granjo foi desligado da Universidade Nova de Lisboa.

importância do registro e da pesquisa, dialogando sobre os rumos passados, presentes e futuros da antropologia em Portugal e no Brasil.

Dialogo também com Cristiana Bastos, professora do Instituto de Ciências Sociais, em dois momentos, sendo ambos em sua sala, para desenvolver sua análise sobre os primórdios das relações entre as antropologias brasileiras e portuguesas.

Um dia antes de viajar de volta para o Brasil, em julho de 2015, visito e entrevisto Catarina Alves Costa, em sua sala, na Universidade Nova de Lisboa, onde falamos sobre o uso da câmera de vídeo em etnografia, autorias de e em filmes etnográficos e sobre os diálogos de antropologias visuais brasileiras e portuguesas.

Na mesma data e no mesmo prédio, a professora Clara Saraiva, presidente da Associação Portuguesa de Antropologia (APA), também da Universidade Nova de Lisboa, já no período noturno quando se dispôs a me falar sobre os complexos sistemas de nomenclatura da antropologia em Portugal durante e após os períodos de ditaduras portuguesas, e os elos que perpassam pela antropologia nestes períodos.

E mesmo no dia de meu embarque, consigo entrevistar, um ou dois pares de horas antes do embarque, Rui Mateus Pereira, professor da Universidade Nova de Lisboa, na mesma sala onde falava com Ana Isabel Afonso. Nestas últimas horas em solo português falamos sobre antropologia colonial, história da antropologia portuguesa, e da crescente colonização da antropologia<sup>xiv</sup>.

E assim, pergunto quais são as distâncias e diferenças desde o início daquelas semanas que inocentemente são percebidas, e covardemente delegadas, para ter a responsabilidade de representar o trabalho de campo que orienta este ensaio e as pesquisas com as quais há a tentativa por um matrimônio acadêmico e estas, que ao final, ainda que não delegadas o fazem.

Se no início desta pesquisa me encontrava em apuros pelo pouco tempo disponível, como dito, despedaçadas semanas entre ir e vir, ao final da respectiva ocorre um *déjà vu* devido a próximas, ou similares percepções.

É a última semana em Lisboa. Faz-me imensa impressão o acúmulo de entrevistas, transcrições, e como isto começa a dar cabo de minha saúde.

[Diário de campo, de 28 de junho de 2015]

Se antes, quis acreditar ser viável entrevistar umas quantas pessoas em umas poucas semanas, agora começo a ter desespero pela iminente passagem, já adquirida, de retorno ao Brasil, e óbvio receio do tempo disponível não ser suficiente.

Estamos em maio. Na próxima semana é meu aniversário. E das doze entrevistas eu fiz apenas duas. E nisto me recorro que em junho já não estará ninguém em Lisboa, por conta do verão.

[Diário de campo, de 8 de maio de 2015]

Ao reparar que restam pouco mais de um mês para convencer algumas pessoas a concessão de uma entrevista, gravada, o desespero pode surgir. A situação se agrava, quando com a maior parte já foram trocados vários e-mails, e com uma destas pessoas inclusive já havia feito a entrevista, mas tido problemas com o gravador.

Ainda que não sejam evidentes e em tempo de anotar no diário de campo, não havia, na verdade, tempo hábil antes disso. Eram necessárias leituras. E sem as leituras as entrevistas seriam infrutíferas, ou pouco pertinentes. Provavelmente teriam de ser feitas, duas, ou três vezes.

E nisto lembro-me da primeira pessoa que me responde o e-mail, parece mesmo que foi ontem, quando eu já havia mandado uns três e-mails. E a última frase do primeiro contato é logo alertando-me sobre o básico da comunicação com docentes em Portugal, ao fim do e-mail, encontro:

“Ps.: desculpe esta sugestão: talvez ninguém lhe tenha dito que a forma “vós” já não é usada há séculos. Os filmes usam isso para a realeza, alguns romances idem, e há um remanescente nalgumas partes do país para plurais. Nunca para singulares”.

[Diário de campo, de 4 de agosto de 2015]

Esta capacidade de anteceder a proposta, ou mesmo de acelerar me o processo, como já reportado é visto noutros momentos, como nas entrevistas, quando em alguns casos, a própria ideia de fazer listas ordenadas de perguntas, vai se parecendo com algo quase estúpido. Revela que a comunicação e a desenvoltura está em tal nível de

plenitude que as perguntas vão sendo respondidas, na ordem que eu as havia proposto, sem nem mesmo ser necessário eu as enunciar. É mágico. Talvez seja outro tipo de magia, típica de antropólogas e antropólogos.

Nesta correria de entrevistas com um docente duas horas antes de ir ao embarque, e outras duas pessoas no dia imediatamente anterior, eu acabo não adquirindo presentes para nenhum parente. Também não tenho tempo de trocar as moedas fora do aeroporto. Vou chegar no Brasil com menos de 20 reais. Não pagará nem um taxi. Não somente, tive duas malas quebradas, e por falta de tempo para as organizar, levo uma terceira. É mais barato pagar uma mala adicional do que enviar pelo correio internacional 120 livros de Portugal.  
[Diário de campo, de 9 de julho de 2015]



### 3 NOVAS APROXIMAÇÕES E RECORTES ÀS PESQUISAS<sup>xv</sup>

Uma das vantagens de pesquisas realizadas pela internet está na possibilidade de afastar a pesquisa de limites de círculos territoriais, pessoais e sociais, garantindo maior distância do cotidiano. Pode-se adotar a navegação em modo privado ou anônimo<sup>16</sup> ou realizar uma limpeza da memória de cache<sup>17</sup>, para reduzir resultados intrinsecamente próximos a buscas anteriores ou ao histórico regular de uso da internet, por exemplo.

Para ilustrar<sup>18</sup> meu argumento, se buscamos no Google o termo “antropologia”<sup>19</sup> temos resultados em dimensões impossíveis de análises em tempo hábil e, principalmente distantes dos objetivos de pesquisa. As inclusões de termos adicionais como “curso ou departamento”<sup>20</sup>, “faculdade ou universidade”<sup>21</sup> podem produzir resultados mais específicos aos contextos acadêmico-universitários. E uma busca pelo conjunto dos termos “antropologia e Lisboa”<sup>22</sup>, pode permitir situar próximo a um contexto regionalizado, e limitado quase ao contexto acadêmico.

São provavelmente acusados centenas de milhares ou milhões de resultados em cada uma destas primárias somas de variáveis de buscas, incentivando o uso de novos filtros, quem sabe em amálgamas dos existentes<sup>23</sup>, como unir os termos “antropologia, curso, departamento, faculdade, universidade e Lisboa”.

Ao adicionar termos a busca, a quantidade de resultados pode reduzir cada vez mais. E após estes testes de compatibilidade de filtros, talvez uma opção seja a utilização de filtros complexos, como a função OR<sup>24</sup>, concatenando resultados em uma seleção mais inteligente e mais aglutinante, onde é possível receber milhões de resultados, sem perder o foco aparente a recortes sugeridos de pesquisa.

---

<sup>16</sup> Cf. GOOGLE. Navegar em modo privado. 2015.

<sup>17</sup> Cf. GOOGLE. Limpar cache e cookies. 2015.

<sup>18</sup> Não são incluídos exemplos pois as consultas aos links fornecem versões atualizadas.

<sup>19</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/zEsIdq>.

<sup>20</sup> Resultados similares disponíveis em <http://bit.ly/1JhXcDt> e <http://bit.ly/1JhXgml>.

<sup>21</sup> Resultados similares disponíveis em <http://bit.ly/1JhXha6> e <http://bit.ly/1JhXhqS>.

<sup>22</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1JhWEgU>.

<sup>23</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1JhXNVL>.

<sup>24</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1JhXD0r>.

Outras opções de filtros complexos incluem a restrição a domínios específicos como .br .pt ou mesmo .edu<sup>25</sup>, buscando páginas hospedadas no Brasil, em Portugal ou mesmo páginas de instituições classificadas enquanto educacionais.

Este tipo de filtro pode reduzir a quantidade de resultados de pesquisa, e tende a remover dos resultados páginas de associações científicas e de centros de pesquisa, assim como quaisquer outras páginas hospedadas fora das instituições de educação ou em domínios terceiros, como .org ou .com, sendo sua efetividade questionável ou até incentivada consoante as pesquisas a serem realizadas.

É provável que ao proceder com a utilização de termos de busca em língua portuguesa os resultados se restrinjam, ou privilegiem este idioma, e neste sentido, a contextos lusófonos, que podem incluir Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, mas também Goa e Macau.

E dada alguma hegemonia da antropologia produzida na rede luso-brasileira entre todos estes cenários, esta pode ter algum destaque, e dependendo do contexto onde a pesquisa é realizada pode ser uma mais valia ou uma inconveniente e infiltrada distração.

Assim, a possibilidade de incluir alguns termos excludentes na pesquisa, como por exemplo “-wikipedia, -youtube ou -missionária”<sup>26</sup>, pode também ser acionada na tentativa de remover resultados distantes da proposta de pesquisa, incluindo domínios nacionais, como .br.

Também não se é descartável a presença de resultados em outros idiomas, falsos cognatos ou não, dos termos de busca, principalmente quando em escrita por idiomas de origem latina.

Se na busca individualizada do termo há expectativa por grande quantidade de resultados, mas dispersos do foco da pesquisa, em buscas com múltiplos termos há redução da dispersão, mas também da quantidade de resultados. É possível que a aplicação combinada de funções inteligentes<sup>27</sup> reproduza maior foco e elevada quantidade de resultados, alterando prioridades e regras de ordenação dos resultados.

E adotadas opções de procedimentos complementares prévios como navegação anônima<sup>xvi</sup> ou remoções de cache, os resultados podem ser apresentados em quantidade muito superior e menos viciados aos resultados recebidos em consultas simples, além de ordenados.

---

<sup>25</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1br71Dv>.

<sup>26</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1cbTnW5>.

<sup>27</sup> Resultados similares disponíveis online em <http://bit.ly/1cbUxAZ>.

Independente dos filtros ou termos utilizados, logo nas primeiras páginas de resultados devem surgir outros resultados inesperados como páginas não encontradas (erro 404)<sup>28</sup> que em alguns casos ainda podem, se necessárias, serem consultadas uma ou mais versões armazenadas no cache do Google<sup>29</sup> da página, ou mesmo em serviços como o [archive.org](http://archive.org)<sup>30</sup>.

Na coleta de endereços de acessos online de departamentos ou principalmente de páginas pessoais e centros de pesquisa, para posteriores consulta, é possível que determinados endereços de acesso se revelem inacessíveis temporariamente ou permanentemente.

Salvo os casos onde o endereço é informado indevidamente, buscas diretamente por termos relacionados ou mesmo pela nomenclatura pode resultar nos novos endereços, páginas em redes sociais ou até viabilizar o acesso as já citadas versões em cache destes endereços.

Os resultados que são exibidos priorizam termos que considere relevantes entre si, dando prioridades aos resultados que incluam maior quantidade de termos sugeridos na busca, promovendo dispersão do foco principal com o avançar para próximas páginas de resultados, como as mensagens que são disponíveis ao final de alguns conjuntos de resultados:

Para mostrar os resultados mais relevantes, omitimos algumas entradas muito semelhantes às já apresentadas. Se pretender, pode repetir a pesquisa incluindo os resultados omitidos clicando neste link.

A preocupação com resultados similares, parecidos ou idênticos pode ser contornada, seja para inclui-los ou para confirmar que estão removidos da longa lista de resultados da consulta.

E na hipótese de buscas orientadas a encontrar “nomes de docentes de antropologia em Portugal”, os resultados das primeiras páginas que disponibilizem “páginas de universidades com cursos na área de antropologia”, além das páginas destes cursos podem permitir acesso aos corpos de docentes de maneira bastante direta e seletiva.

---

<sup>28</sup> Cf. GOOGLE. Erros: Não encontrado (404). 2015.

<sup>29</sup> Cf. GOOGLE. O que é a versão armazenada em cache de uma página? 2015.

<sup>30</sup> Maiores detalhes em: ARCHIVE.ORG. Página inicial. 2015.

Para evitar reconsultas desnecessárias, pode ser válido produzir outra lista, com nomes de universidades onde os corpos docentes estão mapeados. Algumas universidades podem possuir listas de quadros de honra, sejam de ex-pesquisadoras e ex-pesquisadores, doutoras e doutores com formação recente ou mesmo docentes em estado de aposentadoria ou afastamento que também podem valer a inclusão à lista para análise posterior.

Nomes de centros de investigação, ou de projetos de pesquisa em curso ou concluídos também são possíveis de serem disponibilizados nas páginas das universidades, que em alguns casos ou contextos de pesquisa acabam por ser interessantes cópias para consultas posteriores.

Visitas individuais a páginas específicas de cada curso ou projeto podem informar sobre atividades realizadas em ambientes multi-institucionais, agregando novos nomes de universidades e de docentes a listas prévias. Consultas a páginas referentes às relações internacionais<sup>31</sup> podem ainda fornecer elementos e acelerar o desenho de cartografias de relações institucionais, como é observado na página do departamento de antropologia do ISCTE<sup>xvii</sup>:

O Departamento de Antropologia tem protocolos de cooperação com várias universidades. Destacam-se entre elas: **Universidade Federal de Santa Catarina**, Brown University, University of California - Berkeley, Indian Institute of Technology. Esses protocolos asseguram a circulação de docentes de acordo com as suas especialidades e com as temáticas dos cursos de pós-graduação oferecidos em cada ano. Está projectado para breve a formalização de novos protocolos com outras universidades estrangeiras seleccionadas em função da sua possível contribuição para o desenvolvimento das áreas estratégicas do Departamento, e que incluam a possibilidade de conferir graus de dupla titulação.

Após a consulta a duas ou três centenas de resultados da busca inicial, algumas situações envolvendo dúvidas quanto a inclusões de docentes de disciplinas do curso de antropologia, mas vinculados a outros departamentos, podem surgir.

É possível identificar programas de cursos onde todas as disciplinas são oferecidas por docentes do departamento de

---

<sup>31</sup> Cf. ISCTE. Relações internacionais. 2015.

antropologia<sup>32</sup>, ou programas onde o corpo docente do curso é compartilhado com docentes de departamentos terceiros<sup>33</sup> e neste último caso, ainda é possível ocorrer um único corpo docente para todos os cursos, não distribuído por departamentos<sup>34</sup>.

Não se pode descartar que em algumas instituições apesar de prévia existência de departamentos ou centros de investigação em antropologia ocorra conversões a ciências biológicas, psicológicas, e da cognição, ou educação física<sup>35</sup>.

Se a pesquisa referir apenas a redes entre docentes de antropologia, por exemplo, pode ser aceitável desconsiderar docentes que não possuam formação, experiência ou contatos evidentes com antropologia.

Uma coleta destes nomes, já com potenciais e individualizadas exclusões e adições posteriores em lista à parte pode facilitar a organização das informações encontradas e disponíveis online. Em poucas horas de trabalho é possível encontrar pouco mais de uma centena de distintos nomes espalhados por pelo menos dez universidades portuguesas, dentro e fora de Lisboa. A lista pode ser complementada e ampliada com listagens oficiais, mais<sup>36</sup> ou menos<sup>37</sup> atualizadas, ao nível de instituições, fornecendo uma aproximação credível dos corpos docentes com formação em antropologia e ministrando disciplinas em Portugal. As universidades que apresentarem um ou mais indicadores ou especificidades podem ser finalmente revisitadas pela busca mais precisa e individualizada ao nível de docentes<sup>38</sup>.

Terminadas estas buscas, a lista de docentes em Portugal com formações em antropologia, seja a nível de graduação ou pós-graduação, e considerando informações disponíveis online entre 2014 e 2015 pode ultrapassar a quantidade representativa de meio milhar de nomes.

---

<sup>32</sup> Identificado na Universidade Nova de Lisboa.

<sup>33</sup> Identificado no ISCTE e na Universidade de Coimbra.

<sup>34</sup> Ocorre no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e na Universidade Aberta.

<sup>35</sup> Identificado na Universidade do Porto e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

<sup>36</sup> Cf. MEC. Rebides. 2012.

<sup>37</sup> Cf. MEC. Rebides. 2011.

<sup>38</sup> Cf. MEC. Rebides. 2013.

A quantidade é superior ao número de membros atuais da associação portuguesa de antropologia<sup>39</sup>, ou das pessoas que participam de seus congressos nacionais, por exemplo.

Finalizada esta lista, pode ser valioso remover os nomes duplos e incluir recém doutoras, doutores, pós-doutoras e pós-doutores, sejam na figura de pesquisadoras e pesquisadores, nas figuras de titulares de diplomas ou mesmo para compreender outros extratos e nós das redes portuguesas de antropologia.

E por fim, pode ser complementada a lista de nomes com mais pesquisadoras e pesquisadores e seus diplomas recentes de doutoramento em antropologia para ter uma noção de últimas pessoas a ingressar no atual corpo de pesquisa e ensino em antropologia em Portugal, ou de relações que estão sendo “perdidas” ou “iniciadas”.

Com este corpo minimamente estabelecido, podem ser válidas novas visitas em todas aquelas páginas de centros de investigação, periódicos e de projetos, buscando por bolsistas, consultorias externas, corpos editoriais, teses defendidas, projetos finalizados e todo tipo de produção científica ou parcerias de produção que possam ser encontradas e que adicionem nomes à lista.

E assim como o trabalho de campo em antropologia sugere que após algum tempo “tudo começa a se repetir e ser quase previsível”, os poderosos métodos quantitativos de análise quase sociológica se revelam incapazes de mapear ocorrências de, como diria Bronislaw Malinowski (2005:15-18), “imponderáveis da vida cotidiana”, sendo saudáveis propostas que promovam contatos mais diretos com potenciais sujeitas e sujeitos de estudo.

Ao terminar a fase “final” de ampliações do corpo de estudo, preciosas especificações, que, no caso de procura por docentes com foco ou relações no Brasil, podem ser filtradas em consultas individualizadas em um longo, mas produtivo trabalho que pode passar por páginas que são a versão lusitana do brasileiro Lattes<sup>40</sup>, o próprio Lattes<sup>41</sup>, e repositórios de pesquisa de alcance global<sup>42</sup> ou sistemas online de arquivo de teses<sup>43</sup>, artigos ou livros.

---

<sup>39</sup> Informação obtida extraoficialmente, que remete a algo inferior há quatro centenas.

<sup>40</sup> Maiores detalhes em: DEGÓIS. Sobre o DeGóis. 2015.

<sup>41</sup> Maiores detalhes em: CNPQ. Sobre a plataforma lattes. 2015.

<sup>42</sup> Maiores detalhes em: ACADEMIA.EDU. About. 2015.

<sup>43</sup> Maiores detalhes em: RCAAP. Advanced search. 2015.

Assim são identificadas coproduções acadêmicas, focos de temáticas de pesquisa, visitas realizadas na condição de docentes, participações de congressos no Brasil, orientações e co-orientações com laços no Brasil, sendo possível atingir um grupo de menos de cinco dúzias de pessoas, que podem provocar e incentivar consultas e visitas aos perfis públicos em redes sociais<sup>44</sup>, mas também a busca por potenciais artigos em sites de jornais e revistas portuguesas, ou páginas pessoais, como blogs, falando sobre o Brasil, ou sobre brasileiras, brasileiros e Portugal.

Todas estas pesquisas, ainda realizadas em ambiente online, fornecem a matéria-prima, ainda bruta, para produzir primeiros e tímidos contatos com potenciais interlocutoras e interlocutores. E nesta zona de fronteira é que são produzidas tentativas pra cruzar os limites entre online e offline, e assim, um simples e-mail, pode permitir este raro momento de liminaridade, ou transição, onde, de uma maneira geral, os e-mails de contatos podem seguir certos corpos, bastante domesticados, de frases, que de maneira geral sugerem respeito, interesse e alguma relação mínima, que pode ser fortalecida ou evidenciada enquanto reconhecida:

- Cumprimentos iniciais, pessoais e direcionados,
- Apresentação mínima em uma ou duas linhas.
- Breve histórico de contatos e relações prévias com pontes existentes com quem se busca contatar. E confirmação de permanência nesta rede de relações, se possível.
- Demonstração de como este contato pode ser incluída na pesquisa como um todo.
- Sugestão mínima e aberta para datas e esclarecimento se há retornos diretos envolvidos.
- Agradecimentos e cumprimentos finais.

Uma primeira dificuldade óbvia pode ser levantar as informações de contatos das dúzias de docentes que espera-se, ou no mínimo busca-se contatar. Não é surpresa que tais endereços estejam desatualizados nas páginas, que não existam informações sobre os respectivos em CVs online, ou tampouco em publicações passadas. Alguns contatos de fato podem não ser possíveis por estes obstáculos.

---

<sup>44</sup> Por exemplo no <http://facebook.com> e <http://twitter.com>.

O exagero de homônimos que ocorre em Portugal, muito graças a lista de nomes oficial que o país mantém em uso<sup>xviii</sup>, é outra situação que pode necessitar de atenção dedicada. Para o caso singular das mulheres, o primeiro nome “Maria” é sumariamente removido de todas as listas de organização que construo, por questões de ordem prática. É de se reiterar que tal nome é frequentemente ignorado das próprias docentes em todas as referências que se auto declaram. Reforço aqui a minha surpresa, ao saber que várias das docentes que me deram aulas por [quatro] semestres a fio possuíam o mesmo nome, até então por mim desconhecido, que é o mesmo de minha mãe: Maria.

[Diário de campo, de 29 de agosto de 2015]

Após as tentativas de contatos iniciados com as seis ou sete dezenas de docentes as respostas podem ser imediatas de uma mínima parte, e distantes meses de outra mínima parte, sendo complementadas por ausências de respostas de significativa quantidade e com outras respostas distribuídas ao longo das próximas semanas.

Se subjetividades nas pesquisas em antropologia podem ser valorizadas, como sugerido por Miriam Pillar Grossi (1992:10-14), algumas vezes também podem ser vistas sob lentes de supostas revisões bibliográficas, ou até questionadas, é de se enaltecer que dentre as dezenas de docentes que são produzidos contatos, as respostas são maiores e mais rápidas exatamente das redes de relações mais próximas, ou parentadas, ainda que em parte desconhecidas.

E apesar de pesquisas etnográficas em ambiente offline usualmente serem sugeridas como muito singulares quando em comparação contra pesquisas etnográficas em ambiente online, como o visto com Jennifer Bechkoff *et alia* (2009:52-59), algo próximo a similaridades podem ser identificadas.

Talvez o que se deve destacar nas pesquisas online é a sua capacidade de inovação, pelo diálogo possível com a cibernética que Gregory Bateson já outrora trouxe à antropologia (1987a:481-483), permitindo assim revisar criticamente metodologias em antropologia, como a proposta de Philipp Budka (2011:3-6;11-12), em especial se há interesse em algo que remeta para uma antropologia do contemporâneo.

Tendo apresentado a metodologia desta pesquisa, passo à refletir nos próximos, sobre o contexto da pesquisa realizada em Portugal, analisando inicialmente a história da antropologia neste país.



#### 4 PASSADOS ANTROPOLÓGICOS EM PORTUGAL

The practical logic of this is exemplified by the Portuguese dictator Antonio Salazar's grimly perceptive remark that “happy countries have no history”.<sup>xix</sup>

Michael Herzfeld<sup>45</sup>

Várias são as análises “nativas” sobre a história da antropologia em Portugal ou na península ibérica. Há quem sugira, como Luis Ángel Sánchez Gómez (1997:298) que as antropologias em Portugal iniciaram próximas a 1870, sendo representativas por décadas de estudos “domésticos”, com foco em questões locais e de folclore. O mesmo autor explicita esta aceita transição em momentos como:

En resumen, la década de 1870 marca [...] el inicio de un proceso de transformación evidente [...] en el contexto intelectual. En el ámbito de los incipientes estudios folklórico-etnológicos, vamos a asistir al despegue de una nueva sensibilidad, [...] en gran medida de objetos de estudio locales. Pero al margen de los localismos tradicionalistas y costumbristas que todavía se mantienen y que tienen sus orígenes en otras épocas, los autores más destacados que ahora se interesan por el folklore lo hacen [...] con unos planteamientos teóricos y unos objetivos de análisis muy diferentes a los de etapas anteriores. (GOMEZ, 1997:297-298)<sup>xx</sup>

Estes estudos realizados em solo português, especialmente em Portugal continental, normalmente carregam grandes doses de percepções folcloristas, com maior foco no estudo de festas e ruralidades - campo de pesquisa que mantém resquícios na antropologia portuguesa até os dias de hoje. Esses estudos folcloristas tem alguma possibilidade de se consolidarem enquanto antropologias coloniais (GOMEZ 1997:303), já no século seguinte.

---

<sup>45</sup> Cf. HERZFELD, M. Difference as identity. 1987a:81.

Pois, se em um passado remoto português há primazia por uma “antropologia doméstica”, aquela feita em casa, e por nativos portugueses, como exposto por João Leal (1999:3-7), é admitido por outros autores, como por Rui Mateus Pereira (1989:64) que em outro momento, já no século XX, se amplia para uma antropologia feita nas colônias, uma antropologia de caráter médico-físico-biológico. Esta corrente terá como centro a Universidade de Coimbra e pode ser reconhecida como Escola de Antropologia Médica.

*Hoje começa haver, digamos alguma convergência, mas [...] havia uma certa divergência, primeiro porque essa gente que estava na antropologia física eram todos médicos [...] Aquela antropologia era uma anatomia dos povos primitivos [...] uma disciplina comparativa. Se quiser uma disciplina de anatomia comparativa. Ponto. Na crença de que as raças até de um ponto de vista físico eram diferentes e classificáveis entre si. Iam muito pelos fenótipos. [...] E com isso pensavam que essa diferença era fundamental. [...] Ou seja, essa marca, “ideológica”, da antropologia física, permaneceu e marcou. Portanto a etnologia, a antropologia social e cultural tem uma “repulsa” em relação a essa parte. [...] E depois a essa repulsa, juntou-se outra, quando foi a revolução [dos cravos], em 74-75 [...] havia também um mal-estar e uma convivência difícil com o seu passado colonial, e o que [é] que [se] fez? Aconteceu o seguinte: Deixou-se também a etnologia colonial ser contaminada pela [repulsa pela] antropologia física colonial. “É tudo a mesma coisa”, quando é [tudo] muito diferente.  
[Entrevista com Rui Mateus Pereira]*

Outras autorias, como Gonçalo Duro dos Santos colocam o final do século XVIII como ponto de partida:

É também a reforma pombalina de 1722 - no que constitui um dos primeiro indicadores institucionais do processo mais específico de emergência e de autonomização do campo da actividade antropológica moderna em Portugal - que é responsável pela criação da nova Faculdade

de Filosofia Natural da Universidade de Coimbra do que constitui o primeiro gabinete de antropologia e arqueologia pré-histórica em Portugal. (DOS SANTOS, 2005:53)

Encontrei em minha pesquisa de campo, outros aniversários de fundação da antropologia portuguesa, como o proposto pelo Centro em Rede de Investigação em Antropologia (2015), ao declarar que em 2015 completam 130 anos do início da antropologia em Portugal.

Varias são as interpretações sobre as origens e correntes da antropologia portuguesa, alguns autores como João Leal (1999:3-4), consideram produções etnográficas escritas em território português de final de século XIX enquanto antropologias emergentes, sejam pela metodologia empregada, sejam pela qualidade dos dados levantados. Nesta visão se ignoram produções similares realizadas nas colônias portuguesas durante e, principalmente após, este período.

É possível, que tal desconhecimento ocorra pelo atraso na descoberta dessas informações, como pode ser visto no texto de Carla Susana Alem Abrantes (2014:196-198), ainda que outros documentos e relatórios tipificados como etnográficos, sejam conhecidos há um pouco mais de tempo, como visto na análise proposta por Rui Mateus Pereira (2005:228:231).

Ana Mafalda Falcão (2006:7-8) por exemplo, lembra que há também aquela antropologia que não é *médica*:

O estudo dos relatórios e das teses serviu para atestar a sua argumentação em torno da existência de uma antropologia colonial portuguesa [...]. As teses de final de curso, pesquisas utilizáveis como fontes antropológicas, exprimiam os níveis de conhecimento em que se inseriram as decisões de política colonial do regime português nas décadas de 60 e 70. [...] As suas referencias imediatas eram constituídas pelos ensinamentos ministrados nas escolas coloniais e, como tal, nenhuma novidade sobressai das análises que elaboram [...]. O saber colonial português foi, apesar de todas as indeléveis ligações ideológicas, diretamente funcional para a gestão do poder nas épocas de crise e de transformação do modelo de controlo colonial. Gerou uma intelectualidade capaz de produzir análises etno-antropológicas passíveis de apropriação para uso político sobre a população

dominada e de cariz propagandístico na metrópole. O condicionamento dos produtores deste saber devia-se essencialmente ao seu cometimento com o sistema de domínio, numa de duas modalidades possíveis: ou participando diretamente nos aparatos coloniais ou dependendo deles para o financiamento das suas investigações. [...] É no seguimento destas asserções sobre o imbricamento entre antropologia e colonialismo que [...] [é preciso que nós] revermos a acusação de acientificidade da produção cultural portuguesa ligada as colónias, verificando-a agora com base nas condições que a produziram: o único conhecimento permitido era o aplicado e aplicável e a posição objectiva do intelectual português era a de um prestador de serviços a quem se encomendava, controlava e até censurava o saber. (FALCÃO, 2006:7-8)

Exemplo fulcral de que as antropologias feitas na metrópole e nas colónias estão conectadas, ainda que alguns discordem, é visto com Jorge Dias, que fez parte da escola do Porto, como bem apontado por Rui Mateus Pereira (1989:64-66). Esta escola é caracterizada enquanto *antropologia feita por médicos*. Todavia o deslocamento de Jorge Dias ao território Maconde, será caracterizado como primeira grande monografia em *antropologia social* feita em território estrangeiro ao Portugal continental<sup>46</sup>.

Se há consensos e divergências a respeito da fundação da antropologia em Portugal, é mais consensual a classificação proposta por João Leal (1999:2-6), do primeiro século da “história da antropologia portuguesa” em quatro grandes momentos históricos:

Four different periods can be distinguished in the historical development of Portuguese anthropology: the 1870s and 1880s; the turn of the century; the 1910s and 1920s; and, finally, the period ranging from 1930 to 1960.

Posição que em sua entrevista, o autor esclarece melhor respeito das genealogias na Antropologia portuguesa atual:

---

<sup>46</sup> Especificamente no território Maconde, atual norte de Moçambique e sul da Tanzânia.

*[Mas] se nós formos agarrar na antropologia hoje em Portugal, se alguma linha genealógica que pode ser estabelecida [...] o que se faz hoje não tem nada a ver com o que tínhamos no século XIX [de Consiglieri Pedroso e etc.], mas é com essa corrente de estudos [...] que vai surgir de fato [...] a primeira tentativa de se fazer em Portugal antropologia social e cultural em território não português, que é a etnografia do **Jorge Dias** sobre os Maconde. O que não quer dizer que essa tal antropologia médica não tivesse lá nas colônias [...] mas não é isso que vai gerar a antropologia cultural e social em Portugal. Agora, há colegas que tem uma opinião diferente.*  
 [Entrevista com João Leal]

De fato raro é o consenso sobre as origens da antropologia<sup>xxi</sup>, seja ela portuguesa ou não. Rui Mateus Pereira (1989:65-66) também reforça o papel de Antonio Jorge Dias na historia da Antropologia portuguesa:

Quando em 1945 é criado o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular<sup>47</sup>, a sua direção foi entregue, naturalmente, a Mendes Correia, [médico] que dirigia, igualmente, o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, onde se abrigava a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que aquele ilustre cientista fundara em 1918. O Centro de Estudos de Etnologia Peninsular estava, todavia provido de uma dimensão, entretanto ausente dos objetivos e da pratica tradicionais da antropologia que animava a escola do Porto: A etnologia. Para fazer cumprir, em 1947, Mendes Correa convidou para organizar a seção de Etnografia do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular um tal **António Jorge Dias**. [...] Ao aceitar a direção da seção de etnografia do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Jorge Dias exporia ao Prof. Mendes Correa um plano integrado de ação do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular que constaria de: [...] Levantamento etnográfico; [...] Recolha ampla de

---

<sup>47</sup> Inserido na Universidade do Porto.

toda a bibliografia sobre etnografia portuguesa; [...] Publicação de pequenas monografias; [...]. Por essa altura Jorge Dias começa a congregar em seu torno um conjunto de colaboradores [...] Atuando no âmbito institucional do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, a “equipa de Jorge Dias” [...] desenvolveria um esforçado e exaustivo trabalho de levantamento e investigação no domínio da etnografia e da etnologia portuguesas, atuando num campo bem diferente daquele que a escola do Porto tinha, nas décadas anteriores, reivindicado como antropológico.

Há consenso nas diferentes interpretações que Jorge Dias, inicialmente vinculado à antropologia desenvolvida no Porto, terá um papel importante na emergência da antropologia social e cultural em Portugal, a partir de sua etnografia sobre os Maconde de Moçambique. Todavia o que ainda está para ser melhor iluminado, é o papel de outros pesquisadores vivendo nas colônias portuguesas, no desenvolvimento da antropologia portuguesa do período colonial. Segundo um de meus interlocutores, Rui Mateus Pereira, havia uma forte presença do Estado colonial na produção de textos etnográficos com fins coloniais:

*Existem estudos. [...] Por acaso Moçambique é o caso que eu conheço melhor, desde os finais da década de 80 ou 90, do século XIX houve uma primeira fase do colonialismo em África [...] [que textos] não eram conhecidos. Os [textos dos anos] de 45-61 eram provas [...] feitas pra um contexto de promoção da função pública. [Entre] os outros anteriores há textos etnográficos sobre os indígenas da colônia de Moçambique elaborados localmente, por governadores locais, [...] publicados localmente, mas que não tinha repercussão fora de lá. Aquilo existia, mas ninguém tinha investigado. [...] [E] pensava-se que o Jorge Dias era [a monografia sobre] os Maconde de Moçambique e ponto. Não era assim. E não era só aquilo.*  
[Entrevista com Rui Mateus Pereira]

Todavia, mesmo havendo consenso a respeito das diferentes fases da antropologia em Portugal em seus primeiros 100 anos, para a análise pode ser importante refletir no que propõe George Ward

Stocking Jr (1982:81) quando remete a apenas duas grandes divisões: *projetos de nações* e *projetos de impérios*. Divisão que parece pertinente porque Portugal vive neste período um projeto colonial, de império.

Como bem apontado por João Leal (1999), é possível sugerir que os “conhecimentos” obtidos pela etnologia colonial e pelos estudos antropológicos emergentes seriam de pouca valia ao desenho de percepções sobre noções de identidade nacional portuguesa<sup>xxii</sup> que tem maior base no estudo das culturas populares, sendo então valiosos os contatos com teorias difusionistas ou mesmo com aproximações histórico-evolucionistas.

E ao olhar para outros lados, já em publicações do século XXI<sup>xxiii</sup>, como procede Rui Mateus Pereira (2005:216, 223, 232, 234, notas 9, 14 e 16) é ainda possível afirmar que tanto vertentes comparativas médico-físicas de antropologias portuguesas, como as perspectivas mais etnográfico-descritivas, buscavam acompanhar desenvolvimentos similares observados em outras nações europeias, que também passaram por processos de descolonização

João de Pina-Cabral (1991:23-25), permite sugerir que tal situação ocorra com anacronismos. Rui Mateus Pereira (2006:132), nos lembram que as duas vertentes estavam tentando salvaguardar os interesses mais fundamentais do colonialismo português.

Por fim, é possível também afirmar que parte das valorizações e de posteriores avanços para antropologias voltadas a etnografia nas colônias parte de quem praticava lá antropologias físicas ou médicas, como perceptível no texto já citado de Rui Mateus Pereira (2005:232-233).

Segundo João Leal (1999:9-10), um novo resgate da história da antropologia portuguesa é realizado após a revolução dos cravos. Rui Mateus Pereira (1989:64-65), nos lembra que o desenvolvimento da antropologia portuguesa ocorreu simultaneamente em território nacional e em território estrangeiro.

Na entrevista com João Leal ele esclarece que, ao refletir sobre a história da antropologia portuguesa não tinha qualquer conhecimento nem recebeu influência maior dos trabalhos de Adam Kuper e George Stocking Jr, que são consideradas referências sobre a história da antropologia contemporânea em contexto pós-colonial:

*Na realidade, quando eu comecei a trabalhar sobre este tema [história de antropologias nacionais], em 1981, praticamente ninguém se interessava por esse tema. [...] O primeiro artigo*

*que eu publiquei é de 81, é um artigo sobre o Consiglieri Pedroso. [...] Não, quer dizer, [eu] lia coisas, que estavam sendo publicados, mas nessa altura, a nossa capacidade de circulação pra ir pra esses lugares era muito mais, muito [mais] reduzida. [...] Eu cheguei à Espanha enfim, por causa das relações entre Portugal e Espanha [que] até o século XIX eram relativamente importantes, especificamente alguns materiais... [...] [E] quando eu comecei a trabalhar sobre a história da antropologia em Portugal não havia ninguém a trabalhar sobre isso. Depois a situação vai melhorando e, sobretudo nos anos 90, vai ser um período em que, esse estudo, da história da antropologia em Portugal vai crescer imenso.*  
[Entrevista com João Leal]

Também na entrevista com Rui Mateus Pereira, fica explícito o desconhecimentos de outras análises sobre a história da antropologia europeia e norte americana. Ele aponta para invisibilidades específicas não intencionais que podem caracterizar a história da antropologia portuguesa.

*Em Moçambique, desde 45 todos aqueles [...] na carreira administrativa tinham, [...] pra progredir na carreira [tinham que] fazer um relatório sobre uma comunidade. [...] Eram coisas assim, etnográficas, relatórios etnográficos. [...] E ficou até 61. Tinha a ver com uma lei que foi publicada em 33, mas que só 12 anos depois é que foi aplicada. [...] O colonialismo em África, teve uma [...] questão fundamental [em uma primeira fase]: [...] Qual era a entidade jurídica do indígena? [...] [E] nas colônias não havia o menor esforço [em fazer públicos estes textos], aliás, essa gente, que fazem, depois do romance popular do século XIX [de relatos etnográficos] [...] nunca olharam pra questão colonial. [...] [Os textos prévios] não eram conhecidos.*  
[Entrevista com Rui Mateus Pereira]

A girada, ou talvez abertura, temática de buscas por específicos nacionalismos é, no entanto, considerada como fuga aos ideais até então impostos pelo Estado Novo, como salientado por João Leal (1999:7).

Salvo poucas exceções, como sugere Gonçalo Duro do Santos, é ainda hoje usualmente ocultada a presença das escolas de Coimbra e Porto na formação da antropologia portuguesa:

Trata-se, antes de fazer entrar nos *dossiers* de trabalho de antropologia da ciência e da história da ciência antropológica [...] que, apesar de ter sido largamente responsável, entre outros, pelo empreendimento da institucionalização universitária da antropologia em Portugal e pelo desenvolvimento das duas grandes escolas universitárias de antropologia em Portugal, [...] permanece ainda hoje largamente desconhecida. (2005:29-30)

O que mostrei neste capítulo é que houve, na construção da história da antropologia portuguesa um “processo de salvaguarda” de alguns temas, ainda que inicialmente realizada de forma não intencional, de antropologias representativas do que seria a “antropologia nacional”. Um processo que podem ser comparados com os processos de patrimonialização cultural promovidos pela Unesco como descreve João Leal (2013:9, ver páginas 10-13 também) , para quem patrimonialização é um:

processo que ocorre quando algo é identificado como tradicional pelos especialistas eruditos da cultura. Até aí, a cultura estava ligada a um contexto preciso: geralmente um contexto local que lhe conferia uma lógica social e cultural própria, ligada aos constrangimentos de um modo de vida próprio. Ao aproximarem-se desses contextos locais de existência daquilo que batizam como cultura, os “objectificadores” vão proceder a um duplo trabalho de descontextualização e recontextualização: os elementos culturais que atraem a sua atenção deixam de significar o que significavam para passarem a representar outra coisa diferente. De facetas da vida social e cultural de diferentes grupos vistas nos seus próprios termos passam a ser vistos como signos identitários, como património. De aspetos culturais objetivos transformam-se em emblemas identitários subjetivos. Da pequena tradição passam à grande tradição. [...] Esgotada a sua

função inicial - a sua primeira vida - eles viveriam depois uma segunda vida, como testemunhos de algo que deixaram de ser. [...] Quando a objectificação ocorre é uma segunda vida que se inicia. A sua primeira vida era coincidente com a própria vida social e cultural das comunidades. A sua segunda vida passa a ser vivida nos discursos patrimoniais construídos pelos eruditos e outros atores.

Observei em campo que havia uma objetificação cultural, tal como proposta por João Leal (2013:9), sobre a antropologia portuguesa. Ao se remeter as críticas aos processos de patrimonialização cultural imaterial, o autor reflete sobre os estratégicos essencialismos necessários à construção social de uma manifestação patrimonializada. João Leal (2013:13) argumenta que:

Contra essa visão que tende a fechar, devemos defender uma visão que abra. Uma visão que transforme o Património Cultural Imaterial não num lugar de exclusiva reclamação de singularidades mas num lugar de rastreamento e montagem de diálogos. Ou num lugar que pelo menos se esforce por articular ambos os registos: singularidades e diálogos. O Património Cultural Imaterial não deve ser um lugar de imobilização da cultura mas um lugar de mobilização da cultura. De dupla mobilização da cultura. [...] no sentido em que o Património Cultural Imaterial deve partir de uma conceção da cultura como algo que se move, que transita, que circula, feita de fluxos, de transformações no espaço e no tempo, em resumo, de mobilidade. Tudo está relacionado com tudo, mesmo a singularidade cultural, que pode ser mais precisamente vista como um mecanismo de distinção que pressupõe sempre um exterior dessa singularidade. Mobilizar as pessoas e não imobilizar a cultura. Trabalhar em rede: com redes de pessoas e com a cultura como rede.

Ainda que bastante questionáveis as capacidades em quem se afirma percursor, algumas possibilidades também podem sugerir encontros com abordagens que algumas autorias podem comparar com tipologias autoproclamadas multi-situadas, com incentivos a tais

mobilidades, para permitir, em tese, tecer outras aproximações entre os sugeridos contextos, idealmente outras configurações, mais sofisticadas de mobilidades nas práticas etnográficas.

*A questão da mobilidade não esteve no presente do pensamento antropológico, mas teve lá sempre paradoxalmente... Neste mesmo senhor que “inventa a observação participante”, que depois é pensada como uma coisa localizada, ele inventa uma situação de mobilidade. Porque, para todos os efeitos o Kula, é um sistema de mobilidade entre ilhas, não é? [...] Portanto, a ideia de mobilidade não nasce de repente na antropologia pós-moderna americana no fim da década de 80, ou durante a década de 80 e 90. Mas não tendo nascido aí [há ainda] todo o pensamento que faz a desmontagem epistemológica da história da antropologia [...] [que] desmonta de forma correta tudo aquilo que inibiu o tratamento da mobilidade. Ou seja, mostra que realmente a mobilidade não foi trabalhada, porque a própria concepção do que [é] que era a cultura, e do que [é] que era o outro, e do que [é] que era o tradicional, etc., etc. essa mesma concepção inviabilizou as tomadas de atenção para as questões da mobilidade.*

[Entrevista com Filomena Silvano]

Podem ser preciosas as aproximações com estas perspectivas que permitam traçar paralelos na reconstituição da história da antropologia portuguesa. Como sugere Miguel Vale de Almeida pode ser saudável para a disciplina perguntar porque

que a via aberta pelo estudo empírico da “distribuição de índices nasais” numa dada área geográfica é menos importante ou renovadora cientificamente do que a via aberta pelo estudo empírico da “distribuição de arados” numa dada área geográfica. (2005:16),

Assim, acompanhando o pensamento de George Ward Stocking Jr que trata das construções históricas sobre antropologias nacionais, pode se ainda considerar que o que caracteriza a história das antropologias é sua diversidade. Concordo com Stocking Jr quando

relembra que a antropologia possui como grande característica a sua enorme variedade, dando destaque para vertentes que vão desde a biológica à cultural ou sociológica:

Despite the apparently unifying embraciveness of the term “anthropology”, there is actually a great deal of diversity within the euro-american anthropological tradition. The history of this diversity has yet to be written; but it seems clear that anthropology is not so much a single science produced by some comtean logico-historical process of intellectual differentiation as it is an imperfect fusion of quite different traditions of inquiry: Biological, historical, linguistic, sociological. The outcome of this fusion has varied in different national intellectual traditions, with the sharpest contrast between those with a more strongly embracive approach (most especially, albeit problematically, the anglo-american) and those of the european continent in which the term anthropology has traditionally referred to the physical study of man.<sup>xxiv</sup>

E sempre é valioso e saudável lembrar que construir percepções sobre passados podem ser tarefas injustas, ingratas ou até impossíveis, pois como sugere a antropóloga portuguesa Filomena Silvano (2003:244):

“rever” o passado corresponde sempre a uma representação do mesmo e, conseqüentemente, à sua transformação: o passado é manipulado em função das negociações simbólicas que, num dado momento, uma sociedade desenvolve em torno das representações do seu presente. Os mecanismos de representação do passado, porque se associam às negociações identitárias que estão em curso no presente, acabam sempre por se traduzir, na medida em que o fragmentam, o reorganizam e o interpretam, na sua transformação.

E assim curtas menções a escolas físicas ou médicas de Coimbra e Porto em pesquisas sobre antropologias portuguesas na atualidade podem ser compreendidas mais como tentativas de evitar novas

invisibilidades do que resgatar reconhecimentos, tarefa muito além desta pesquisa. Ainda que seja também possível problematizar quem prioriza a pesquisa histórica ou sociológica sobre as potenciais relações entre antropologia física e cultural, como nos diz João Leal:

*são duas tradições distintas que raramente interagem, agora no caso [da Universidade] de Coimbra, por exemplo, [são] duas pessoas que são de Coimbra que trabalham com essa perspectiva, uma é Gonçalo Duro dos Santos, e a outra é a Patricia Ferraz de Mattos. [...] No caso do Ricardo Roque é diferente. Mas acho que é interessante essas pessoas terem essa postura. De que isso também é antropologia, sendo [da Universidade] de Coimbra, porque de fato, [a Universidade de] Coimbra, vai construir a identidade como departamento [de antropologia, dentro do Centro de Ciências da Vida, em comunhão com o corpo docente do curso de medicina], justamente a partir desta marca da antropologia biológica. [...] Seria interessante interrogar algumas pessoas de lá.*  
[Entrevista com João Leal]

Finalmente é importante lembrar que também em Portugal houve a explosão e popularização da antropologia “interpretativista” norte-americana nos anos 1980, onde são identificadas situações próximas noutros contextos, como apontam entre outros, Carlos Reynoso (1998:11, 23, 26-29).

Também em entrevista, Cristiana Bastos, aponta para a “viagem de teorias” da qual foi uma protagonista. Como argumenta, em Portugal, posteriormente ao fim do salazarismo, era conhecida a dificuldade de acesso a publicações norte americanas recentes:

*Aliás, eu é que sou “culpada” [...] eu trouxe um dos primeiros [risos] [...] Eu lembro de ter trazido um Writing culture<sup>48</sup>, se calhar outros circularam, mas foi eu que dei ao [João de] Pina-Cabral e ao outro o primeiro Writing culture [...], e ele até virou pra mim e disse: “Olha, eu não vejo nada de*

---

<sup>48</sup> Remete ao livro homônimo, “Writing culture”, de ISBN: 978-052-026-602-5.

*interessante nisso”. Mas, houve ai uns colegas [risos, muitos] que fizeram exagerado [valor e uso] do Writing culture, e deram, cursos inteiros aos alunos, de terror anti-etnográfico, e até hoje eu apanho alunos com “medo da etnografia” [...] e isso é uma loucura, um quisto lateral que se desenvolveu, que eu espero que essas pessoas, atinjam maturidade aos 68 anos de idade ou aos 79 [mais risos], ou quando for, e que descubra “ó, realmente afinal...”. Percebe o que eu digo?*  
 [Entrevista com Cristiana Bastos]

As tais distinções entre as prováveis influências teóricas de antropologias portuguesas não se restringem a diferença temporal ou a vertentes de aplicação, podendo remeter a departamentos. Apenas em Lisboa, por exemplo, como muito bem identificadas por João de Pina-Cabral (1991:12-13) podem ser identificadas as influências maiores envoltas em cada unidade, como “antropologia cultural americana no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas”, “antropologia francesa na Universidade Nova de Lisboa” e “antropologia social britânica no ISCTE”.

É curioso que o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas que pode ser facilmente compreendido quase como continuidade dos esforços do regime colonial possua tal influência quase boasiana<sup>xxv</sup>.

É Omar Ribeiro Thomaz (2001:65, 73 e nota 22) quem nos lembra que em 1875 quando é fundada a Sociedade de Geografia de Lisboa, são passados apenas três anos para a respectiva sugerir a criação da Escola Superior Colonial. E que após uma série de renomeações acaba nos anos 60 por ser rebatizada para Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas. E que viria por fim a ser rebatizado para o então Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas logo após o encerramento e nova abertura, já posteriores a 25 de abril de 1974.<sup>xxvi</sup>

As categorias “colonial” e “ultramarina” são frequentemente usadas na construção histórica da antropologia portuguesa. Seriam sinônimos? Falaríamos de correntes distintas de interpretação da história? Relembro aqui uma de minhas observações em sala de aula, onde percebi a dificuldade de se abordar estas questões na antropologia portuguesa contemporânea:

Hoje é a quinta aula da disciplina de “antropologia e colonialismo”, curso ao qual eu infelizmente não tive a oportunidade de comparecer na minha

primeira mobilidade para Portugal<sup>xxvii</sup>. Ao término da fala de quase duas horas ininterruptas do docente, uma aluna, na segunda fileira questiona: **“Mas afinal, qual é a grande distinção entre colonial e ultramar?”**. Assim como outras duas professoras vão me revelar nas entrevistas que irei fazer daqui seis meses com elas, a resposta é clara: **“Uma formalidade. Não era lá muito bem visto a manutenção do uso do termo colônia. Territórios ultramarinos era uma coisa nova. Mas era, de certa forma, uma continuidade”**. E duas pessoas, das que conversei<sup>49</sup>, vão ainda dizer naqueles minutos - que são horas - onde não há gravador ligado, qualquer coisa como “E eu não sei se hoje, o pensamento lá [no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas] é, para algumas pessoas muito específicas, assim distante do que era em 1974”.

[Diário de campo, de 9 de outubro de 2014]

Na busca da compreensão do que é a antropologia portuguesa contemporânea, que fui construindo o objeto central desta dissertação, a reflexão sobre as antropologias pós-coloniais produzidas em português, que desenvolverei um pouco mais no próximo item.

---

<sup>49</sup> Não necessariamente uma pessoa docente, portuguesa. e tampouco em uma entrevista.



## 5 PRESENTES ANTROPOLÓGICOS EM PORTUGAL

Há algum consenso entre a maior parte de historiadores da antropologia portuguesa que a revolução dos cravos foi um marco na constituição atual da disciplina no país.

Segundo João de Pina-Cabral (1991:36-37), após o 25 de abril, as problemáticas envolvendo formas de fazer antropologia e gerações culminaram na proliferação de departamentos de antropologia em Portugal, em particular na criação da Universidade Nova de Lisboa. Naquele momento, muito da antropologia portuguesa estava centrada nos museus e estes não tinham em seus quadros corpos jovens na investigação. Apareceram também neste momento divisões internas no campo da antropologia marcadas por diferentes perspectivas políticas.

Observa-se que há um vínculo importante entre a geografia e a antropologia neste momento onde ainda não há uma formação específica em antropologia em Portugal:

*Naturalmente na minha formação eu devo dizer que no primeiro ano [de curso de antropologia] havia uma enorme falta de quadro [docente]. [...] Éramos nove alunos, e docentes eram seis ou sete. Mas antropólogos, antropólogos, havia... [pausa] Nenhum deles tinha uma licenciatura específica em antropologia. Eram formações noutras áreas, depois tinham formação complementar em antropologia. Sendo que o curso foi criado por uma geógrafa<sup>50</sup>. Uma discípula do trabalho do Orlando Ribeiro. **O curso [de antropologia] começa basicamente com geógrafos [...] da geografia humana.***

[Entrevista com Rui Mateus Pereira]

É também importante a influência estrangeira, dada pela chegada de pesquisadores que tinham ido estudar no exterior, no final dos anos 60 e início dos anos 70 e a formação em antropologia feita em um curso de pós-graduação:

*Depois temos alguns formados lá embaixo em ciências antropológicas e etnológicas, a tal pós-graduação, no Instituto Superior de Ciências*

---

<sup>50</sup> Remete à professora Raquel Soeiro de Brito.

*Sociais e Políticas [e] então o caso do pessoal que veio de fora: Bruxelas, Leuven<sup>51</sup>, França, [...] mais tarde, aí, a partir de 79-80, entra o professor Mesquita Lima que era um indivíduo doutorado em antropologia em Paris, mas conhecido como administrador colonial também. Diretor do Museu da Luanda, de Lunda, [...] e esse homem, dimensionou um bocado, todos nós fomos alunos dele.*

[Entrevista com Rui Mateus Pereira]

O impacto da experiência de construção de uma nova antropologia nacional posterior ao 25 de abril é percebido já na primeira geração de docentes, notadamente pelas origens estrangeiras, ou em casos mais raros, pela formação em espaços estrangeiros:

*A maioria dos professores eram de influência francesa ou belga. [...] E os **homens desta geração, que foram meus professores, de fato tinham feito a formação em países francófonos.** [...] Também havia algumas pessoas que não tinham sido exiladas, mas que também tinham tido influência francesa. [...] Depois, há uma geração [...] que veem, por conta até de um centro de estudos que havia na [Fundação Calouste] Gulbenkian, que era de demografia histórica, [...] o Robert Rowland, e vieram vários, o Brian O' Neill, o Raul Iturra, foram vários, agora não me lembro os nomes todos [...] também nessa altura o João [de] Pina-Cabral. Eram **vários antropólogos que vinham de língua inglesa** [...] aí também havia um colega aí que, [tal qual o Jorge Dias] **era de formação alemã, que é o Jorge Freitas Branco.***

[Entrevista com Cristiana Bastos]

Como pode ser observado durante os processos de construção de antropologias nacionais em outros contextos, a situação de presença de corpos estrangeiros é identificada tanto em lados brasileiros como em lados portugueses. O aceite de corpos estrangeiros na antropologia portuguesa é de certa forma naturalizado, ainda que com conotação

---

<sup>51</sup> Remete a Universidade Católica de Leuven.

distinta daquela que pode ser observada quando portuguesas e portugueses descrevem o cenário brasileiro:

*E depois o Brasil tem essa coisa que é muito interessante, há os antropólogos brasileiros e depois há os brasilianistas, e que no fundo, são tratados como se fosse uma espécie de brasileiros, tem essa capacidade de comer o outro né? Uma antropofagia. É muito interessante, se considera francês mas, de fato é mais brasileiro do que francês. O próprio [Claude] Lévi-Strauss, também é considerado “prata da casa” né?*

[Entrevista com João Leal]

Não é difícil identificar percepções e lembranças complementares em outras coleções, que se formam nos mesmos anos nas primeiras turmas de antropologia na Universidade Nova de Lisboa, quando relatam outros pontos de conexão entre a antropologia e a geografia em Portugal:

*Na altura, havia escassez de geógrafos no ensino secundário, e portanto, os antropólogos podiam se candidatar para dar aulas de geografia.*

[Entrevista com Ana Isabel Afonso]

Sugestões de vínculos entre a antropologia e a geografia no passado de Portugal, especificamente em Lisboa, são cada vez mais reforçados, e de distintas vias. Não necessariamente entre estas com o governo português, como nos aponta Cristiana Bastos (2013:326-327), seja ele como mediador, ou não.

O vínculo com a antropologia no passado português, também pode se revelar próximo da constituição ou primeiros incentivos as formações científicas em Portugal, onde a temática pós-colonial começa a se delinear, inicialmente pela renomeação do principal centro de formação antropológica existente e da rearticulação interna de diferentes instituições científicas da área:

*O Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) vem da JIU: Junta das Investigações do Ultramar. Assim, a Junta de Investigações do Ultramar [...] com o 25 de abril de 74 mudou o nome de Junta de Investigações do Ultramar para Instituto de Investigações Científica*

*Tropical*. [...] Então, por exemplo, tinha [lá dentro] o departamento das ciências chamadas “ciências etnológicas e etnomuseológicas”, e dentro [...] estava os centros de investigação, e o museu de etnologia. Portanto, o museu fazia parte deste departamento. [...] **Era o Centro de Antropologia Cultural e Social (CACCS) e o Museu [de Etnologia]**. [...] Os outros centros que existiam no museu, que era o centro de estudos em etnologia, que era o herdeiro do [centro de] estudo [de etnologia] peninsular (CEEP), não pertencia ao museu, e não pertencia ao Instituto de Investigação Científica Tropical, estava vinculado a uma instituição que existia na altura, que era o INIC, o Instituto Nacional de Investigação Científica. E o INIC não tem nada a ver com a JIU. Ela é a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT). [...] A JNICT é a [atual] Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), só mudou de nome. [...] É uma instituição estatal para apoiar a ciência, de forma muito geral, desde a matemática às ciências naturais. Não tem especificidade nenhuma da antropologia. **Mas a Junta das Investigações do Ultramar também não tinha especialidade da antropologia, [...] que era justamente voltada para investigação nas colônias, portanto as coisas tropicais das colônias.**

[Entrevista com Clara Saraiva]

Outros órgãos, integrados ou não ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, como o próprio Instituto de Investigação Científica Tropical também revelam complexos sistemas de constantes renomeclaturas realizados entre os finais do século XIX e o período imediatamente posterior ao famoso 25 de abril, como exposto por Maria da Conceição Rodrigues (2007:10) quando explicita que

a estrutura do organismo que muito justamente veio a ser considerado como o precursor da *Comissão de Cartografia*, criada em 1883, que, por sua vez, conduziu à **Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais**, depois **Junta de Investigações do Ultramar**, cujo nome

**mudou para *Junta de Investigações Científicas do Ultramar*, e a partir de 1983, para *Instituto de Investigação Científica Tropical*.**

As fissões e uniões de departamentos e de instituições não necessariamente se restringem à mudanças de nomes, há de fato outras tensões, assim como disputas por espaços:

*Quando eu defendi a tese de licenciatura aqui com um professor do ISCTE, que já está aposentado, [...] Raul Iturra, do ISCTE. Apesar de eu fazer aqui na [Universidade] Nova [de Lisboa]. O que foi difícil. Não foi fácil. Na altura não foi fácil porque **havia uma grande rivalidade entre a antropologia da [Universidade] Nova [de Lisboa] e a antropologia do ISCTE**. Até porque a pessoa que ia fundar o departamento de antropologia do ISCTE, era o professor José Carlos Gomes da Silva. [...] Então, **as relações institucionais entre os professores da [Universidade] Nova [de Lisboa] e do ISCTE não eram muito fáceis**.*

[Entrevista com Clara Saraiva]

Outras informantes questionam esta continuidade da antropologia portuguesa durante o período colonial, mostrando a importância da chegada de pesquisadores que estavam em formação no exterior para a possibilidade de refundar a disciplina em outros moldes:

*Bom, a antropologia portuguesa já sabe, depois do período áureo com Jorge Dias, estava assim, uma coisa parada, havia coisas pontuais, aqui ou em África, feitas no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, muito ligadas as questões ultramarinas, mas pouco ativa. **Quem fez coisas que tivessem repercussões importantes foram algumas pessoas portuguesas que tinham ido para fora estudar e depois vieram fazer campo aqui, o Joaquim Pais de Brito, o João [de] Pina-Cabral, o próprio Robert Rowland**. [...] Também nesta altura criou-se a licenciatura em antropologia da [Universidade] Nova [de Lisboa]. [...] E em 77-78, quando [pessoas graduadas nas primeiras turmas como] o Rui [Mateus Pereira], a Ana [Isabel] Afonso, a Filomena [Silvano] e a*

Clara [Saraiva] viraram logo [depois] assistentes<sup>xxviii</sup>. Quando eu comecei o primeiro ano aqui [no ISCTE], em 83, já tinham professores licenciados pela [Universidade] Nova [de Lisboa].

[Entrevista com Antónia Pedroso de Lima]

É justamente após a revolução dos cravos que o fim da hegemonia do Instituto Superior de Ciências Políticas e Sociais ocorre, permitindo alguma pulverização nos modos de produção de antropologia em solo português. Inicialmente através das licenciaturas em antropologia, criadas na Universidade Nova, no ISCTE e na Universidade de Coimbra e num segundo momento pela criação do CEAS e CRIA, importantes centros de investigação na área de antropologia e, em particular a fundação da APA – Associação Portuguesa de Antropologia, como relembra uma interlocutora:

*E isso é um momento muito importante da antropologia portuguesa, porque só havia uma licenciatura<sup>52</sup> no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, aí **houve essa da [Universidade] Nova [de Lisboa] a começar no final dos anos 70. Ai, [depois teve] a abertura da licenciatura no ISCTE com o regresso desse pessoal e a alargar ainda mais o número de alunos a se formar em antropologia. Posteriormente abriu-se uma licenciatura em Coimbra. Enfim, é um momento de crescimento da antropologia até a nível institucional, e inclusive de reconhecimento. E este crescimento, estava cheio de pessoas cheias de vontade de fazer coisas, [e] houve aí dois momentos importantes: Um, que foi em 1986 que foi a constituição do CEAS, o Centro de Estudos em Antropologia Social, que deu origem ao CRIA depois, que é o Centro em Rede de Investigação em Antropologia, aqui no ISCTE. E dedicado exclusivamente a investigação, e é o primeiro para além daqueles centros ultramarinos, do Instituto de Investigação Científica Tropical, ou do Instituto Superior de Ciências Sociais e***

---

<sup>52</sup> Na verdade o curso era em um mestrado com duração de quatro anos.

*Políticas. Era um centro que todos os estudantes de licenciatura podiam ser sócios, como investigadores, e começou a se reunir uma atividade de investigação em torno do CEAS. E que reunia pessoas, não apenas do ISCTE, mas também da [Universidade] Nova [de Lisboa], [da Universidade] do Minho, [da Universidade] de Coimbra, que eram todos investigadores no CEAS. Por outro lado foi a constituição da APA, a associação portuguesa de antropologia, em 87-88, com o primeiro congresso [também] em Coimbra. [...] Pois é tudo em Coimbra, os grandes congressos, porque Lisboa era complicado, tinha de escolher [a sede] entre ISCTE e a [Universidade] Nova [de Lisboa].*  
 [Entrevista com Antónia Pedroso de Lima]

Não somente, neste período, há uma menor dependência de instituições ligadas ao governo e/ou aos militares, mas também há espaço para outras instituições, que permite o alargamento na quantidade de docentes e discentes. A realização do primeiro congresso da APA, em Coimbra, é um marco na reorganização da comunidade antropológica em Portugal, que vem acompanhado do forte investimento português na constituição da EASA:

*E então, esse primeiro congresso foi muito interessante, tanto pelo fato de ser o primeiro congresso, como por reunir pessoas que vinham do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, que acabaram por querer fazer parte também. E esse foi um momento de união interessante. [...] E aí a entrada do [João de] Pina-Cabral no grupo inicial de constituição da EASA, a associação europeia de antropologia social, foi decisiva para que Portugal tivesse sempre uma voz ali importante, em tal nível que conseguiu trazer o primeiro congresso para cá, em Coimbra. E assim foi um momento importante para dizer para o mundo que a antropologia portuguesa existe.*

[Entrevista com Antónia Pedroso de Lima]

A transformação do CEAS em CRIA, foi uma estratégia política, como conta outro interlocutor:

*Não é que o CEAS do ISCTE seja o CRIA de hoje, mas parte do CEAS permaneceu enquanto corpo constituinte do CRIA. [...] É que começou a ser problemático para alguns colegas [de outras universidades, fora do ISCTE] dizer que estavam associados em um centro de investigação de outra universidade. [...] E era talvez pior para quem era de fora da zona de Lisboa<sup>53</sup>.*  
[Entrevista com Paulo Raposo]

E na análise dos documentos formais<sup>54</sup> do CRIA, disponível online o centro é assim definido:

O Centro em Rede de Investigação em Antropologia é uma unidade de investigação interinstitucional vocacionada para a investigação em antropologia social e cultural. Criado em 2008, [...] resulta da fusão de duas anteriores unidades de I&D<sup>55</sup> [...] o Centro de Estudos de Antropologia Social (CEAS / ISCTE<sup>56</sup>) e o Centro de Estudos de Migrações e Minorias Étnicas (CEMME / FCSH-UNL<sup>57</sup>). A estas duas anteriores unidades [...] juntaram-se outros centros e grupos de investigação (CEEP/FCSH-UNL<sup>58</sup>, NEA/UM<sup>59</sup>, ETNA/FCSH-UNL) e um grupo de investigadores do Centro de Investigação em Antropologia (CIA / FCT-UC<sup>60</sup>), bem como outros investigadores sem filiação a qualquer unidade de investigação<sup>61</sup>.

Além do importante ponto onde destaca que o CRIA possui relações de continuidades e rupturas com instituições e grupos muito

<sup>53</sup> Remete a Universidade do Minho e Universidade de Coimbra, especificamente.

<sup>54</sup> Cf. UNESCO. Accreditation request N° 90164. 2010:2-3.

<sup>55</sup> Remete à “investigação e desenvolvimento”, é o mesmo que o termo P&D no Brasil.

<sup>56</sup> Maiores detalhes em: CEAS. Página inicial. 2015.

<sup>57</sup> Maiores detalhes em: UP2YOUTH. Centro de Estudos em Migrações e... 2009.

<sup>58</sup> Ver detalhes em GODINHO, P. WATEAU, F. Le Centre d'études... 2002:185-186.

<sup>59</sup> Maiores detalhes em: UMINHO. Núcleo de estudos em antropologia. 2014.

<sup>60</sup> Maiores detalhes em: UC. Presentation. 2014.

<sup>61</sup> Cf. CRIA. Relatórios de atividades 2008/2009. 2009:2.

mais antigos, convém adicionar uma informação (em inglês) que curiosamente não está disponível no site oficial do CRIA, mas sim acessível em um documento enviado para pedido de apoio junto a UNESCO (2010:3):

Although CRIA was founded only a year ago [2008], the most significant groups that were at its origins had long and active existences: CEAS/ISCTE was founded in 1986, CEEP was founded in 1994, CEMME was founded in 2000.<sup>xxix</sup>

Além da articulação do CRIA, a execução de conferências científicas em território português pode ter sido também um fator de consolidação da disciplina. Cristiana Bastos (2014:386-387) sugere que foi depois da década de 90 que ocorreu maior internacionalização como reflexo de eventos como o primeiro encontro da *European Association of Social Anthropologists*<sup>62</sup> e do primeiro Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, ambos em Coimbra. Sobre este último é inclusive sugerido por Cristiana Bastos (2014:387) que ele teve um papel fundamental na difusão através da língua portuguesa:

desenvolveu-se uma plataforma de onde partiram muitas outras, em continuidade ou em contraste, que **teceram as malhas de uma comunidade transnacional em que o português é usado como língua de trabalho** e os estudantes e pesquisadores circulam entre países e instituições, ampliando os seus universos de pesquisa, conceptualização e interlocução.

Percepções próximas sobre aspectos envolvendo as internacionalizações das antropologias portuguesas são vistas em outras falas, por outros interlocutores, como quando falo com Miguel Vale de Almeida:

*Historicamente, agora colocando a coisa em um plano mais amplo, de um ponto de vista longo de ver, isso só foi possível a partir do momento em que a antropologia do ISCTE e a antropologia da*

---

<sup>62</sup> Uma tradução possível é *associação europeia de antropólogas e antropólogos sociais*.

[Universidade] Nova [de Lisboa] começaram a renovar a própria antropologia portuguesa. [...] O problema colonial da antropologia portuguesa que vinha de antes do 25 de abril, ligada a escola colonial, que depois tem continuidade no ISPCS. [...] Ou seja, foi preciso haver uma inovação da antropologia em Portugal, uma modernização. E a europeização foi muito boa, e só assim é que depois a gente conseguiu ir ao Brasil, de uma forma que não tivesse a ver com um discurso de lusobrasilidade que os próprios coloniais tinham. [Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Assim, desde a década de 1990 já podem ser confirmadas pessoais e seminais redes de relações entre antropologias brasileiras e portuguesas, conforme aponta Cristiana Bastos (2014:393-399) mostrando que duas décadas mais tarde as relações se consolidaram integralmente:

**Circulam pesquisadores, professores, estudantes. Existem bolsas-sanduiche, estágios, pós-docs, sabáticas, projectos conjuntos, acordos entre departamentos, programas partilhados, orientações coordenadas, livros a quatro mãos, a seis, oito ou mais, circulam artigos entre as revistas, faz-se comunidade sem dissolver especificidades; mantêm-se núcleos múltiplos, redes e canais que se cruzam e fazem circular conhecimento, práticas e desenvolvimentos teóricos entre vários parceiros académicos que trabalham em português** – muitos dos quais trabalham também noutras línguas, mas celebram a possibilidade de privilegiar este veículo de expressão (Cristiana Bastos, 2014:399).

Pode-se perceber facilmente como tal conjunto de percepções é compartilhada por outras interlocutoras quando relatam que outros eventos permitiram o dialogo de antropólogos brasileiros e portugueses:

*Depois há outro momento muito importante nesta fase da internacionalização, que é a formalização desta relação com o Brasil. Quer dizer, houve várias coisas pontuais, sobre tudo com a*

*Cristiana [Bastos], o Miguel [Vale de Almeida], o Robert Rowland e a Susana [de Matos] Viegas, mais tarde o [João de] Pina-Cabral, [...] que mais estavam no centro deste processo. [...] E depois houve dois momentos importantes para essa relação, que foi, um colóquio organizado nos Estados Unidos pela Cristiana [Bastos], o Miguel [Vale de Almeida] e a Bela [Feldman-Bianco], aquele que deu origem aos Trânsitos coloniais<sup>63</sup>, e depois teve um, acho que o terceiro congresso da Associação Portuguesa de Antropologia<sup>64</sup>, que teve uma secção de antropologias brasileiras, que acho que era assim que se chamava, que era mesmo pra trazer as antropologias brasileiras pra dialogar com as portuguesas.*

[Entrevista com Antónia Pedroso de Lima]

E ainda que uma secção de antropologias brasileiras seja muito significativa, esta não é a única lembrança que o terceiro congresso da Associação portuguesa de antropologia marca nas relações entre antropologias feitas no Brasil e em Portugal, construindo um calendário alternado de eventos, como pode ser visto nas notícias da boletim da APA posteriores ao congresso:

[...] um dos trabalhos da direcção da APA foi o [...] IV Congresso de Antropologia da APA. [...] **Acordamos a data do Congresso [...] tendo em conta decisão já anterior de o fazer [...] em ano alternado com os congressos bianuais das associações europeia e brasileira.** Neste congresso da APA teremos simpósios organizados em torno do dialogo entre antropólogos portugueses, de outros países da Europa, de África e/ou Brasil – considerando o seu interesse na antropologia feita em Portugal. Já fizemos vários contatos no sentido de viabilizar esta dinâmica internacional. (Susana de Matos Viegas, 2008:1)

<sup>63</sup> Remete ao livro homónimo, “Trânsitos coloniais”, de ISBN: 978-972-671-089-9.

<sup>64</sup> Maiores detalhes em: APA. III Congresso da APA (2006). 2007.

É frequente nas lembranças de meus interlocutores as primeiras edições de congressos e encontros científicos como formadores de tendências ou mudanças na antropologia portuguesa, e em casos mais raros, enquanto resgates de escolas e redes quando não falamos de primeiras edições.

Exemplos são inúmeros, mas apenas para citar alguns, lembro o primeiro (e único) congresso nacional de antropologia colonial, mapeado por Rui Mateus Pereira (2005:213), o primeiro encontro da associação europeia de antropologia social (EASA) e o primeiro congresso luso-afro-brasileiro (ambos já relatados aqui previamente), o mais recente encontro na Arrábida, informado por Cristiana Bastos (2014:19), além do primeiro congresso da associação portuguesa de antropologia em 1993 na Fundação Calouste Gulbenkian<sup>65</sup> no qual se estabelecem intercâmbios em torno de uma primeira edição de mestrado no ISCTE:

*Depois houve mais episódios, por exemplo, a partir de 1997, eu esqueci de dizer isso, eu acho que esse tal congresso da ABA deve ter sido em 95 ou 96<sup>66</sup>, o congresso luso-afro-brasileiro. Foi muito importante no ISCTE<sup>67</sup>, para além desta linha de trabalho com a UFSC, foi também muito importante, na altura havia um mestrado no ISCTE chamado patrimônios e identidades<sup>68</sup>, e o [Joaquim] Pais de Brito vai estabelecer uma relação que vem, que se tornou depois, até a morte dele, com o Gilberto Velho<sup>xxx</sup>, porque o Gilberto Velho vem a primeira edição do mestrado “antropologias, patrimônios e identidades”.*

[Entrevista com João Leal]

De certa forma é possível considerar que para o caso específico de antropologias em Portugal alguns congressos podem, no entanto ser característicos por propor ou reforçar uma

---

<sup>65</sup> Maiores detalhes em: APA. Congressos. 2012.

<sup>66</sup> Remete à 20ª Reunião brasileira de antropologia, realizada em 1996.

<sup>67</sup> Remete ao III Congresso luso-afro-brasileiros, realizado em 1994.

<sup>68</sup> O curso existiu entre 1993 e 2007 como especialização no mestrado em antropologia.

relação [entre antropologias brasileiras e portuguesas] que durante muitos anos não existia. Ela começou a se desenvolver a partir de 95, [...] [estando] nesta frente a Cristiana Bastos, na altura que fez o doutoramento sobre HIV, e começou [...] esse doutoramento em Nova Iorque, e depois [foi] fazer uma coisa comparativa com o Brasil... [...] Depois **houve um congresso luso-afro-brasileiro que foi cá em Lisboa**<sup>69</sup>, no ISCTE e que ajudou a amarrar mais. Coisas concretas começam a acontecer a seguir com o Miguel [Vale de Almeida], e eu acho que **há uma delegação da APA que vai a um congresso da ABA**<sup>70</sup> [...] depois as segundas pessoas que vão em pesquisas para o Brasil, são o Miguel Vale de Almeida e a Susana [de Matos] Viegas [...] Depois eu creio que [eu] surjo em terceiro lugar, em 98<sup>xxxix</sup>, mas na prática só começa em 2000<sup>71</sup>, e eu creio que o Miguel esteve lá por 99 [no congresso na Unicamp]. [...] Depois o João [de] Pina-Cabral. Depois há uma coisa importante que tem um número da etnográfica com isso<sup>72</sup> [...] [E há] **a participação de uma delegação de antropólogos portugueses na [22ª] RBA**, [...] e nós fomos a um congresso depois da associação portuguesa de antropologia, [que] foi na [Fundação Calouste] Gulbenkian<sup>73</sup> [...] O Miguel ajudou com a série de colegas do Brasil, [...] [em] uma espécie de mesa redonda, em anfiteatro. Só com os colegas do Brasil. Vem a Mariza Peirano, vem a Ilka [Boaventura Leite], veio o Márcio Goldman, vem uma série de pessoas. [...] Eu acho que a partir daí este terreno para o Brasil está estabelecido. Até hoje.

[Entrevista com João Leal]

Uma proposta mínima de perceber parte das redes de relações pode desconsiderar os comuns protagonismos de linhas cronológico-

<sup>69</sup> Remete ao III Congresso luso-afro-brasileiro, realizado em 1994.

<sup>70</sup> Remete a 22ª RBA (2000). Há crescente presença em todas as reuniões seguintes.

<sup>71</sup> Remete ao período como docente visitante na Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>72</sup> Remete a revista Etnográfica, número 4 e volume 2 em novembro de 2000.

<sup>73</sup> Remete ao encontro na Arrábida, já mencionado por outras partes.

sequenciais nas exposições de relatos que se afirmam etnográficos, especialmente quando envoltos em discursos orientados a produção de relatos em ficção de fantasia afirmada como etnográfica.

Há outros agentes e instituições, inclusive aqueles que não falam português, como a muito mencionada por meus interlocutores e interlocutoras: *Triple A*, ou AAA, que merecem ao menos uma menção antes de concluir este capítulo:

A tal triple A<sup>74</sup>, é associação nacional justamente do país, que via uma série de bolsas e acordos, além de protagonismos enquanto formador de cientistas sociais, notadamente antropólogas e antropólogos é um nó, ainda que não falante de português, ao ser constituinte de uma série de falantes de português, seja dito europeu ou chamado brasileiro, da antropologia ou de áreas próximas:

*E isso pra dizer que então havia muitas influências. De fato, por acaso não havia muito influência americana, mas também não foi pra ser original que eu fui pros Estados Unidos. Foi porque havia lá um conjunto de coisas que me interessavam. [...] Alguns colegas meus foram fazer mestrado lá, como a Clara Saraiva e o Miguel Vale de Almeida. [...] Eles foram antes, mas foram só pra fazer o mestrado. [...] Havia um programa, não havia FCT neste tempo. Havia o Fullbright<sup>75</sup>. [...] E dava bom arranque, porque dava uma espécie de certificado de qualidade, que depois ajudava a ter outras bolsas das universidades, e de outras instituições de lá. Então eu fui, e houve alguns outros portugueses da minha geração que foram, por exemplo lá da Nova o João [Carvalho], da Etnomusicologia. E muita gente da etnomusicologia, porque Salwa Castelo-Branco tinha estado na Columbia.*  
[Entrevista com Cristiana Bastos]

A quantidade de antropólogas e antropólogos oriundos do Brasil e de Portugal que se encontraram neste território, e via encontros desta associação pode ser reduzida, mas foi suficiente para permitir amarrar outros nós nesta rede, além de fortalecer alguns nós já em construção.

---

<sup>74</sup> Associação americana de antropologia ou *American anthropological association*.

<sup>75</sup> Maiores detalhes em IIE. Fullbright. 2015.

É importante reiterar como as manutenções de protagonismos é que podem ser revistas, e não estando no foco das argumentações as potenciais existências destes, ou mesmo nas comuns opções por adoções destes dispositivos de apresentação ou ainda quando em usos de espetacularização em face de outras abordagens estético-discursivas de exposição ou sugeridas críticas antropológicas.

Há, ainda hoje, questionamentos, sobre porque acabar em Portugal, sendo frequentemente realizada uma redução a questões de ordem idiomática. Supostamente por não saber falar francês ou inglês.

Curiosamente, nenhuma das autorias que são identificadas como centrais no estabelecimento destas redes fizeram seus doutorados em território português, enquanto de lá são nacionais.

E por consequência, nenhuma das autorias brasileiras, que seriam homofuncionais às portuguesas, deixaram também de realizar seus doutorados no estrangeiro.

Sem exceção, é mapeado que todas as partes centrais neste conjunto de engrenagens, quer sejam brasileiras ou portuguesas acabaram sendo formadas em solo longe de casa. Não raras vezes no tríptico epicentro antropológico: França-Inglaterra-Estados Unidos.

A questão não é. E arrisco dizer que provavelmente nunca foi uma limitação de idioma por parte daquelas partes que compõem as redes de pesquisas antropológicas entre Brasil e Portugal<sup>xxxii</sup>.

Se for dada alguma prioridade a questão da língua ou idioma na aproximação com o campo de pesquisa, pode-se afirmar que análises que cruzem discursos tidos coloniais e ditos pós-coloniais não raras vezes possuem foco nos contextos de idiomas franceses e principalmente ingleses, como bem lembrado por Cristiana Bastos *et alia* (2014:19-20), tornando preciosas e caras as propostas que problematizem ou apresentem contextos mais subalternizados ou invisibilizados na academia, como os espaços e tempos criados durante e posteriormente ao colonialismo lusófono.



## 6 DESCREVENDO UM CONGRESSO EM PORTUGUÊS: CONLAB<sup>76</sup>

Imagine agora, não a primeira, nem a segunda edição de um congresso, mas já lá pela décima-segunda recorrência, passados uns bons vinte e cinco anos, tendo sido sediado em pelo menos umas nove cidades, cerca de quatro países, distribuídos entre três diferentes continentes<sup>77</sup>. E não apenas um congresso nacionalmente chamado português, ou mesmo binacional, tido como luso-brasileiro, mas um congresso que se auto declare como representante do continente africano, ainda que restrito aos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), acrescido do país-continente Brasil.

O congresso ocupa literalmente metade das edições em solo português, mostrando que o luso prevalece sobre o brasileiro, mas principalmente sobre o africano. As edições portuguesas são Coimbra em 1990, Lisboa em 1994, Porto em 2000, Coimbra em 2004, Braga em 2009 e retorna à Lisboa em 2015. Mesmo o Brasil é representado, sozinho, mais vezes que toda a África junta, ocorre em 1992 em São Paulo, em 1996 e 2002 no Rio de Janeiro e em Salvador em 2011. As edições no continente africano se restringem as capitais Maputo, em 1998 e Luanda em 2006.

Tive a oportunidade de nele participar em 2015, desta vez não em Coimbra<sup>xxxiii</sup>, e sim na capital portuguesa, a décima-segunda edição do congresso luso-afro-brasileiro<sup>78</sup>. É um congresso bianual.

Pensemos um pouco sobre a designação do Congresso: Luso-Afro-Brasileiro. O luso, no nome, é aquele que remete diretamente a lusofonia, ou à Portugal, nação que nas palavras de um brasileiro, Gilberto Freyre, nasce e tem a missão, quase um destino manifesto, de colonizar, ou como exposto por Cláudia Castelo (2011:263-270), de criar novos povos.

Afro, esta palavra que diz nada sobre muito. Meia década estudando antropologia no Brasil e em Portugal ainda não me permitiram compreender o que se entende por “afro” ou “africano”. Penso que se olharmos para um país qualquer subsaariano deste já nomeado continente, que aliás, possui outros 53 países, a diversidade étnico-cultural, de crença, alimentação ou educação é maior do que a

---

<sup>76</sup> É sugerida durante a leitura a consulta ao anexo II, incluído nas páginas finais.

<sup>77</sup> Cf. AILPCSH. Congressos anteriores. 2015.

<sup>78</sup> Maiores detalhes em: AILPCSH. XII Conlab. 2015.

diversidade na Europa inteira e que portanto o termo “africano” não serve como uma designação abrangente.

Um de meus entrevistados, já fora de espaços acadêmicos<sup>79</sup> sugere que a criação do CONLAB esteve relacionada com uma mudança de perspectiva portuguesa sobre o continente africano, enquanto produtores de conhecimento. Até então os africanos eram vistos como “meros sujeitos de pesquisa”. O congresso permitirá mudar a relação entre pesquisadores portugueses e brasileiros que pesquisavam sobre África com intelectuais africanos. Assim, no encontro em 1996, é que se estabelece e planeja uma edição futura, em solo africano

E “brasileiro” parece ser empregado no título do congresso em sua acepção positiva, a do fruto da colonização portuguesa que “deu certo”.

Mas neste congresso científico, como nos demais, deve-se ressaltar que antes de ter o direito a fala - ou mesmo a escuta -, é preciso pagar. E caro. Como nos demais congressos científicos. Como havíamos encaminhado uma proposta de grupo de trabalho<sup>80</sup>, com mais três colegas, eu já havia pago a minha inscrição há meses e não teria despesas fora do habitual para me deslocar até o evento, por estar morando em Lisboa, em fevereiro de 2015.

No primeiro dia ainda é preciso finalizar o credenciamento, presencialmente, e ao sair do *hostel* onde pernoitei trabalhando, são cerca de 15 minutos caminhando pela avenida que é batizada com o nome daquele que foi o terceiro presidente da sociedade de geografia de Lisboa<sup>81</sup>.

Sabendo que a conferência de abertura se dará no mesmo local onde resido<sup>82</sup> durante estes 10-11 meses em Lisboa, me dirijo ao respectivo, com alguma antecedência e descubro que a entrada é permitida apenas após o credenciamento. Ocorre que como bem sinalizado nas entrevistas com docentes de antropologia, houve no passado algumas fortes disputas em Lisboa sobre quem sedia o que nos congressos em antropologia<sup>xxxiv</sup>, e hoje, disputas similares permanecem no que concede as ciências humanas.

Ao analisar a programação, há uma tentativa de distribuição de atividades que pode, inutilmente tentar eliminar ou reduzir as disputas:

---

<sup>79</sup> A identidade, deste relato, será preservada, por questões éticas..

<sup>80</sup> Maiores detalhes em: CONLAB. GT 94. 2015.

<sup>81</sup> Maiores detalhes em: SGL. Presidentes. 2015.

<sup>82</sup> Maiores detalhes em: UNL. Residência Alfredo de Sousa. 2015.

A conferência de abertura ocorre na reitoria da Universidade Nova de Lisboa, enquanto a conferência de encerramento ocorre na Cidade Universitária, sede da Universidade de Lisboa e ao lado do Instituto de Ciências Sociais e também do ISCTE.

O credenciamento, no entanto, fica no exato ponto geográfico entre estes dois extremos, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Os jantares e outras cerimônias também estão distribuídos entre lá e cá.

Assim, o deslocamento para quem quiser participar das várias atividades científicas e principalmente celebrações do congresso será constante.

Ainda que bem sinalizada desde a entrada da esplanada que tem uma faculdade<sup>xxxv</sup> até o já informado credenciamento, são vários minutos esperando até ser atendido no balcão de credenciamento, que está praticamente vazio. Os outros dois balcões de credenciamento também estão vazios. Tudo porque um senhor, alto, já com poucos (ou nenhum) cabelos, e passados dos cinquenta anos de vida, repete inúmeras vezes, enquanto tenta manter alguma parcimônia:

*Eu não quero me associar a mais uma associação [pausa] científica. Principalmente esta. Eu quero apenas coordenar o GT<sup>83</sup> que vocês inclusive JÁ aceitaram. Eu não vou me associar. Eu não tenho interesse. E eu já paguei a absurda taxa de inscrição no evento. Não vou pagar nada mais.*

São pelo menos três monitoras e monitores a cercar o senhor, aos movimentos semicirculares, com braços levantados, pessoas claramente despreparadas, gerando total ausência de diálogo, enquanto repetem o *script* que lhes foi ensinado:

*Mas senhor, digo, professor. [pausa] Não somos nós quem fazemos as regras. Todos os coordenadores de grupo de trabalho se associaram, alguns antes de se credenciar. Você é o primeiro a contestar.*

A procura por alguém responsável é totalmente infrutífera, mas o senhor decide esperar tal chegada. E após a chegada de tal pessoa,

---

<sup>83</sup> Literalmente “grupo de trabalho”.

ocorrem então ameaças de um lado de “não ser possível a apresentação sem realizar a inscrição como membro efetivo na associação<sup>84</sup>” e de outro de “ser a última vez que participaria de tamanha alegoria”.

Ao fim de um bom número de pares de minutos não me fica claro se de fato ocorreu o pagamento ou não da inscrição. Pela insatisfação final do professor, português, e antropólogo, aparentemente sim.

Após a minha inscrição eu permaneço a procura de colegas brasileiras, que como outras hoje, e no passado recente, veem ao velho continente para apresentar e conhecer trabalhos em e sobre antropologias. Não há encontro, e tento correr, para enfim alcançar a mesa, que na verdade são duas, de abertura enquanto é tempo.

O salão da reitoria da Universidade Nova de Lisboa está vazio. É um salão grande e espaçoso, com duas grandes entradas, uma de cada lado, seguidas de duas grandes arquibancadas e um vão entre elas, central. Também vazio, tanto pelos espaços dedicados as partes que possuem direito a fala, como nos maiores, reservados as partes que possuem direito a escuta.

Arrisco dizer que muita gente naquele momento é que foi realizar a inscrição, como eu, após ser impedida a entrada na reitoria. Um dos lados está, inclusive, bloqueada a entrada.

A mesa permanece vazia por longos minutos, minutos que vão sendo preenchidos com a chegada espaçada e frequente de pessoas nas centenas de lugares vazios. Estão quase totalmente preenchidos antes da primeira pessoa sentar na centralizada mesa com quatro cadeiras, encostada a parede. Há flores na frente e atrás. São rosas. Acho.

O homem sereno e negro, talvez o único com tal fenótipo no auditório, salvo as representantes fenomônimas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e da Universidade Federal da Bahia, sentadas na primeira fila do lado esquerdo, fala calmamente em um telefone celular, ou apelidado telemóvel em Portugal, um misto de francês com português, talvez seja algum específico crioulo cabo-verdiano.

A abertura que virá a seguir será múltipla, e em duplas partes. A primeira roda é chamada de abertura formal, acredito que nome melhor não lhe caberia. Já a segunda é dita redonda, e também de abertura. É uma mesa. A mesa redonda de abertura.

A primeira sugere política, a segunda afirma acadêmica. Como se houvesse academia sem política ou política sem academia. O simples

---

<sup>84</sup> Maiores detalhes em: AILPCSH. Historial e missão. 2015.

fato de chamar autoridades políticas para academia deveria ser suficiente para declarar o absurdo de tal distinção e separação.

Chegam uns senhores engravatados, aos pares e trios, alguns sentam a mesas, outros puxam celulares e papéis. Há uma, agora duas, mulheres. Alguns são convidados a sentar fora daquela mesa. Aguardar.

A primeira mesa conta com nomes como António Rendas<sup>xxxvi</sup>, Fernando Luís Machado<sup>xxxvii</sup>, Arlinda Cabral<sup>xxxviii</sup>, João Costa<sup>xxxix</sup>, José Luís Cardoso<sup>xl</sup>, Cláudio Furtado<sup>xli</sup>. E a segunda mesa é menor, mantendo a presença do último nome, com a adição de outras três partes: Manuela Carneiro da Cunha<sup>xlii</sup>, Boaventura de Sousa Santos<sup>xliii</sup> e João Paulo Borges Coelho<sup>xliv</sup>.

E acertadas as ordens de falas, tempos de exposição e outras regras da partida que iria começar, soam nos autofalantes a frase de Cláudio Furtado: “Está aberta a décima-segunda Conlab”!

É perceptível um nervosismo razoável em Cláudio Furtado. Não demora muito para continuar a fala, e logo entra nas questões financeiras de uma associação de tal porte, mas não usa o termo financiamentos. Há então uma série de desculpas, pelas falhas da organização, e de agradecimentos de instituições à pessoas, de associações à comunidades, que rapidamente são substituídas pelo discurso da lusofonia em tempos de publicações em inglês. Sugere que as agendas não podem se resumir, nem ao português, nem ao inglês. É uma crítica mínima a lusofonia, se é que isto é permitido em tal espaço. Também sugere que não podemos nos restringir as ciências sociais e humanas.

[Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015]

É curiosa a tentativa de crítica à lusofonia em um evento construído por e para ela. E às ciências humanas, com homônima titulação da associação, a qual preside. É claro que tal comentário, ainda que discreto e pontual não seria perdoado e passado em branco. A resposta vem logo na próxima pessoa que pede a fala:

Na sequência é a senhora que representa a comunidade dos países com língua oficial portuguesa, que em muito resumo recupera os elogios à lusofonia. O uso de termos expansão, avanço e comunidade, é frequente. Além do

óbvio, lusofonia. A atenção para a fala dela quase é substituída pelo alarde com os grupos de pessoas que acabam de chegar do credenciamento. Enfim abrem o segundo lado do auditório.

[Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015]

Após as outras três falas, fica evidente que Cláudio Furtado só participa do encontro por ser presidente da associação, e mesmo assim, o respeito a sua posição pode ser questionado quando

eu reparo que apesar de ser o presidente da sessão, e não o reitor da Universidade Nova de Lisboa, nenhuma das autoridades autorizadas a falar, percebe que, ainda que negro e principalmente “africano”, Furtado deveria ser a primeira pessoa a receber cumprimentos. Nenhuma delas o cumprimenta antes dos reitores e vice-reitoras, uma delas inclusive prioriza *as mulheres*, que era apenas uma. Uma representação, da representação, da secretaria, da fabricada comunidade de países. E após tais cumprimentos, de um lado e de outro das universidades e institutos há alguma sinalização para como este tipo de evento facilita e permite *parcerias* entre as universidades em, e não de, Lisboa. Falam de um consórcio futuro, parecido com *aquele do norte*<sup>85</sup>.

[Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015]

São umas boas horas de fala até completar os espaços vagos no auditório, e também os espaços de fala. E terminadas as falas, há surpresas, dentre elas, a impossibilidade de perguntas a quaisquer partes da mesa, provavelmente pela delicada situação de um certo senhor, que tentava, meses antes censurar<sup>86</sup> específica revista de ciências sociais<sup>87</sup> em Lisboa. Estava eu lá com um dos meus exemplares para lhe perguntar. Mas não ocorreu a oportunidade ou espaço. Ele saiu cinco minutos antes do fim do tempo, pela porta de trás. Mal deu tempo para começar a apresentação que era chamada de

---

<sup>85</sup> Maiores detalhes em: UP. O primeiro consórcio de universidades portuguesas... 2014.

<sup>86</sup> Consultar Paula Oliveira. Grafitti polêmicos vencem censura na Análise social. 2014.

<sup>87</sup> Remete a revista Análise Social, de ISSN: 0003-2573.

Fado dançado<sup>88</sup>, onde é facilmente possível de ser visualizada<sup>89</sup> grande distinção por gênero e por fenótipo, as dançarinas são cinco mulheres e apenas um homem, e os instrumentistas são todos homens. A maioria esmagadora de pele negra. Quase terminando a apresentação a mesa é convidada a participar, e entre todas e todos, apenas Cláudio Furtado é quem aparenta ter algum jeito para a coisa. Escuto um comentário na fila de trás descrevendo o possível porque. Não o quero registrar.

[Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015]

E acabando a primeira mesa são poucos minutos até a segunda completar o mesmo espaço, após a troca de garrafas de água, que não foram abertas.

Dentre as partes há um Boaventura, que se limita a criticar o título do congresso, diz ser impossível *revisar*, em uma jogada estratégica, traz uma definição de dicionário, saltando de *repensar* para *revisar*<sup>90</sup>. Sugere visitar, e aí tece uma crítica. Curioso para alguém que pede, no subtítulo, uma nova universidade, via *reforma*<sup>91</sup>, a crítica dispensa qualquer guião de leitura. Há também um sereno Cláudio Furtado, que lê, da primeira à última letra a fala. E um escritor de literatura, que faz saltos pela história, ou o contrário. Vive o sonho idealizado por nove entre dez estudantes de pós-graduação em antropologia social. E uma Manoela Carneiro da Cunha que é quem de fato começa a segunda rodada de falas, as acadêmicas, e que se tropeça ao falar do fim da ditadura portuguesa, sugere ter acabado em 1985, foi a brasileira. Deve ter confundido. Essa gente toda falava português e era envolta por militares. E ela, sempre esteve mais lá, nos Estados Unidos, do que cá, nestes lugares que ainda falam português. Repete mais duas vezes o ano de 85. Na segunda,

---

<sup>88</sup> Maiores detalhes em: BATOTOYETU. Quem somos. 2015.

<sup>89</sup> Maiores detalhes em: YOUTUBE. Fado dançado Lisbon @ Conlab. 2015.

<sup>90</sup> Remete ao título do congresso: Imaginar e repensar o social.

<sup>91</sup> Remete ao livro: A universidade no século XXI, de ISBN: 978-85-249-1606-9.

a última, há risos. Provavelmente pela audaciosa opção por não trazer um *script* de leitura, como será identificado em todos os demais falantes, com exceção de Boaventura. Ele não precisa. A fala [dela] se estende, começa em Lévi-Strauss, salta para o perspectivismo, elogia Eduardo e começa a falar sobre a produção de mel. Talvez uma menção impossível de identificar ao *cru ou ao cozido*<sup>92</sup>. Talvez ao *mel ou as cinzas*<sup>93</sup>. Há alguma crítica a monocultura em oposição à tecnocracia. Eu poderia jurar que as abelhas, citadas como exemplos, são adeptas de monocultura. Mas como bem dito por docentes em meu departamento, eu não percebo nada disso. Há um outro que diz que não devo assinar nada antes de acabar um doutorado. A fala remete aos *laudos*. Senhor este que nunca escreveu um.  
[Diário de campo, de 1 de fevereiro de 2015]

Apesar de estar coordenando, juntamente com três colegas, um grupo de trabalho<sup>94</sup>, há espaço para visitar outros mais, e dentre estes, percebo a frequência rara de antropólogas e antropólogos no geral neste congresso de ciências sociais, tanto nos anais impressos, mas principalmente nas apresentações orais.

Assim como de pesquisadoras e pesquisadores oriundos daquele continente que, mesmo após o suposto fim da colonização ainda é tido como país-objeto-de-pesquisa: África. Apenas no nosso grupo de trabalho, são quatro as pessoas de “origem africana” que não puderam apresentar, pela total incapacidade de financiamento ou impedimento de entrada na Europa.

Um de nossos coordenadores, não veio para o congresso, mesmo com bilhetes reservados e com recursos, pois dada a origem, de ex-colônia, de seu país de origem, hoje Moçambique, e dos esforços dos serviços de emigração e fronteiras<sup>95</sup> em manter essa gente longe do precioso espaço europeu, não lhe foi permitido o visto de entrada. A participação no congresso se deu via Skype<sup>96</sup>.

<sup>92</sup> Remete ao livro: *Mythologiques: Le cru et le cuit*, de ISBN: 978-22-590-0413-8.

<sup>93</sup> Remete ao livro: *Mythologiques: Du miel aux cendres*, de ISBN: 978-22-592-1101-7.

<sup>94</sup> E como de praxe sem apoio financeiro por parte de meu programa de pós-graduação.

<sup>95</sup> Maiores detalhes em: ACIDI. Retorno voluntário. 2015.

<sup>96</sup> Maiores detalhes em: SKYPE. Sobre o Skype. 2015.

Em outros grupos de trabalho escuto uns relatos interessantes, encontro docentes famosos apenas como pacientes ouvintes - fugindo do congresso -, em suas palavras, e também bons livros, alguns de editoras africanas<sup>97</sup>. Muitos em português.

Imagine a minha surpresa ao ouvir aquela senhora apresentando a sua “longa pesquisa”, de três meses, com refugiados “africanos” residentes no Brasil quando expõe que:

*E ele veio me dizer, nestes termos, bastante alterado, enquanto eu tinha que controlar os policiais qualquer coisa como “minha senhora, não existem gays [como você descreve] no Congo”. Eu tive que rir na cara dele, como assim não existem? Não é porque ele nunca viu, que ninguém nunca os encontrou que eles não existem. Até parece que existe um lugar no planeta que não existem gays.*

Em outro lado do congresso encontro um professor, que havia sido “praticamente expulso” desta universidade, retorna agora como debatedor do congresso. Fato curioso encontra-lo ali como de costume, fumando, e aproveito o encontro para lhe perguntar sobre a possibilidade de uma entrevista, a qual recebo uma resposta afirmativa.

Algum tempo depois encontro ele em outra instituição. É uma entrevista aos sons de decolagens e pousos dos aviões da TAP. Afinal, Lisboa tem um aeroporto praticamente dentro da cidade. É impossível passar umas poucas horas<sup>98</sup> ali e não ouvir os aviões a chegar e a sair.

Ao final desta breve descrição da abertura e de partes, deste representativo congresso espero ser capaz de evidenciar a plena ausência de africanas e africanos, assim como o uso político da academia em solos falantes de idioma português. O congresso é, no entanto, utilizado como alguma ponte ou conexão entre as diversas antropologias produzidas nestes solos.

---

<sup>97</sup> Sugiro a coleção “Cadernos de ciências sociais”, da Escolar Editora, por Carlos Serra.

<sup>98</sup> O mesmo que *horazinhas*, é frequentemente utilizado em Lisboa.



## 7 UMA RELAÇÃO EUROPEIA: O CASO DA EASA E PORTUGAL

Passados 25 anos desde o primeiro congresso da associação europeia de antropologia social, que foi realizada em Coimbra, é simbólico o convite para a então presidente da associação portuguesa de antropologia em 2014 fazer a fala de abertura na plenária principal da 13ª reunião da respectiva europeia associação.

Simbólico mesmo podem ser aquelas partes dos discursos de Antónia Pedroso de Lima que encerram tais pronunciamentos (2014):

*The creation of EASA in 1989 was an important turning point for anthropology. And also for portuguese anthropology. [...] In our peripheral condition, portuguese anthropology was very successful in addressing the challenges [...] through the articulation up the networks in Europe and the atlantic world, namely with the vibrant<sup>xlv</sup> anthropology of the portuguese speaking world, which brazilian anthropology is a good example. His bridges for collaboration where one of the most important outcomes from EASA.<sup>xlvi</sup>*

Há um ponto intermédio na história da EASA, em 2004, quando um português, João de Pina-Cabral, é presidente da associação, e permite que no encontro bienal realizado em Viena haja espaço reservado para uma mesa inteira de antropologias brasileiras. A questão das antropologias escritas e faladas em português, é retomada, pela mesma antropóloga, dias mais tarde, no mesmo evento, na apresentação do novo editor geral da *American Ethnologist*<sup>99</sup>, como relato em meu diário

O auditório está lotado. Todas as pessoas aqui aguardam duas falas em especial: Uma sobre o significado histórico da edição da *American Ethnologist* pela primeira vez realizada fora dos Estados Unidos. E outra, sobre as propostas da nova equipe editorial. Nesta segunda fala, o que mais chamaria a atenção, sem distância alguma, é quando Niko Besnier, o novo editor, comenta que

---

<sup>99</sup> Remete ao periódico homônimo, de ISSN: 1548-1425.

“serão incentivados, e parcial ou totalmente financiadas as traduções e *reviews* em idiomas distintos do inglês”. Melhor, haverá recepção de originais em outros idiomas. E não somente *européus*, seja lá o que isso signifique. Após o alvoroço posterior a tal afirmação, um sem fim número de braços vão sendo levantados, as perguntas variam desde “quem vai pagar por isso”, ou “quais os idiomas que serão prioritários” até resistências afirmando que “toda a gente tem de saber publicar em inglês”. Mas dentre estas perguntas, aquela que vem da atual presidente da associação portuguesa de antropologia é a que mais me chama a atenção: “Eu compreendo a importância de traduções de textos escritos em idiomas como russo, chinês, árabe, entre outros, mas gostaria de saber, considerando a antropologia produzida nos países falantes em português, nomeadamente Brasil e Portugal, qual é a possibilidade de termos subsídios para este tipo de avaliação, de materiais escritos em português”. Ainda mais surpreendente é a resposta, que é prontamente disponibilizada, com um “o idioma português, juntamente com os respectivos chinês, russo, árabe, e adicionaria pelo menos alemão e francês, além do italiano, japonês e espanhol, serão prioritários. E nós entraremos em contato com as respectivas associações nacionais, pedindo pareceristas falantes e fluentes destes idiomas”<sup>100</sup>.

[Diário de campo, de 3 de agosto de 2014]

O que observei naquela fala do novo editor da *American Ethnologist* foi muito significativo do que estou buscando argumentar nesta dissertação: de que as antropologias em português começam a ter um lugar de reconhecimento no campo das antropologias mundiais.

Como sabemos, a internacionalização das antropologias ditas “periféricas” parece necessariamente passar, tanto pela presença em congressos como pela publicação em periódicos internacionais, atividades que normalmente são constituídas através de redes onde o

---

<sup>100</sup> O registro de tais comentários estão feitos em português em meu diário de campo.

inglês é a língua de prioritária difusão, seguido quando possível pelo francês e em alguns casos espanhol.

Para a associação europeia de antropologia social não é muito diferente, se quando nasce (1990), tem o primeiro encontro em Portugal, fora da capital, passados dois anos vai à República Tcheca (1992). Nos encontros seguintes, passa por Noruega (1994) e por Espanha (1996). E em 1998 se realiza na Alemanha, e passados mais dois anos vai à Polônia (2000). Apenas após passar por Dinamarca (2002) e por Áustria (2004), é que de fato o congresso chega a um país reconhecidamente como referência mundial em antropologia: Inglaterra (2006), mas não será em Londres. Posteriormente ainda passa por Eslovênia (2008) e novamente no Reino Unido, agora na Irlanda (2010), para então aterrissar na França (2012), praticamente em Paris, chegando, enfim em 2014 na Estônia, na capital, Tallinn.

Ao olhar os anais da conferência que assisto em 2014 em Tallinn (Estônia) é perceptível a redução do corpo de brasileiras e brasileiros, quando comparada as edições anteriores, como evidencio ao término deste item, comparando valores quantitativos das presenças de intelectuais, pesquisadoras e pesquisadores entre RBAs e EASAs.

É que este encontro no entanto, ocorre na mesma semana da reunião brasileira de antropologia. Não são necessárias grandes reflexões ou grandes explicações. E o erro, como já exposto nos capítulos introdutórios, não são de alguém que falasse português pleno, fosse este brasileiro, europeu ou africano.

Não querendo dizer qualquer coisa neste sentido, mas ao analisar a coordenação de grupos de trabalho, seminários e a participação nas conferências nos quatro principais congressos recentes de antropologia social que podem envolver corpos de pesquisa de Brasil e Portugal, o que é mapeado é que:

Dos 136 painéis realizados na Estônia em 2014, em quatro deles há um antropólogo/a de Portugal na coordenação. Em outros três há alguém do Brasil. Não há parcerias entre os dois países enquanto coordenadores de painéis na EASA<sup>101</sup>. É um número bastante distinto do observado na reunião de dois anos antes, em 2012 em Paris, onde ocorrem 141 painéis, com quatorze deles coordenados por antropólogos/os portugueses. E em um décimo-quinto há alguém do Brasil, há ainda um último, onde ocorre uma parceria na coordenação<sup>102</sup>.

---

<sup>101</sup> Cf. EASA. Panels. 2014.

<sup>102</sup> Cf. EASA. Panels. 2012.

E em 2010, na reunião da EASA sediada em Maynooth, são apenas 120 painéis, mas em sete deles há alguém de Portugal na coordenação. Não há ninguém do Brasil coordenando, exceto naquele único painel onde a coordenação é compartilhada com uma face portuguesa<sup>103</sup>.

Confirmando os nomes, de alcunha portuguesa, que se ausentaram na última edição da EASA, e que estavam presentes nas duas anteriores, todas as partes, sem exceção, estavam na última RBA. E destas, uma pessoa<sup>104</sup>, agora é residente permanente na Unicamp e no Brasil.

E ainda sem querer dizer nada além disso, mas se dando ao luxo de dizer, apenas em efeito de comparação, nas últimas três RBA, a quantidade de grupos de trabalho e seminários saltou de 79 em 2010, para 134 em 2012 e se manteve nos 135 em 2014, e a participação portuguesa manteve um percentual relativo ao total nas três edições.

Se em 2010, são seis os corpos de coordenação com participantes do Brasil e de Portugal simultaneamente<sup>105</sup>, em 2012 este número dobra, atingindo a quantia de doze corpos de coordenação com participantes de Portugal<sup>106</sup>, não muito distante das onze participações que se juntam com nativas e nativos em 2014<sup>107</sup>.

De certa forma, arriscaria dizer que portuguesas e portugueses, assim como brasileiras e brasileiros, preferem ir a um encontro nacional brasileiro de antropologia do que ao encontro europeu de antropologia, mas que na medida do possível tentar frequentar ambos espaços.

Outras fronteiras e contatos são visíveis entre a Europa e a Rússia, em Tallinn, onde é permitido conhecer também as identidades políticas e acadêmicas que perpassam os contatos entre os países membros da associação europeia de antropologia social quando é necessário pontuar sob um acordo comum uma definição de quais são os objetivos da associação, via publicação de uma resolução específica<sup>108</sup>.

E esta gente investe se não todo, mais da metade do tempo disponível a discussões em torno de um ponto dos denominados “objetivos da associação”, especificamente propondo alterá-lo do texto

---

<sup>103</sup> Cf. EASA. Panels. 2010.

<sup>104</sup> Remete à professora Susana Durão.

<sup>105</sup> Cf. ABA. 27ª RBA. 2010.

<sup>106</sup> Cf. ABA. 28ª RBA. 2012.

<sup>107</sup> Cf. ABA. 29ª RBA. 2014.

<sup>108</sup> Cf. EASA. Members' forum discussion. 2014:4.

original que é “*The objects of the association are to promote education and research in social anthropology by improving understanding of world societies and encouraging professional communication and cooperation between anthropologists, especially those working in and on Europe*” para “*The objects of the association are to promote education and research in social anthropology by improving understanding of world societies and encouraging professional communication and cooperation between anthropologists, especially in Europe*”.<sup>xlvii</sup> Há euro-dificuldades aparentemente em compreender que “aqui” nascer, viver ou pesquisar não possui sinônimo em consenso quanto à primazia e hierarquia enquanto categorias com capacidades de produção de discursos sobre práticas de “identidades” em antropologia.

[Diário de campo, de 4 de agosto de 2014]

A discussão que versa sobre a manutenção de um estatuto enquanto “quem possui identidade legitimada por esta associação enquanto europeia” pode variar de múltiplas abordagens e defesas, perpassando por: “nascer na Europa”, “viver na Europa”, “ter se graduado na Europa”, “trabalhar na Europa”, “pesquisar na Europa”, “pesquisar sobre a Europa”, “todas as anteriores e umas mais” até a quase unanimidade, e final decisão, e ressaltado que é prévia ao debate, que é “ter as quotas com a *European Association of Social Anthropologists* em dia”, afirmadas e repetidas desde o início: *I repeat: Only full members has right to vote*<sup>xlviii</sup>. Estas discussões podem ser pouco efetivas enquanto o registro oficial na constituição da EASA informa, na parte de *membership*<sup>109</sup> (grifos pessoais) que:

9.3.2 Ordinary members are social anthropologists who have been admitted to membership by decision of the trustees. Eligibility for ordinary membership is based on one of the following criteria:

---

<sup>109</sup> Maiores detalhes em: EASA. Constitution. 2014.

9.3.2.1 Possession of a Master degree (or equivalent) in social anthropology (or equivalent) **from a European university or**

9.3.1.2 Possession of a teaching or research post in social anthropology (or equivalent) **which is at a European university or European institution of equivalent standing**

E ao fim há terminal confirmação de aceite enquanto identificador unicamente o desejo e interesse pelo ingresso na associação demonstrados pelo pagamento em centenas de euros realizado.

Ao partir de similares perspectivas não deve ser difícil atingir semelhanças nas problemáticas de definição de limites no ambiente de identidades lusófonas produzidas entre antropologias brasileiras e portuguesas.

E ao buscar definições com alguma articulação política, pode-se apropriar dos ideais de lusotropicalismo, enquanto aquilo que se revela parte do que busca definir e construir lógica, mas a tendência é perceber como o lusotropicalismo é constituído sob uma ideologia *lusocentrista*, como bem apontado por Miguel Vale de Almeida (2008:7-8).

Singular situação que em consequência permite remover e impossibilitar os famosos tropicalismos lembrados por Heloisa Buarque de Hollanda (2004:62-64) entre outras autorias. Mas as relações não devem ser compreendidas ou problematizadas enquanto produtoras de limites entre antropologias, mas entre produtoras de conexões entre as várias partes que compõem o que se definem enquanto pesquisas, e neste sentido, devem incluir desde antropólogas e antropólogos até os corpos de interlocutoras e interlocutores.

## **A Associação Portuguesa de Antropologia - APA**

O fato de todos os duetos na última reunião da associação portuguesa de antropologia<sup>110</sup> serem formados por pares dos dois lados do atlântico, e de duas, das três conferências maiores serem reservadas à antropologia brasileira - a terceira é reservada ao mesmo senhor que tem o capítulo final daquele livro<sup>111</sup> que falava sobre antropologia brasileira,

<sup>110</sup> Cf. APA. Congresso 2013. 2013.

<sup>111</sup> Remete ao livro: O campo da antropologia no Brasil, de ISBN: 978-85-8601-181-8.

também reservado para si-, e é o único estrangeiro lá, *deve* dizer algo sobre as aproximações entre as duas antropologias.

Assim como, neste mesmo congresso, dos sessenta grupos de trabalho, quatorze incluem uma ou mais partes do Brasil, e oito são formados unicamente por brasileiras e brasileiros, ou em alguns casos, parcerias entre Brasil e Espanha, sem o lado português.

A situação pode ser percebida e mapeada por múltiplas perspectivas, como nas desilusões variadas pelas sobreposições de datas entre a reunião de antropologia no Brasil e o encontro de antropólogas e antropólogos sociais na Europa que são também compartilhadas em outros relatos:

*Não, é que foi dramático. Eles marcaram a RBA<sup>112</sup> naquela data pra não coincidir com a EASA<sup>113</sup>. E a EASA mudou a data [depois]. [...] Eu [me] lembro de estar em uma conversa com a Carmen [Rial] e a Miriam [Pillar Grossi] na EASA anterior, em Paris [...] estar a conversar e a Miriam a dizer: “Não, vamos mudar a data da RBA”. [...] Eu estava para não ir a EASA, para poder ir pra RBA, entretanto eu tive o convite para ir para a EASA falar no plenário principal. E quem é que vai dizer que não [vai]? [...] Se não fosse a plenária eu não teria ido pra Estônia.  
[Entrevista com Antónia Pedroso de Lima]*

Além de ser possível a observação de outras manifestações por curiosos atentos:

Porque é no mínimo provocador de especulações sobre relações entre associações nacionais e internacionais de antropologias quando a passada presidência da associação portuguesa de antropologia literalmente abandona o encontro bianual europeu de antropologia, às pressas, acompanhada do novo editor do periódico *American Ethnologist*<sup>114</sup> para se encontrarem com as representações da associação norte-americana

---

<sup>112</sup> Remete a 29ª reunião brasileira de antropologia.

<sup>113</sup> Remete a 13th *European association of social anthropologists biennial conference*.

<sup>114</sup> Que pela primeira vez foi editado fora dos Estados Unidos, de ISSN: 1548-1425.

de antropologia e outra meia dezena de antropólogas e antropólogos com origens portuguesas, entre outras europeias origens, que já estão na reunião brasileira de antropologia e nem os pés colocaram em Tallinn. Diria que para chegar ao pós-evento que os inclui enquanto presença esperada e obrigatória. Lembrem-me das recentes presenças brasileiras na última reunião da associação japonesa de antropologia<sup>115</sup>.

[Diário de campo, de 4 de agosto de 2014]

E se estas fugas para o Brasil não são assuntos tabu entre as partes que delas participam, curiosas seriam se não fossem previamente arquitetadas e intencionalmente e minuciosamente planejadas:

*Bom, eu agora sou presidente da APA<sup>xlix</sup>. E justamente nós na APA, já [desde] a última direção, e a anterior, com a Susana [de Matos] Viegas, e o Robert Rowland, lutou-se imenso por [estabelecer e fortalecer] esta relação entre a ABA e APA. No último congresso, em Vila Real<sup>116</sup>, a Carmem Rial era presidente da ABA, e foi convidada pra vir, pra participar nos nossos duetos<sup>117</sup> [...] no congresso da ABA no ano a seguir [...] eu fui convidada pra ir pra Natal. [...] Mas claro que a antropologia portuguesa e brasileira tem um longo historial de relações, sobretudo, mais recentemente, [...] com a Cristiana [Bastos] e com o Miguel [Vale de Almeida] [...] e a Bela Feldman-Bianco. [...] Por duas razões: Uma eu queria imenso [ir ao congresso da ABA], achava mesmo ser importante, a relação, entre Portugal e Brasil, as duas associações de antropologia, e outra, era uma questão de retribuição com colegas do Brasil que tinham vindo cá, em 2013. E em terceiro lugar, eu queria ir a EASA, mas não dava de ir pra lá, porque era uma correria louca. [...] Queria mesmo ir [ao congresso da ABA]. Foi mesmo uma opção, por várias razões, e sobretudo*

<sup>115</sup> Cf. ABA. Informativo n° 08/2014 | 14/05/2014. 2014.

<sup>116</sup> Maiores detalhes em: APA. Congresso 2013. 2013.

<sup>117</sup> Arrisco dizer que se trata de uma conferência plenária e não um dueto. Talvez ambas.

*institucionais e pessoais também. E achei que o convite da Miriam [Pillar Grossi] foi muito agradável, e foi bom. E enfim, abdiquei mesmo da EASA pra ir a ABA, sim.*  
[Entrevista com Clara Saraiva]

E de certa forma, a perspectiva de Europa, ou Estados Unidos, enquanto ápice e centro de pensamento, notadamente antropológico contemporâneo, quase tido como único e primordial, pode ser revelada como desconstruída, assim como permitir evidenciar a alocação de novas figuras de empoderamento, sejam humanas ou institucionais.

Esta percepção é visível quando, Miguel Vale de Almeida comenta sobre movimentações para alargar a antropologia portuguesa para além do espaço nacional e do europeu:

*Ou seja, nós vivíamos na esfera “nacional” e já muito na esfera europeia. Nós, antropólogos portugueses, contemporâneos, que trabalham nos departamentos estávamos há muito tempo entrosados com a associação europeia de antropologia social, o primeiro congresso foi feito cá [em Coimbra] [...] E aí com muita liderança do Pina-Cabral. [...] Ou seja, a nossa ligação era toda aí. Depois alguns de nós, claro, faziam antropologia... [E] tinham ligações antropológicas internacionais através da American Association of Anthropology dos Estados Unidos, mas era basicamente a European Association of Social Anthropologists quando nós vamos ao Rio de Janeiro nesse primeiro encontro. [...] Mas eu acho que foi noventa e cinco.*  
[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Alguns interlocutores e interlocutoras dizem que ocorre quase que programações sobre os futuros das antropologias mundiais. nestes congressos e por estas associações. Neste sentido recorro ao meu caderno de campo:

É bastante significativo quando se fala em uma potencial fusão entre a IUAES e a WCAA<sup>118</sup>, que

---

<sup>118</sup> Cf. ABA. WCAA e IUAES conversam sobre possível união. 2015.

são as duas maiores associações internacionais de antropologia social hoje. Principalmente quando Nas vice-presidências ou corpos diretores de ambas as associações há ex-presidências da associação brasileira de antropologia. Entre outras vice-presidências ou integrantes de diretorias prévias, que também falam português. Talvez não seja apenas simbólico, quando é informada que a próxima reunião da IUAES irá ocorrer em concomitância com a RBA<sup>119</sup>.

[Diário de campo, de 1 de outubro de 2015]

As visitas de comitês em congressos nacionais diversos (e aqui cito, Japão<sup>120</sup>, México<sup>121</sup> e Taiwan<sup>122</sup>, apenas para citar os mais recentes e publicamente divulgados) sugere os alcances de tal proposta. E ao analisar a próxima edição do congresso português, não é difícil encontrar o nome IUAES em pelo menos umas quantas atividades, incluindo um grupo de trabalho exclusivo. O último a aparecer na programação<sup>123</sup>.

É próximo ao observado ao analisar a decisão de três associações nacionais de antropologia em assinarem uma sugestão ao conselho mundial de antropologia (WCAA) em conjunto<sup>124</sup>, e dentre as três, duas são as tais lusófonas, a terceira é a associação norte-americana, a famosa AAA<sup>125</sup>.

---

<sup>119</sup> Cf. IUAES. Notices. 2015.

<sup>120</sup> Cf. ABA. Informativo nº 08/2014. 2014.

<sup>121</sup> Cf. ABA. Informativo nº 21/2015. 2015.

<sup>122</sup> Cf. ABA. Informativo nº 12/2014. 2014.

<sup>123</sup> Cf. APA. Painéis. 2015.

<sup>124</sup> Cf. ABA. Informativo nº 12/2014. 2014.

<sup>125</sup> Associação americana de antropologia ou *American anthropological association*.

## 8 PRODUZIR ANTROPOLOGIAS EM PORTUGUÊS: AS RELAÇÕES PRIVILEGIADAS COM O BRASIL

Temos, no Brasil, amigos mais retóricos; não temos nenhum que, pelo estudo e pelo poder de síntese, pela base científica dos seus juízos e pela clareza da prosa de grande escritor de ideias, contribua mais para nos tornar respeitados, quer no seu país, quer na América do Norte, onde é muito grande o prestígio desse mestre de renome internacional. [sobre Gilberto Freyre]<sup>1</sup>

José Osório de Oliveira<sup>126</sup>

Pode se afirmar que de certa forma estas redes de relações incentivaram e fomentaram as redes de intercâmbio que perduram, em cada vez maiores intensidades, até os dias de hoje. Sem grandes dificuldades é possível perceber que há agentes, locais, focos de pesquisa e instituições que sustentam alguns nós das relações que vão sendo mapeadas. Os propósitos de tais relações é que podem não ser tão evidentes, mas principalmente as possibilidades que acabam por lançar.

*E nós começamos a organizar **um seminário, que aconteceu em Campinas** [em São Paulo] e aconteceu também na Arrábida, aqui perto de Lisboa, na Fundação Oriente<sup>127</sup>. Os dois seminários é sui generis ao juntarmos esse grupo de pessoas mais alguns convidados e a ideia era discutir aquilo que está no [livro] *trânsitos coloniais*<sup>128</sup>. Pronto. Não há grande novidade aí. Eu, entretanto **organizei um número especial da [revista] *etnográfica sobre antropologias brasileiras***<sup>129</sup>. Pronto.*

[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Outro ponto que merece algum destaque e reconhecimento pode ser percebido nesta última fala de Miguel Vale de Almeida, e remete justamente as publicações periódicas na área da antropologia que

<sup>126</sup> Cf. CASTELO, C. Prefácio a presente edição. 2010:13.

<sup>127</sup> Recebi informações doutras partes que houve mais dois seminários não relacionados.

<sup>128</sup> Remete ao livro homônimo, “Trânsitos coloniais”, de ISBN: 978-972-671-089-9.

<sup>129</sup> Remete a revista *Etnográfica*, número 4 e volume 2 em novembro de 2000.

abriram espaço para os colegas do outro lado do atlântico em publicar no estrangeiro.

Os desenvolvimentos futuros mais evidentes são vistos e alegados como produções académicas, seja na forma de livros, congressos ou mesmo dossiês em periódicos, mas inocentes seríamos, se pensássemos que os avanços são finitos a bens materiais, e que não houvesse desenvolvimentos teóricos ou epistemológicos únicos.

*Eu estou a falar dessas duas coisas por quê? Porque é tudo coincidente: **Fazer trabalho de campo no Brasil**, mas ficar fascinado com o colonialismo português, graças ao trabalho de campo no Brasil. E ao mesmo tempo **a conexão entre antropólogos portugueses e antropólogos brasileiros através da conexão ISCTE e Instituto de Ciências Sociais, e Campinas, sobretudo a Unicamp.***

[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Além destas *idas ao Brasil* para fazer pesquisa de campo, que propiciaram o surgimento de novos nós nestas redes de parcerias antropológicas, é de se destacar que algumas agentes, no entanto, podem ter papéis um tanto quanto de distinção, ou diria de maiores envolvimento, em dados momentos do processo de construção das relações.

*Quer dizer, quem iniciou a relação entre as duas antropologias foi a Cristiana [Bastos], porque na época ela estava fazendo o doutorado em Nova Iorque, no início de noventa. [...] Com **trabalho de campo no Brasil**, e depois, mais tarde ela vinculou com o pessoal da **Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, não do Museu [Nacional]**. [...] E organizou **um primeiro seminário, uma espécie de seleção de antropólogos portugueses, e de antropólogos brasileiros, para se juntarem e se conhecerem.***

[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

E tanto lá, quanto cá, se é que é possível estabelecer tais lados, de certa forma pode ser identificada alguma relação entre o fazer antropológico e a participação em congressos científicos, sejam eles

nacionais ou não. Há quem se permita voltar uma ou quase duas décadas atrás, buscando primeiros traços de tais participações. De certa forma, quase justificando relações da contemporaneidade:

*Há um interesse que nós começamos a ter. O nós sou eu e a Susana [de Matos Viegas], mas ao mesmo tempo **uma ligação que tínhamos com a Bela [Feldman-Bianco] em Campinas.** Em Lisboa, João de Pina-Cabral também estava interessado nisso. Tínhamos já uma amizade, uma conexão com o Omar [Ribeiro Thomaz], também em Campinas. E por sua vez a Bela tinha ligações com historiadores e antropólogos outros.*  
[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Apesar da lista de seminários e publicações ser de quantidade bastante representativa e vasta, seria no mínimo inocente supor que a rede se estabeleceria ali. E assim se concluiria, ou permaneceria sem posteriores novos ingressos:

*Conheci pessoas como o João Pacheco [de Oliveira], o Antônio Carlos de Souza Lima, o Luiz Fernando Dias Duarte, na altura Yvonne Maggie, o Peter Fry, eram pessoas que eu nunca tinha ouvido falar, imagine, o grau de afastamento e ignorância, e eles nunca tinham ouvido falar de nós. Nada, nada, nada, nada, nada.*  
[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Assim, mais do que apresentar contextos que surgem após práticas categorizadas enquanto de períodos coloniais, pode se propor enaltecer especificidades que ocorrem no fabricado do tecido entre territórios lusófonos específicos.

*Foi uma preocupação, que eu acho que tem a ver com o ar dos tempos, com a globalização, com a necessidade de criar uma ligação transversal, horizontal, em que **tanto os brasileiros como os portugueses reconheciam que eram periféricos.** [...] mas isso foi apenas um aspecto de alguns de nós, houve pessoas que começaram a trabalhar [...] [por exemplo, sobre] toda **uma agenda de pensamento sobre a questão indígena.** Outros de*

*nós sobre questões coloniais e pós-coloniais.*

[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

De certa forma este diálogo entre lá e cá pretexta por evitar desenvolvimentos neocolonizadores ou recolonizadores, bastante comuns ainda hoje.

Portanto, há toda uma influência que não é necessariamente neocolonial, é mais de comunidade, isto é, de reconhecimento mútuo, a mesma língua, a ideia de uma sociedade organizada de forma semelhante, sistemas políticos com alguma semelhança e uma herança histórica rotativamente semelhante. (Miguel Vale de Almeida *et aliae*, 2012:475-476)

Ainda que não seja o foco, a questão da língua, e de alguma cultura compartilhada é mencionada por outras partes. Com todas as aspas que este tipo de discurso merece.

*É... Eu acho que por um lado é [a] facilidade da língua, não é? Mas por outro lado é justamente, eu acho que pela língua, pela similitude de certos temas, por algum fundo cultural comum, no fundo é mais fácil, digamos sermos entendidos por colegas brasileiros, do que por muitas vezes sermos entendidos por colegas da Europa do norte, né? Não estou a falar de Espanha, estou a falar da Europa do norte, sobretudo.*

[Entrevista com João Leal]

Posteriormente a este momento, ou talvez em paralelo em seus desenvolvimentos finais, há todo um investimento financeiro, notadamente brasileiro, em articular pesquisas e investigações fora do Brasil, que permitiu alguma aceleração nesta relação. O lado português, uma vez que se encontrava em período de cortes financeiros retribuiu as ações de escolha por Portugal, recebendo massiva quantidade de brasileiras e brasileiros, sejam estudantes, sejam docentes.

*E depois, a partir daí, começa, e eu acho que é a partir do ano 2000 mais ou menos... O século XXI é que marca isso aí. É um boom, que já nós não controlamos. Esse é um boom que tem várias*

*coisas: [...] é o boom dos [doutorados] sanduíches brasileiros, e da circulação internacional brasileira. Tem uma importância gigantesca o esforço e a generosidade de colegas brasileiros, que tendo financiamento nos levavam muito pra lá, congressos, conferências, aulas, etc. Coisa que nós não podíamos retribuir do mesmo modo, pois nós apanhamos a queda do financiamento. Retribuímos como? Recebendo muita gente. E aí recebemos mais do que receberam lá. Mas também ninguém queria ir de cá pra lá. [...] Só agora, com a crise do emprego é que as pessoas vão, e inclusive há colegas nossos que vão [quando] abrem concursos lá, concorrem, etc. Mas, uma coisa é certa: A partir de um determinado momento, os nossos alunos de pós-graduação, começam a levar o Brasil a sério.*  
 [Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Não é difícil mapear a origem destes financiamentos e recursos, ainda que quase impossível perceber tal situação para quem vive na Europa. A década foi marcada, não por um<sup>130</sup>, nem por dois<sup>131</sup> investimentos, mas por toda uma coletânea, que aqui não cabe listar, diretamente em doutorados-sanduíches e doutorados plenos no exterior.

Mas também podem ser mapeadas passagens que vão sugerir a construção de relações em redes internacionais já incluindo antropólogos e antropólogos:

*Ah, eu conheci [nos Estados Unidos] alguns colegas, que eram brasileiros. Era o Gustavo Lins Ribeiro, a Lígia Simonian, [...] e mais tarde, foi a Telma Camargo, de Goiânia. E o então marido, o Marcos. Mais a Ligia me apresentou ao Antônio Carlos de Souza Lima, que estava de visita, foi lhe visitar. E ficamos amigos desde então. E eles convenceram-me a ir visitar o Brasil. Eles é que me convenceram. E sabe, o Gustavo me apoiou também. Eles meio que me convenceram [a fazer*

---

<sup>130</sup> Maiores detalhes em: MEC. Capes altera programa de bolsa-sanduíche... 2005.

<sup>131</sup> Maiores detalhes em: MEC. O que é o REUNI. 2010.

*pesquisa sobre o Brasil, especificamente com a Fiocruz, no Rio*<sup>132</sup>].

[Entrevista com Cristiana Bastos]

Assim, ao invés de imersões etnográficas escolhidas ao arbítrio entre Brasil ou Portugal, pode se optar pela tentativa de imersões em mobilidades por antropologias entre eles produzidas.

Percepções sobre partes dos jogos de configurações atuais permitem mapear concentrações de envolvimento enquanto evidenciam possibilidades de fortalecimento nestas relações:

*Portanto, [hoje] há alguns intercâmbios a nível de pesquisa. Os antropólogos brasileiros vêm trabalhar cá, e antropólogos portugueses que vão trabalhar lá. Esses intercâmbios em nível de pesquisa são importantes, embora não sejam tão evidentes. Em nível de estudantes, por exemplo, que vem fazer doutorado cá em sanduiche, muitos dos estudantes que eu tenho recebido aqui, acabam por fazer uma pequena investigação empírica sobre Portugal e depois adicionam um capítulo comparativo. [...] Eu imagino que no Brasil, tem tanta coisa pra pesquisar, não seja propriamente uma prioridade, mas do lado português é pena que não haja [mais], há pessoas a fazer essas viagens. Acho que há pessoas tentando fazer essas “viagens”, mobilidades [...] e no fundo grande parte dos temas que se estuda na antropologia portuguesa são estudados na antropologia brasileira, portanto, seria fácil haver maior mobilidade, mas creio que neste momento preciso, o que seria, há poucas pessoas a pesquisar abertamente sobre o Brasil. O Miguel [Vale de Almeida] já fechou, a Susana [de Matos Viegas] já fechou, o [João de] Pina-Cabral já fechou. [...] É, a Clara [Saraiva], tinha me esquecido. Mas a Susana Durão já não entra aqui, porque no fundo ela foi bem mais tarde também.*

[Entrevista com João Leal]

---

<sup>132</sup> Esta situação será tratada exclusivamente na entrevista, a ser publicada, em breve.

Assim, as relações entre um lado e outro do atlântico em português, acabam não apenas compartilhando interesses de pesquisa, mas também as redes de relações. Acabo por optar pelo contato com apenas um dos lados, no caso, o português, pela valorização do distanciamento e do aprender com o outro, afinal, ainda que falemos o mesmo idioma e compartilhamos a mesma disciplina, há algo que ainda nos distingue, ainda que nos permita relações e trocas de saberes.

A opção por não entrevistar docentes do Brasil em muito deve à inviabilidade temporal, prática e financeira, mas também para delimitar um recorte de interlocutoras e interlocutores. Se quiser um dos lados da rede. Aquele, que parece em uma primeira vista mais estrangeiro. Não descartaria tal investida em nível de doutoramento, em uma segunda pesquisa, maior e mais profunda.



## 9 DÁDIVAS E RECIPROCIDADES LUSÓ-ANTROPOLÓGICAS

Dessa forma, deverão ser ultrapassadas as clássicas dicotomias hierárquicas entre factores necessários e suficientes, constrangimentos sociais e agência individual, micro e macro, factores estruturais e conjunturais, deliberação e acaso, ou infraestrutura e superestrutura.

Paulo Granjo<sup>133</sup>

De certa forma não é difícil reconhecer nas falas de meus interlocutores e interlocutoras inúmeras proximidades entre a antropologia portuguesa com a brasileira. Algumas partes, como Paulo Raposo ao falar de artivismos (2015:1), podem reconhecer apenas quase que coincidências ou acaso, quando encontram nomes de brasileiras ou brasileiros, e quase naturalizam a situação:

Enquanto preparava a introdução a este dossiê, tive a oportunidade de conhecer o interessante trabalho de um artista brasileiro, André de Castro.

É quase como uma relação de reciprocidade atrasada. Ainda que Marcel Mauss (1968) tenha deixado explícito que reciprocidades não precisam ser sincrônicas. É ainda possível ser outro tipo qualquer de deslocamento ou de encaixe irregular, não necessariamente temporal ou de contemporaneidade.

Talvez seja mais, como diz aquele professor<sup>134</sup>, algo como “uma ajuda mútua”. Uma ajuda, que não se limita à recursos financeiros, sai desde a recomendação - e posterior aceite - de potenciais candidaturas a orientação, até o compartilhamento de lideranças em grandes associações e congressos internacionais, passando por um sem fim número de outras opções de reciprocidade, mas aqui, em três vértices, e não duas, como muito bem ressaltado por Adolfo Yáñez-Casal (2005:8;16-17).

Ainda que se sugira alguma rede internacional, a parceria entre antropologias brasileiras e portuguesas não se limita, e não surge neste meio tão amplo como algo aleatório, mas não se omite do respectivo. Se foi um português quem agilizou a primeira reunião europeia de

<sup>133</sup> Cf. GRANJO, P. Terreno, teorias e complexidade. 2013:43.

<sup>134</sup> Remeto a Miguel Vale de Almeida. João Leal também apresentou discurso próximo.

antropologia social, talvez seja um par de brasileiras a organizar a primeira reunião pós-fusão IUAES-WCAA<sup>135</sup>.

Mas voltando a idealismos sobre reciprocidades, alguns, como Adolfo Yáñez-Casal (2005:7-8) dizem que ela também afeta cientistas sociais. Com sorte, eu diria que talvez também afete quem faça alguma antropologia, afinal para Marcel Mauss (1968), a dádiva é a relação social por excelência. Assim, deve ser possível fazer relações sociais em ou na antropologia por ela.

Não se sabe se para a antropologia há objetivos definidos, e se para tais, se resumam a encontrar, talvez apenas buscar, alguma lógica, razão ou sentido na dádiva. E não há confusões aqui sobre permanecer na sociedade dita moderna, é mais algo na linha de que não existe sociedade sem ela.

Por isso é quase possível afirmar que se faz necessário tentar analisar tais relações, acadêmicas e lusófonas, sob certos prismas, que alguns podem dizer de reciprocidade tida como *maussiana*.

A dádiva é tão moderna e contemporânea como é alardeada como tradicional e constituinte das sociedades primitivas. Está tão presente nas sociedades científicas como nas religiosas. A dádiva pode ser vista, em tese, como um fato social total.

Apesar de antropólogas e antropólogos se manterem em suas torres de marfim e se julgarem distantes, em outras orbes, que aquelas e aqueles aos quais escrevem sobre, é questionável se estão tão ausentes deste típico tradicionalismo. Pois devem ter em mente que o automático oposto deste tradicionalismo é justamente o capitalismo selvagem que tanto criticam. Talvez haja um terceiro, ou terceiros, pontos de posição.

Mas reforço que, sendo a dádiva o motor social das relações, a ausência de dádivas, contra-dádivas e de recepções destas, permite unicamente o flagelo social, a obliteração das relações. Deve ser por isso que não há grande possibilidade de haver relações sociais entre lá e cá, se não houver oferta, recepção ou contraofertas acadêmicas, é impossível a manutenção de tais, ditas, privilegiadas relações. Se as ofertas são acadêmicas, a relação também o será.

Neste sentido, é no mínimo instigante quando meus e minhas entrevistados/as fazem referências, durante suas falas, sobre como foi bom receber os brasileiros e as brasileiras aqui, para concluir dizendo que, nós é que os recebíamos em maior frequência e quantidade. Não há inocentes ou imóveis ações na dádiva. Como já muito bem exposto por

---

<sup>135</sup> Durante a escrita da versão final deste texto a sugestão pela fusão foi descontinuada.

certo francês, aqui já nomeado, a dádiva se constrói em três relações: Dar. Receber. Retribuir.

Há quem diga que as influências das misturas de fragmentos culturais que permitem o tropicalismo enquanto tendência, em espaços tidos lusófonos, são oriundas da semana da arte moderna de 1922, como Heloisa Buarque de Hollanda (2004:64).

Se o tropicalismo parte de músicas para atingir as artes, há quem sugira que os discursos sobre raças são metamorfoseados para culturas, como Unni Wikan, ao criticar as políticas da/sobre a cultura (2002:79-83).

Mas ainda assim, o principal equívoco se mantém, por que pode ser complicado pontuar onde, quando ou como “acabam” ou “terminam” influências de antropologias brasileiras em Portugal.

E não sei se antropologias brasileiras são tão independentes de influências de antropologias portuguesas como me parecia no início desta pesquisa<sup>136</sup>. É possível que hoje estas antropologias estejam de fato em uma concebida ou quase consensualmente aceite hierarquia de desigual influência teórica.

Indo além da separação ex-colônia (Brasil) e ex-império (Portugal), é sem dificuldade possível mapear frentes que dizem, e concordem, que a antropologia brasileira possui alguma influência mundial por possuir uma ou duas representações autodeclaradas herdeiras diretas da divindade intocável Claude Lévi-Strauss<sup>137</sup>. Por outro lado, não são raras as menções a generalizada condição de periferia do Brasil enquanto externo ao norte mundial, tornando complexa qualquer destaque enquanto hegemônico, mesmo quando em contraste a periférica condição portuguesa dentro da Europa.

Mas além de dúvidas quanto a esta solidez de posições, e independente de quem será dada a condição de periferia, mantenho ressalvas ao que ocorre no período de visitas de Jorge Dias à universidades brasileiras<sup>li</sup> ou de Gilberto Freyre as colônias de Portugal<sup>138</sup>, por exemplo, e dos impactos das presenças de antropólogas e antropólogos de origem portuguesa nas reuniões da associações científicas e políticas no Brasil.

---

<sup>136</sup> Remete ao projeto inicialmente apresentação ao meu programa de pós-graduação.

<sup>137</sup> Remeto principalmente a Eduardo Viveiros de Castro e Manuela Carneiro da Cunha.

<sup>138</sup> Consultar o prefácio em Cláudia Castelo (2010) para maiores detalhes.

Uma análise dos convites e temas de interesse nas palestras e aulas de docentes lusófonos em ambos os países talvez auxilie a mapear parte deste cenário<sup>139</sup>.

Sustentar a manutenção de orientações argumentativas onde se compreendem que há apenas um estado de perspectiva sobre os objetos e campos de pesquisa (tudo é heterogêneo), ou em raros casos, o máximo dos dois estados (ou é homogêneo ou é heterogêneo), é o que permite ignorar potenciais existências de variados níveis de aglutinação, ou processos de transmutações temporárias (ou não) por fissão ou fusão dos objetos, sujeitos e campos de estudo, e não perceber a potencialidade destas variedades se revelarem em infinitas facetas, por formas, contextos, perspectivas, posições, temporalidades e espaços, além dos diferentes tipos e níveis de *agencialidades* que estão ali tidos como intrínsecos. As relações são produções dinâmicas, relacionais e participantes de múltiplas agendas.

Afirmar que “tudo é heterogêneo” soa como a afirmação de Clifford Geertz (2008:151) que todos são nativos, ou de Roy Wagner (1981:27-33) que todos são (criativos) antropólogos. Além de óbvio, pode soar desde ofensivo até inútil ao permanecer tão impreciso.

Heterogeneidades, como natividades e antropologias, são distintas e variáveis, dotadas de revisões e transformações frequentes demais para serem reduzidas a tais generalizantes e imprecisas divagações.

Aceitar vãs filosofias como algo orientado ao conhecimento ou à verdade sem as contextualizar e problematizar é assumir a posse, domínio e acordo com a prática de preguiçosa, e acrescentaria pseudo, antropologia.

É quase uma tentativa de provocar intencionalmente o fracasso metódico da etnografia que é apontado por Oscar Calavia Sáez (2011:599-600), dada a primazia à hipocondria epistemológica vigente.

No mínimo, deve ser esperado de antropólogas e antropólogos tentar compreender como tais percepções e valorizações são construídas e sustentadas, não somente por aquelas e aqueles com quais dialoga em campo, mas também com autorias, metodologias e teorias que dialoga enquanto teórica ou teórico.

Pode-se, no entanto, permitir colocar hipóteses que tentem observar as alegadas misturas, sejam identitárias, sejam de categorias de análise como morfologias em movimentos e transformações, exigindo

---

<sup>139</sup> Fica aqui o registro de interesse e incentivo para pesquisas futuras.

de analistas acompanhamentos que não raras vezes vão sugerir movimentos e transformações, de si, de teorias portadas, dos ideais de apresentação de resultados ou observações e de métodos de trabalho em uso.

Ainda que incentive a análise de antropologias identificadas enquanto periféricas para provocar novas reflexões de cunhos antropológicos, e por inicialmente afirmar uma relação vertical entre as antropologias brasileiras e portuguesas<sup>140</sup>, é possível que se trate de redes de relações mais complexas do que simples relações de oposições hegemônicas-periféricas. A solidez e estabilidade sugerida, além de outros signos vislumbrados como compensação nas relações, podem estar equivocadas.

[Diário de campo, de 6 de julho de 2014]

---

<sup>140</sup> Refiro ao mandatório projeto de pesquisa antecessor a execução de trabalho de campo.



## 10 MAS QUE TIPO DE PÓS-COLONIALISMOS SÃO ESTES?

Art is not a mirror to hold up to society, but a hammer with which to shape it.<sup>lii</sup>

Autoria incerta.

Mesmo que não seja possível confirmar se a autoria é de Vladimir Mayakovsky<sup>141</sup>, ou se é de Bertolt Brecht<sup>142</sup>, ainda assim se pode fazer uso da citação para propor algo próximo à antropologia.

E não pela posse de uma potencial descrença das capacidades de transformação que a antropologia pode promover (e provocar) a quem estuda (e a outrem), mas por propor algo mais característico da respectiva, ainda que nitidamente invisibilizado, que se pode propor a tentativa de destaque enaltecendo que ainda que a antropologia revele algo das sociedades, serão apenas partes de uma ou mais das múltiplas facetas das sociedades. Considerando discursos antropológicos que sugerem aberturas para constantes revisões que a antropologia pode se submeter, é de se sugerir que um *efeito-martelo* seja utilizado ao próprio método etnográfico e também ao existente ideal de descrição etnográfica.

Compreender o “efeito-martelo” da e na antropologia como a capacidade em provocar revoluções de funções, definições, morfologias ou limites aos próprios métodos de pesquisa, por base em resultados, e principalmente em reflexões sobre os resultados, que se recebem e constroem após o uso ou mesmo a análise dos respectivos métodos de pesquisa. É um exemplar dotado de retroalimentação próxima a idealizada máquina de moto-perpétuo, ou mesmo as repetições do homônimo moto-perpétuo musical, aplicada a teorias sociais e potenciais e permanentes habilidades de provocar autotransformações e rupturas de paradigmas, não apenas em seus campos de estudo, como em suas internas metodologias e externas estéticas.

[Diário de campo, de 2 de setembro de 2015]

---

<sup>141</sup> Sugerido em Andrews Samuels. *The mirror and the hammer*. 1993:9.

<sup>142</sup> Sugerido em Peter McLaren & Tomaz Tadeu da Silva. *Decentering pedagogy*. 1993:80.

Ao compreender que o efeito-martelo da antropologia pode permitir total revisão de marcados modelos teóricos e metodológicos, e se identificadas limitações nos métodos de exposição dos resultados da pesquisa, é compreensível propor revisões inclusive na apresentação de dados e de informações, como pode por exemplo ser visto na proposta de Gloria Anzaldúa (1999:88-91), consoante o observado ou o vivido em campo, ou aquilo que buscamos problematizar ou de lá trazer.

É o tipo de pergunta que pode restar ou surgir ao acreditar se aproximar de algum possível término de pesquisa. Difícil responder, mas no mínimo, pelo que as partes comentaram alguns elementos podem ser mapeados, talvez em sugeridas existências:

Mais do que tentar mapear facetas “brasileiras”, “portuguesas”, “mistas” ou “lusófonas” nas redes antropológicas entre Brasil e Portugal, é de se esperar perceber reflexos dos nós de composição e manutenção da rede, enquanto teorias e metodologias, ou enquanto agentes ou instituições, para refletir em como se relacionam entre si, e nas transformações e transições que são configuradas nestes diálogos e permutas de posições, níveis e tipos de recepções, percepções e de influências. Mobilidades podem ser acionadas, sejam de perspectivas, sejam de enquadramentos teóricos, políticos ou metodológicos.

Em primeiro lugar, é uma situação recente, jovem, e são desconhecidos seus futuros desenvolvimentos. E nesta condição pode-se deduzir que possui um potencial de crescimento enorme. Ou de término. E pela própria concepção onde é construída, acaba por se revelar como uma relação contra-periférica, não merecendo uma reduzida percepção enquanto poli-periférica. É preciso revisitar as minhas primeiras e inocentes percepções sobre este conjunto de relações, entre instituições e agentes.

Nos relatos são sugeridos inícios e resquícios desde a segunda metade dos anos noventa, não chegando aí aos vinte anos de existência. É um tempo de maturação relativamente jovem, seja para uma relação acadêmica internacional se firmar, seja para um movimento de renovação de preceitos.

A noção de jovialidade é, de certa forma compartilhada por boa parte das partes consultadas, ainda que não haja similar percepção quanto ao possível estatuto em formação da relação. Para algumas partes, a situação, e passo a citar, “já está estabelecida”.

Esta situação de jovialidade, possível justificativa para específico estado de desenvolvimento, também pode ser compreendida sobre olhares que sugerem frequentes anacronismos no fazer antropológico português, sejam pelos quase quinze anos que separam os primeiros

textos sobre antropologia nacional publicadas na Inglaterra e o seminal artigo português, ou pelo admitido estatuto sugerido por um, e outro<sup>liii</sup> antropólogos lusófonos, e por vezes também identificados em outros contextos políticos, além de antropologias, se isto for possível.

Não apenas pelo recente nascimento, mas também pelo pouco espaço ocupado, lá e cá, as possibilidades de alargamento ainda são bastante elevadas. Tanto a rede ainda é bastante limitada, atingindo apenas específicas parcelas da comunidade acadêmica aqui e lá, como o próprio conhecimento sobre o outro lado da rede é bastante limitado.

Pelo duplo estatuto de periferia, tanto da antropologia portuguesa, como da antropologia brasileira, pode-se facilmente alegar que a relação é quase poli-periférica<sup>liv</sup>, próximo ao que é sugerido como eixo *sul-sul* por nomes como o de David Greenaway & Chris Milner (1990:47-49).

Discordo.

Aqueles que sugerem eixos *sul-sul*, ou mesmo epistemologias do *sul*, como o profeta mais famoso em língua portuguesa: Boaventura de Sousa Santos, e fiéis secretárias/seguidoras: Maria Paula Meneses (2009:7-8), desejam manter o respectivo eixo *sul-sul* enquanto periferias ao redor de seu centro. É uma perspectiva bastante eurocentrista, sempre vista de longe. E de quem quer garantir a manutenção da posição de metrópole. De norte.

De uma ou outra perspectiva, os autores [...] comungam dos objectivos das epistemologias do Sul **mesmo que não designem como tal as suas investigações**. Quase totalidade deles provém do Sul geográfico<sup>143</sup>, da África, da América latina e da Ásia e, dentro de cada uma destas regiões, posicionam-se do lado do Sul metafórico, ou seja, do lado dos oprimidos<sup>144</sup> pelas diferentes formas de dominação colonial e capitalista. (Maria Paula Meneses & Boaventura de Sousa Santos, 2009:13).

O movimento e a relação são na verdade de contra-periferia, pretendendo muito mais sair da posição de periferia, ao estar literalmente, negando-lhe a existência, rompendo parcerias desiguais.

---

<sup>143</sup> Notadamente a organização da proposta, que representa cerca de 30% dos textos.

<sup>144</sup> Sendo a totalidade delas oriundas das classes altas e elites locais e nacionais.

Deve ser independente de atestados de validade epistemológica vindas de cima. daquelas e daqueles que ainda acreditam ter o porte da iluminada - e única, mantida no singular - verdade, blindada contra e assim isenta de quaisquer contestações.

*Agora, sim, talvez fosse bom falar do fato de que é verdade que tu tens aí uma rede de pessoas que são fundamentais nisso, e continuam a sustentar a ligação. [...] Perceberam a questão da escala e perceberam que o que interessa é estarmos integrados e acabou. E que isso é um contrapeso, um contrapeso contra as questões europeias e a hegemonia americana. Aliás se tu vires, quem é que tem sido fortíssimo nas construções do WCAA? Portugueses e brasileiros em geral. Tem sido, o Gustavo Lins Ribeiro, tem sido uma série de brasileiros. Sempre em aliança com portugueses que continuam mais ou menos a serem os mesmos. O João de Pina-Cabral, a Susana [de Matos Viegas], que estão também muito envolvidos nisso. E isso continua a acontecer, percebes? Ainda recentemente em Natal aproveitou-se para fazer uma sessão do WCAA, veio a presidente da AAA, estava a Miriam [Pillar Grossi], a Carmem [Rial], a Bela [Feldman-Bianco] como antiga presidente, depois estava o pessoal todo do WCAA, de Portugal e não sei o que. E tu vês que, sei lá, isso é muito engraçado que tenha acontecido assim, sabes? [pausa] Foi assim um fenómeno que [...] aliás muitíssimo mais produtivo e interessante, e reconhecido internacionalmente do que qualquer ligação entre a Espanha e os países hispano-americanos, por exemplo.*

[Entrevista com Miguel Vale de Almeida]

Neste sentido, esta dissertação buscou mais do que apresentar como se deu a minha entrada em campo ao expor os contatos com a antropologia portuguesa que venho construindo desde 2012, traçar alguns pontos adicionais nas perspectivas que podemos ter sobre a história da antropologia portuguesa.

Após a brevíssima revisão histórica que foi produzida durante a construção e definição do projeto e do objeto de pesquisa, foram identificadas algumas controvérsias na história da antropologia

portuguesa, notadamente no que remete a protagonismos históricos de específicos agentes e instituições.

É proposta alguma revisitação a esta história, sugerindo a inclusão de novos agentes e instituições, ou ao mínimo revisar verdades construídas durante a formatação da história da disciplina.

Durante as consultas à história da antropologia portuguesa foram identificadas algumas redes internacionais, com o Brasil, com alguns países da África lusófona e com alguma antropologia europeia. É apresentada partes destas redes, objetivando evidenciar os aspectos principais destas relações, nas quais identifico o Brasil como um dos principais parceiros na produção de conhecimento antropológico.

O caso específico de relações antropológicas é apresentado como sendo desenvolvido com maior e singular intensidade desde os anos 90, em uma configuração que remete à reciprocidades de dádivas e contra-dádivas que são recebidas e ofertadas em múltiplas formas por ambos os grupos, enquanto são constituintes tanto de suas identidades, como das relações como do próprio tipo de conhecimento antropológico que é construído, que ousou pronunciar como potencialmente pós-colonial.

Além desta mínima reflexão final, é produzida uma série de ponderações e argumentações de ordens metodológicas e estéticas que espera-se colaborar para novos desenvolvimentos da disciplina antropológica. Estas alterações são propostas ao visitar um significativo conjunto de documentos e materiais que remetem aos congressos e as associações científicas que estão por trás, como partes dos nós que formam esta rede.

Por fim, sugere-se visitar e questionar específicas posições hegemônicas ou periféricas tanto das antropologias brasileiras como das antropologias portuguesas nos contextos mundiais antropológicos atuais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Carla Susana Alem. *Repertórios do conhecimento em disputa: trabalhadores indígenas e agricultores no colonialismo português em Angola, 1950*. **Anuário antropológico**. 39(1). Pps.: 195-218. 2014.

ANZALDÚA, Gloria. *Tlilli, Tlapalli: The path of the red and black ink. Borderlands - La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books. Pps.: 87-97. 1999.

ASAD, Talal. *Introduction. Anthropology and the colonial encounter*. London: Ithaca Press. Pps.: 9-19. 1973.

ASHBY, William Ross. *The black box. An introduction to cybernetics*. London: Chapman & Hall. Pps.: 86-117. 1956.

BASTOS, Cristiana. *A década de 1990: Os anos da internacionalização*. **Etnográfica**. 18(2). Pps.: 385-401. 2014.

BASTOS, Cristiana. *Das viagens científicas aos manuais de colonos: A sociedade de geografia e o conhecimento de África*. ROQUE, Ana Cristina. TORRÃO, Maria Manuel. **O colonialismo português: Novos rumos da historiografia dos PALOP**. Famalicão: Editora Húmus. Pps.: 321-346. 2013<sup>lv</sup>.

BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Introdução. Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 19-27. 2014.<sup>lvi</sup>

BATESON, Gregory. *From Versailles to cybernetics. Steps to an ecology of mind*. Chicago: University of Chicago Press. Pps.: 475-483. 1987a.

BATESON, Gregory. *Metalogue: What is an instinct? Steps to an ecology of mind*. Chicago: University of Chicago Press. Pps.: 48-69. 1987b.

BECKER, Howard Saul. *The epistemology of qualitative research*. JESSOR, Richard. COLBY, Anne. SCHWEDER, Richard.

**Ethnography and human development.** Chicago: University of Chicago Press. Pps.: 53-71. 1996.

BECHKOFF, Jennifer. CUI, Yan. GARCIA, Angela Cora. STANDLEE, Alecea. *Ethnographic approaches to the internet and computer-mediated communication.* **Journal of contemporary ethnography.** 38(1). Pps.: 52-84. 2009.

BUDKA, Philipp. *From cyber to digital anthropology to an anthropology of the contemporary?* **Working paper** (EASA media anthropology network's 38th e-seminar). Pps.: 1-15. 2011.

CARSTEN, Janet. *Introduction: Cultures of relatedness.* **Cultures of relatedness: New approaches to the study of kinship.** Cambridge: Cambridge University Press. Pps.: 1-36. 2000.

CASTELO, Cláudia. *Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre.* **Blogue de História Lusófona.** 6(1). Pps.: 261-280. 2011.

CASTELO, Cláudia. *Prefácio a presente edição.* FREYRE, Gilberto. **Um brasileiro em terras portuguesas.** São Paulo: Realizações. Pps.: 11-29. 2010.

COSTA, Catarina Alves. *Perspectivas, caminhos e políticas de futuro para antropologia visual.* **Seminário internacional: 20 anos do programa de pós-graduação em ciências sociais da universidade do estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: UERJ. Pps.: 1-8. 2014.

DE CERTEAU, Michel. *Cultures populaires.* **L'invention du quotidien.** Paris : Folio France. Pps.: 19-33. 1990.

DURO DOS SANTOS, Gonçalo. *Introdução: O que significa seguir uma regra científica?* **A escola de antropologia de Coimbra 1885-1950: O que significa seguir uma regra científica?** Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 29-49. 2005.

EASA. *Members' forum discussion.* **Newsletter 63.** Tallinn: EASA. s/p. 2014.

FALCÃO, Ana Mafalda. *Antropologia colonial e a produção de conhecimento sobre grupos étnicos da Guiné portuguesa: Reflexão em*

torno da tese de Mário Humberto Ferreira Marques “Comportamento dos Mandingas da Guiné portuguesa na vida e na morte”. **Actas do terceiro congresso da Associação Portuguesa de Antropologia**. Pps.: 1-22. 2006<sup>lvii</sup>.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins; MELLO, Anahí Guedes de. *Guia básico de orientações sobre gênero, deficiência e acessibilidade*. Cartilha que acompanha os **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios atuais dos feminismos**. Florianópolis: UFSC. 2013.

FORTE, Maximilian. *Neocolonialism: It's post-independence, not post-colonial*. **Zero anthropology**. Online e disponível em: <http://zeroanthropology.net/2010/09/03/neocolonialism-its-post-independence-not-post-colonial/>. 2010.

FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. *Collaborative anthropology as twenty-first-century ethical anthropology*. **Collaborative anthropologies**. 1(1). Pps.: 175-182. 2008.

GEERTZ, Clifford. *The way we think now: Toward an ethnography of modern thought*. **Local knowledge: Further essays in interpretative anthropology**. New York: Basic Books. Pps.: 147-163. 2008.

GODINHO, Paula. WATEAU, Fabienne. *Le Centre d'études d'ethnologie portugaise: CEEP, FCSH-UNL, Lisbonne*. **Recherches en anthropologie au Portugal**. 8(1). Pps.: 185-186. 2002.

GOFFMAN, Erving. *Performances: Belief in the part one is playing*. **The presentation of self in everyday life**. Edinburgh: University Press. Pps.: 10-46. 1956.

GOODMAN, Allen. GOODMAN, Joshua. GOODMAN, Lucas. GOODMAN, Sarena. *A few goodmen: Surname-sharing economist coauthors*. **Economic inquiry**. 53(2). Pps.: 1392-1395. 2015.

GRANJO, Paulo. *Terreno, teorias e complexidade*. CAHEN, Michel; GRANJO, Paulo; ROSÁRIO, Carmeliza. **O que é investigar?** Lisboa: Escolar Editora. Pps.: 25-49. 2013.

GREENAWAY, David. MILNER, Chris. *South-south trade: Theory, evidence, and policy*. **The world bank research observer**. 5(1). Pps.: 47-68. 1990.

GROSSI, Miriam Pillar. *A dor da tese*. **Ilha**. 6(1-2). Pps.: 221-232. 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. *Na busca do outro encontra-se a si mesmo*. **Trabalho de campo e subjetividade**. Florianópolis: UFSC. Pps.: 7-18. 1992.

GROSSI, Miriam Pillar. *Rimando amor e dor: Reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal*. GROSSI, Miriam Pillar; PEDRO, Joana Maria. **Masculino, feminino. Plural: Gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Editora Mulheres. Pps.: 293-313. 1998.

GUERREIRO, Adriano. *Abrir um restaurante dentro da FCSH*. **New in town (Buzzfood)**. Online e disponível em: <http://www.nit.pt/article/09-29-2015-ha-mais-sabor-na-avenida-de-berna>. 2015.

HERTZ, Robert. *La prééminence de la main droite: étude sur la polarité religieuse*. **Revue philosophique de la France et de l'Étranger**. 68(1). Pps.: 553-580.

HERZFELD, Michael. *Difference as identity*. **Anthropology through the looking-glass: Critical ethnography in the margins of Europe**. Cambridge: Cambridge University Press. Pps.: 77-94. 1987.

HERZFELD, Michael. *Etymologies of a discipline*. **Anthropology through the looking-glass: Critical ethnography in the margins of Europe**. Cambridge: Cambridge University Press. Pps.: 186-205. 1987.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *O susto tropicalista na virada da década*. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70**. Rio de Janeiro: Aeroplano. Pps.: 61-98. 2004.

HUSSERL, Edmund. *Simple apprehension and explication*. **Experience and judgment**. Illinois: Northwestern University Press. Pps.: 103-147. 1973.

INGOLD, Timothy. *Traces, threads and surfaces*. **Lines: A brief history**. London: Routledge. Pps.: 39-71. 2007.

KEARNEY, Michael. *The local and the global: The anthropology of globalization and transnationalism*. **Annual review of anthropology**. 24(1). Pps.: 547-565. 1995.

KIM, Woo-Chan. MAUBORGNE, Renée. *Creating blue oceans*. **Blue ocean strategy: How to create uncontested market space and make competition irrelevant**. Boston: Harvard Business Press. Pps.: 3-22. 2005.

LEAL, João. *Agitar antes de usar: A antropologia e o património cultural imaterial*. **Revista memória em rede**. 3(9). Pps.: 1-16. 2013.

LEAL, João. *The history of portuguese anthropology*. **History of anthropology newsletter**. 26(2). Pps.: 10-18. 1999.

LEAL, João. “*The past is a foreign country*”? *Acculturation theory and the anthropology of globalization*. **Etnográfica**. 15(2). Pps.: 313-336. 2011.

LIMA, Antónia Pedrosa de. *Portuguese anthropology and EASA from 1990 to 2014*. **13ª European Association of Social Anthropologists Biennial Conference**. Online e disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=LJxXKlFAwO8>. 2014.

MACAGNO, Lorenzo. *Lusotropicalismo e nostalgia etnográfica: Jorge Dias entre Portugal e Moçambique*. **Afro-Ásia**. 28(1). Pps.: 97-124. 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Introduction: The subject, method and scope of this inquiry*. **Argonauts of the western pacific: An account of native enterprise and adventure in the archipelagoes of melanesian New Guinea**. London: Taylor & Francis. Pps.: 1-20. 2005.

MAPRIL, José. & VIEGAS, Susana de Matos. *Mutualidade e conhecimento etnográfico*. **Etnográfica**. 16(3). Pps.: 513-524. 2012.

- MARTOS, Jean-François. *Préface. Sur l'interdiction de ma Correspondance avec Guy Debord*. Paris: Le Fin Mot De L'histoire. Pps.: 6-15. 1999.
- MAUSS, Marcel. **Essai sur le don**. Paris: Les presses universitaires de France. 1968.
- MCLAREN, Peter & SILVA, Tomaz Tadeu da. *Decentering pedagogy: Critical literacy, resistance and the politics of memory*. LEONARD, Peter & MCLAREN, Peter. **Paulo Freire: An critical encounter**. London: Routledge. Pps.: 47-89. 1993.
- MENESES, Maria Paula. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução. Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina. Pps.: 9-19. 2009.
- MERLE, Marcel. *Presentación*. MERLE, Marcel; MESA, Roberto. **El anticolonialismo europeo: Desde Las Casas a Marx**. Madrid: Alianza Editorial. Pps.: 18-28. 1972<sup>lviii</sup>.
- MIGNOLO, Walter. *Coloniality of power and de-colonial thinking*. ESCOBAR, Arturo; MIGNOLO, Walter. **Globalization and the decolonial option**. New York: Routledge. Pps.: 1-21. 2010.
- OLIVEIRA, Paula. *Graffiti polêmicos vencem censura na Análise social. Sociedade (TVI 24)*. Online e disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/ics/graffiti-polemicos-vencem-censura-na-analise-social>. 2014.
- ONG, Aihwa. *Anthropology, China and modernities: the geopolitics of cultural knowledge*. MOORE, Henrietta Louise. **The future of anthropological knowledge**. New York: Routledge. Pps.: 60-92. 1996.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. *Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. **Mana**. 4(1). Pps.: 47-77. 1998.
- PEIRANO, Mariza. *Os antropólogos e suas linhagens. A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. Pps.: 13-28. 1995.
- PEREIRA, Rui Mateus. *A questão colonial na etnologia ultramarina. Antropologia portuguesa*. 7(1). Pps.: 61-78. 1989.

PEREIRA, Rui Mateus. *Introdução à reedição de 1998*. DIAS, Jorge. **Os Macondes de Moçambique**: Aspectos históricos e económicos. Lisboa: IICT. Pps.: V-LII. 1998.

PEREIRA, Rui Mateus. *Raça, sangue e robustez: Os paradigmas da antropologia física colonial portuguesa*. **Cadernos de estudos africanos**. 7-8(1). Pps.: 209-241. 2005.

PEREIRA, Rui Mateus. *Uma visão colonial do racismo*. **Cadernos de estudos africanos**. 9-10(1). Pps.: 129-140. 2006.

PINA-CABRAL, João de. *A antropologia em Portugal hoje*. **Os contextos da antropologia**. Lisboa: Difel. Pps.: 11:41. 1991.

PINA-CABRAL, João de. *Recorrências antroponímicas lusófonas*. **Etnográfica**. Pps.: 237-262. 2008.

PINA-CABRAL, João de. *The two faces of mutuality: contemporary themes in anthropology*. **Anthropological quarterly**. 86(1). Pps.: 257-275. 2013.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: *Articulando dissidências, criando insurgências*. **Cadernos de arte e antropologia**. 4(2). Pps.: 3-12. 2015.

REYNOSO, Carlos. *Presentación. El surgimiento de la antropología posmoderna*: Compilación de Carlos Reynoso. Barcelona: Gedisa. Pps.: 11-60. 1998.<sup>lix</sup>

RICOEUR, Paul. *Le paradigme de la traduction. Sur la traduction*. Paris: Bayard. Pps.: 21-52. 2004.

RODRIGUES, Maria da Conceição. *Um olhar sobre os primórdios da Instituição que antecedeu o actual IICT: O papel do Almirante Gago Coutinho*. **Blogue história lusófona**. Online e disponível em: <http://www2.iict.pt/?idc=102&idi=13712>. 2007.

SÁEZ, Oscar Calavia. *O lugar e o tempo do objeto etnográfico*. **Etnográfica**. 15 (3): Pps.: 589-602. 2011.

SAFRAN, William. *Diasporas in modern societies: myths of homeland and return*. **Diaspora: A journal of transnational studies**. 1(1). Pps.: 83-99. 1991.

SAMUELS, Andrews. *The mirror and the hammer: The politics of resacralization*. **The political psyche**. London: Routledge. Pps.: 2-22. 1993.

SÁNCHEZ GÓMEZ, Luis Ángel. *Cien años de antropologías en España y Portugal (1870-1970)*. **Etnográfica**. 1(2). Pps.: 297-317. 1997.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Apresentação*. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: EdUSP. Pps.: 13-21. 2006.

SILVANO, Filomena. *Patrimonialização do espaço e discursos identitários*. JORGE, Vítor Oliveira. **Arquitectando espaços: Da natureza à metápolis**. Porto: Universidade do Porto. Pps.: 243-248. 2003.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de. *Tradições de conhecimento na gestão colonial da desigualdade: reflexões a partir da administração indigenista no Brasil*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 153-173. 2014.

STOCKING, George Ward (Jr). *Afterword: A view of the center*. **Ethnos**. 47(1). Pps.: 172-186. 1982.<sup>lx</sup>

THOMAZ, Omar Ribeiro. *O bom povo português: Usos e costumes d'aquém e d'além-mar*. **Mana**. 7(1). Pps.: 55-87. 2001.

TURNER, Frederick Jackson. *The significance of the frontier in american history*. **Report of the american historical association for 1893**. South Carolina: AHA. Pps.: 197-227. 1894.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *O atlântico pardo, antropologia, pós-colonialismo e o caso "lusófono"*. BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos coloniais:**

diálogos críticos luso-brasileiros. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 31-45. 2014.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Portugal's colonial complex: from colonial lusotropicalism to postcolonial lusophony*. **Queen's postcolonial research forum**. Belfast: Queen's University. Pps.: 1-10. 2008.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Prefácio*. DURO DOS SANTOS, Gonçalo. **A escola de antropologia de Coimbra 1885-1950: O que significa seguir uma regra científica?** Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. Pps.: 13-18. 2005.

VALE DE ALMEIDA, Miguel; AREND, Silvia Maria Fávero; CRESCENCIO, Cintia Lima; KROEGER, Juliana Bez; SANTOS, Rochelle Cristina dos. *Sobre a conquista de direitos civis em Portugal: entrevista com Miguel Vale de Almeida*. Revista Estudos Feministas. 20(2). Pp.: 471-480. 2012.

VERDE, Filipe. *A cristandade dos leopardos, a objectividade dos antropólogos e outras verdades igualmente falsas*. **Etnográfica**. 1(1). Pps.: 113-131. 1997.

VIEGAS, Susana de Matos. *Notícias da APA. E-boletim da Associação Portuguesa de Antropologia*. 4 (1). Pps.: 1-13. 2008.

VIRGÍLIO, Jefferson. *Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo? Revisão teórica sobre pesquisa e militância na antropologia contemporânea*. **Antropologías del sur**. 3(1). Pps.: 69-85. 2015.

WAGNER, Roy. *Culture as creativity. The invention of culture: Revised and expanded edition*. Chicago: The University of Chicago Press. Pps.: 22-33.1981.

WIKAN, Unni. *The politics of culture. Generous betrayal: Politics of culture in the new Europe*. Chicago: The University of Chicago Press. Pps.: 69-88. 2002.

YÁÑEZ-CASAL, Adolfo. *Introdução. Entre a dádiva e a mercadoria*. Lisboa: edição do autor. Pps.: 7-26. 2005.



## LEVANTAMENTO DOCUMENTAL JUNTO A ASSOCIAÇÕES E CONGRESSOS DE ANTROPOLOGIA

29ª RBA. *Página inicial*. 29ª **Reunião Brasileira de Antropologia**. Último acesso realizado em 21-09-2015. Disponível online em <http://www.29rba.abant.org.br/>. 2015.

ABA. 27ª RBA. **Anais**. Último acesso realizado em 10-11-2015. Disponível online em <http://www.abant.org.br/news/show/id/21>. 2010.

ABA. 28ª RBA. **Anais**. Último acesso realizado em 12-10-2015. Disponível online em <http://www.abant.org.br/news/show/id/255>. 2012.

ABA. 29ª RBA. **Anais**. Último acesso realizado em 13-11-2015. Disponível online em <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/29RBA/index.html>. 2014.

ABA. *Informativo n° 08/2014 | 14/05/2014*. **Notícias**. Último acesso realizado em 10-10-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/58-informativos-2014/497-informativo-n-08-2014-14-05-2014>. 2014.

ABA. *Informativo n° 12/2014 | 04/09/2014*. **Notícias**. Último acesso realizado em 15-11-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/58-informativos-2014/519-informativo-n-12-2014-04-09-2014>. 2014.

ABA. *Informativo n° 09/2015 | 06/05/2015*. **Notícias**. Último acesso realizado em 10-10-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/informativo-especial-09-2015-06-05-2015>. 2015.

ABA. *Informativo n° 21/2015 | 19/10/2015*. **Notícias**. Último acesso realizado em 15-11-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/informativo-n-21-2015-19-10-2015>. 2015.

ABA. *WCAA e IUAES conversam sobre possível união*. **Notícias**. Último acesso realizado em 01-06-2015. Disponível online em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/17-noticias/672-wcaa-e-iaes-conversam-sobre-possivel-uniao>. 2015.

ACADEMIA.EDU. *About*. **About**. Último acesso realizado em 12-10-2015. Disponível online em <http://www.academia.edu/about>. 2015.

ACIDI. *Retorno voluntário*. **Brochuras**. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/rm/Brochuras/retornovoluntario.pdf>. 2015.

AILPCSH. *Congressos anteriores*. **Congressos**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.ailpcsh.org/congressos/congressos-anteriores.html>. 2015.

AILPCSH. *XII Conlab*. **Congressos**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.ailpcsh.org/congressos/xii-conlab.html>. 2015.

AILPCSH. *Historial e missão*. **A associação**. Último acesso realizado em 01-11-2015. Disponível online em <http://www.ailpcsh.org/a-associacao.html>. 2015.

APA. *Congresso 2013*. **Notícias**. Último acesso realizado em 11-10-2015. Disponível online em: <http://www.apantropologia.org/congresso2013/>. 2013.

APA. *Congressos*. **Eventos da APA**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.apantropologia.org/eventos-apa/>. 2012.

APA. *III Congresso da APA (2006): "Afinidade e diferença" - Lisboa, 6,7 e 8 de Abril de 2006*. **Congressos da APA**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em: <http://www.apantropologia.org/actas-do-terceiro-congresso-da-apa-2006-lisboa-67-e-8-de-abril-de-2006/>. 2007.

APA. *Painéis*. **VI Congresso**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em: <http://vicongresso.apantropologia.org/paineis/>. 2015.

ARCHIVE.ORG. *Página inicial*. **Archive.org**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://archive.org>. 2015.

BATOTOYETU. *Página inicial*. **Quem somos**. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://www.batotoyetu.pt>. 2015.

CAPES. *Portaria n° 64, de 24 de março de 2010*. **Regulamento**. Disponível online em: [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/relatorios/Regulamento\\_PROAP\\_Portaria64\\_240310.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/relatorios/Regulamento_PROAP_Portaria64_240310.pdf).

CEAS. *Página inicial*. **Centro de estudos em antropologia social**. Último acesso realizado em 13-10-2015. Disponível online em <http://ceas.iscte.pt>. 2015.

CNPQ. *Sobre a plataforma lattes*. **Lattes**. Último acesso realizado em 12-10-2015. Disponível online em <http://www.cnpq.br/web/portal-lattes/sobre-a-plataforma>. 2015.

CONLAB. *GT 94*. **GTs aceites**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.conlab-ailpesh.com/index.php/aceites-gt-94>. 2015.

CRIA. *130 anos de antropologia em Coimbra*. **Eventos**. Último acesso realizado em 12-07-2015. Disponível online em <http://cria.org.pt/site/eventos/87-eventos-2015--jan/>. 2015.

CRIA. *Fins de tarde com a antropologia*. **Eventos**. Último acesso realizado em 17-11-2015. Disponível online em <http://cria.org.pt/site/eventos/79-eventos-2014-out/623-fins-de-tarde-com-a-antropologia-conversas-sobre-arquivos-etnograficos-2014-2015.html>. 2014.

CRIA. *Página inicial*. **Centro em rede de investigação em antropologia**. Último acesso realizado em 13-06-2015. Disponível online em <http://cria.org.pt/>. 2015.

CRIA. *Relatórios de atividades 2008/2009*. **Relatórios**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em [http://cria.org.pt/site/images/ficheiros\\_imagens/relatorios/cria\\_actividades\\_2008.09.pdf](http://cria.org.pt/site/images/ficheiros_imagens/relatorios/cria_actividades_2008.09.pdf). 2009.

DEGÓIS. *Sobre o DeGóis*. **Informações gerais**. Último acesso realizado em 12-10-2015. Disponível online em <http://www.degois.pt/index.jsp?id=1>. 2015.

EASA. Constitution. Último acesso realizado em 03-03-2016. Disponível online em <http://www.easaonline.org/about/cons.shtml>. 2014.

EASA. Panels. EASA 2010. Último acesso realizado em 11-11-2015. Disponível online em <http://www.nomadit.co.uk/easa/easa2010/panels.php5>. 2010.

EASA. Panels. EASA 2012. Último acesso realizado em 13-11-2015. Disponível online em <http://www.nomadit.co.uk/easa/easa2012/panels.php5>. 2012.

EASA. Panels. EASA 2014. Último acesso realizado em 12-11-2015. Disponível online em <http://www.nomadit.co.uk/easa/easa2014/panels.php5>. 2014.

GOOGLE. *Erros: Não encontrado (404)*. **Ajuda do Google**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://support.google.com/webmasters/answer/2409439>. 2015.

GOOGLE. *Limpar cache e cookie*. **Ajuda do Google**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://support.google.com/accounts/answer/32050>. 2015.

GOOGLE. *Navegar em modo privado*. **Ajuda do Google**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://support.google.com/chrome/answer/95464>. 2015.

GOOGLE. *O que é a versão armazenada em cache de uma página?* **Ajuda do Google**. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://support.google.com/webmasters/answer/1050724>. 2015.

IBEROAMERICA SOCIAL. *Finalidades*. **Nosotros**. Último acesso realizado em 03-11-2015. Disponível online em <http://iberoamericasocial.com/finalidades/>. 2015.

IIE. *Fullbright. Programs*. Último acesso em 12-11-2015. Disponível online em <http://www.iie.org/fulbright>. 2015.

ISCTE. *Relações internacionais. Departamento de antropologia*. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em [http://iscte-iul.pt/departamentos/38/International\\_Relations.aspx](http://iscte-iul.pt/departamentos/38/International_Relations.aspx). 2015.

IUAES. *Notices. Notices*. Último acesso em 15-11-2015. Disponível online em <http://www.iuaes.org/notices.html>. 2015.

MEC. *Capas altera programa de bolsa de doutorado-sanduíche no exterior. Notícias*. Último acesso realizado em 17-11-2015. Disponível online em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4959:&catid=180&Itemid=164](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4959:&catid=180&Itemid=164). 2005.

MEC. O que é o REUNI. REUNI. Último acesso realizado em 17-11-2015. Disponível online em: <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>. 2010.

MEC. *Rebides. DGEEC*. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://w3.dgeec.mec.pt/rebides/2011/>. 2011.

MEC. *Rebides. DGEEC*. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://w3.dgeec.mec.pt/rebides/2012/>. 2012.

MEC. *Rebides. DGEEC*. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://pries.dgeec.mec.pt/Public/Rebides/rebides.aspx>. 2013.

NEA. *Página inicial. Início*. Último acesso realizado em 13-11-2015. Disponível online em <http://nea.ufsc.br>. 2015.

RCAAP. *Advanced Search. Search*. Último acesso realizado em 04-05-2015. Disponível online em <http://www.rcaap.pt/search.jsp>. 2015.

SGL. *Presidentes. Orgânica*. Último acesso realizado em 01-11-2015. Disponível online em <http://www.socgeografialisboa.pt/organica/presidentes>. 2015.

SKYPE. *Sobre o Skype*. **Sobre**. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://www.skype.com/pt-br/about/>. 2015.

UC. *Presentation*. **CIA**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://www.uc.pt/en/cia/Presentation>. 2014.

UMINHO. *Núcleo de estudos em antropologia*. **Repositorium**. Último acesso realizado em 31-10-2015. Disponível online em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3226>. 2014.

UNESCO. *Accreditation request N.º 90164*. **Non-Governmental Organizations accredited to provide advisory services to the Committee**. Último acesso realizado em 30-10-2015. Disponível online em <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/NGO-90164-ICH-09.pdf>. 2010.

UNL. *Residência Alfredo de Sousa*. **SAS**. Último acesso realizado em 01-11-2015. Disponível online em <http://sas.unl.pt/alojamento/ras/residencia-alfredo-de-sousa>. 2015.

UP. *O primeiro consórcio de universidades portuguesas nasce no Norte*. **Notícias**. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://noticias.up.pt/o-primeiro-consorcio-de-universidades-portuguesas-nasce-no-norte/>. 2014.

UP2YOUTH. *Centro de Estudos em Migrações e Minorias Étnicas (CEMME)*. **Research map on transitions to work**. Último acesso realizado em 29-10-2015. Disponível online em <http://www.up2youth.org/content/view/229/67/index.html>. 2009.

YOUTUBE. *Fado dançado Lisbon @ Conlab*. Associação BYP. Último acesso realizado em 02-11-2015. Disponível online em <http://www.youtube.com/watch?v=eW7QCT1xE8>. 2015.

## LISTA DE ENTREVISTAS

AFONSO, Ana Isabel.

*Antropologia aplicada à Portugal e em Portugal.*

Realizada em 29 de junho de 2015 na FCSH-UNL<sup>145</sup>.

BASTOS, Cristiana.

*Um pouco lá, outro tanto cá: Encontros e desencontros de antropologias entre Brasil e Portugal.*

Realizada em 02 de julho de 2015 no ICS-UL<sup>146</sup>.

COSTA, Catarina Alves.

*Filmes etnográficos, colaborações e autoridades.*

Realizada em 06 de julho de 2015 na FCSH-UNL.

GRANJO, Paulo.

*Pluralizando terreno, metodologia, e África. O papel do antropólogo.*

Realizada em 01 de julho de 2015 no ICS-UL.

LEAL, João.

*Antropologias portuguesas, em Portugal e outras histórias para português ler.*

Realizada em 23 de junho de 2015 na FCSH-UNL.

LIMA, Antónia Pedrosa de.

*Cursos, congressos e associações de antropologia em Portugal.*

Realizada em 24 de junho de 2015 no ISCTE-IUL<sup>147</sup>.

PEREIRA, Rui Mateus.

*Antropologia colonial portuguesa e colonização da antropologia em Portugal.*

Realizada em 07 de julho de 2015 na FCSH-UNL.

RAPOSO, Paulo.

*Artes, ativismos, antropologias e artivismos antropológicos.*

Realizada em 17 de julho de 2014 nas mediações da Feira da Ladra.

---

<sup>145</sup> Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>146</sup> Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

<sup>147</sup> Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Emprego da Universidade de Lisboa.

SARAIVA, Clara.

*Nomes que nascem e nomes que morrem.*

Realizada em 06 de julho de 2015 na FCSH-UNL.

SILVANO, Filomena.

*Produções de espaço na antropologia, e espaços de produção da antropologia.*

Realizada em 29 de junho de 2015 na FCSH-UNL.

VALE DE ALMEIDA, Miguel.

*Colonialismos, pós-colonialismos e outras crenças antropológicas.*

Realizada em 15 de junho de 2015 no ISCTE-IUL.

## ANEXO I - NOTAS SOBRE FORMATAÇÕES E REFERÊNCIAS

Cette position fut évidemment maintenue tout au long de sa vie par Guy Debord : «Je ne défends certes pas le principe de la propriété littéraire. Comme disait Brecht, “toute chose appartient à qui l’améliore»<sup>148</sup>.<sup>lx</sup>

Com exceções de termos e trechos de textos com escritas originais em idiomas distintos de línguas portuguesas e de respectivas traduções destes, se pode compreender que demais termos ou trechos que aparecem com grafia em destaques itálicos, ou com recuo de texto, remetem a uma de duas tipologias de citações diretas:

- Excertos de diários de campo.
- Trechos de entrevistas.

Os mutilados extravios de escritas oriundas de diários e notas de campo sofrem adaptações, são intercalados entre si e recebem grifos de destaque, além de apropriações de influências de novas e posteriores leituras. Possuem simbólicas datas de registro, ainda que pareçam específicas ou precisas origens, possuem declarados e óbvios estatutos alargados enquanto quimeras, talvez compósitas formas, destes aportes.

Categorias, conceitos e percepções que são importadas de outrem, ainda que deslocadas ou mutiladas, são apresentadas incluindo intervalos de páginas<sup>149</sup>, ou para o caso de vídeos, intervalos de minutos.

As entrevistas, são apresentadas em trechos, mínimos, identificadas por nome de quem é entrevistado e um título, doado por mim, característico da conversa realizada, quase uma síntese.

As percepções de meus diários são jogadas na apresentação, à extrema esquerda, o lado do coração, enquanto as literais citações roubadas de outrem são arremessadas a direita, representando alguma razão, tentando algum diálogo com a divisão feita por Robert Hertz (1909:563-568), e as entrevistas, entre lá e cá, tentando ser racionais, enquanto transbordam emoções, ficam quase centralizadas. São mestiças.

---

<sup>148</sup> Cf. MARTOS, J. Préface. 1999:6.

<sup>149</sup> Nas raras ausências de paginação são utilizados intervalos de parágrafos.

Propõe-se o incentivo à disponibilização de intervalos de páginas ao remeter a referências externas para orientar leituras que almejem contato acelerado a desconhecidas, distantes e duvidosas terminologias.

A proposta, além de promover consultas, confrontos e localizações aceleradas, especifica o ponto de diálogo tecido e permite reduzir drasticamente a quantidade de repetidas reexplicações teóricas. É neste sentido também recomendada a consulta aos originais por qualquer leitora ou leitor que se considere suficientemente distante de categorias aqui apresentadas em escritas cursivas.

Por imediatos motivos são sugeridas e valorizadas referências que direcionam a capítulos específicos, e na medida do possível em idiomas “originais”, permitindo proporcionar buscas e acessos a republicações, e em muitos casos, se necessário, a traduções individuais, destes capítulos, não raramente no formato de artigos, com circulação online.

No caso de remeter a entrevistas, as autorias são sumariamente protagonizadas pela pessoa entrevistada, que compreendo como cerne da publicação, e pelas eventuais menções remeterem as “respostas” desta parte nas entrevistas.

Eventuais publicações que incluam múltiplas autorias estão reorganizadas por ordenações alfabéticas de sobrenomes, visando desconstruir hierarquias de posse ou valia entre as partes autoras, em muito seguindo a inspiração exposta por Goodman *et alia* (2015:1392, ver nota de rodapé 1).

Eventuais edições completas de livros ou edições de dossiês específicos de periódicos mencionadas em entrevistas são referenciadas em notas de rodapé, e são acompanhados de ISBN, para o caso de livros, ou ISSN<sup>lxii</sup>, para o caso de periódicos.

Na hipótese de ocorrência de sobrenomes gêmeos entre diferentes materiais consultados, estes estão acompanhados do sobrenome prévio das autorias, quando possível, permitindo maior distinção. Em linhas próximas são completamente evitadas referências bibliográficas a iniciais de primeiros nomes ou apenas ao sobrenome. A utilização de referências à nomes completos sugere reconhecimento de autorias femininas, que usualmente são invisibilizadas e tratadas não raras vezes no masculino.

As reduções de caixa-altas em categorias, identificações e terminologias apresentadas em títulos, nomes e subtítulos de obras referenciadas durante toda a escrita são intencionais e permitem reduzir as hierarquizações de valia e os destaques excessivos das respectivas perante outras categorias e demais terminologias presentes, ou quando em contatos com diálogos que se primam tecer na construção do texto.

Usos de plurais no masculino são sumariamente removidos e substituídos por apresentações léxicas ou manobras gramaticais que descaracterizem quaisquer generalizações envolvendo percepções sobre identidades em todas as menções onde gêneros são mistos ou não evidenciados como unicamente masculinos<sup>150</sup>.

Em complemento ocorre manutenção de escritas que considerem potenciais dificuldades e acessibilidades a particularidades de leituras de outrem, sendo evidentes as influências das perspectivas feministas trazidas por Felipe Bruno Martins Fernandes & Anahí Guedes de Mello (2013:22-23) de modo a não incentivar usos de específicas variações das guerrilhas de linguagem.<sup>lxiii</sup> Há opção por utilização de femininos no plural em substituição aos masculinos, como empoderamento e visibilidade, mas é de se considerar válida a quem for identificada enquanto pertencente a próximos gêneros. Em complemento são pertinentes atenções prévias que evitem confusões em críticas construídas para descartar falsas direções que não devem ser reservadas ao feminino ou as suas pertencentes.

Há multiplicações de todas as categorias e conceitos em propostas que promovam adoções de pluralidades durante toda a construção de narrativas. Em complemento, se compreende que termos apresentados em singular, e aqueles em plural masculino, são intencionais e sugerem problematizações ou revisões de limites e aceites em voga.

Por causas próximas, as omissões a escritas em primeira pessoa do singular devem ser lidas como intencionais. Na medida do possível, pode-se primar por remoções ou ocultações de identificações de sujeitos nos processos de produção escrita da tese principal enquanto é proposta.

Para evitar a necessidade de uma “lista de siglas”, a inclusão de notas de rodapé para este fim, ou excessiva quantidade de “parênteses” todas as siglas são substituídas pelo significado em extenso. Em sentido contrário é sugerido e incluído um índice onomástico, visando facilitar a consulta remissiva de autorias mencionadas no corpo do texto.

As notas de rodapé são reservadas para raras e curtas observações pontuais, e neste sentido quaisquer comentários com duas ou mais linhas são formatados como notas de fim de texto. As notas de fim de texto são também o local onde são disponibilizadas traduções à língua portuguesa de eventuais citações diretas de terceiras autorias que são apresentadas no corpo do texto em idiomas terceiros.

---

<sup>150</sup> Inclui as opções por uso de *et aliae* (masculino), *et alii* (feminino) e *et alia* (neutro).

Em vizinhas direções, citações diretas a autorias terceiras, assim como eventuais limitações de nomeação em títulos de textos de autorias terceiras, na medida do possível, mantêm usos de singulares oriundos de contextos de origem, assim como equivocados plurais reduzidos ao masculino, mas não ocorre a manutenção de siglas.

Em mínimas compensações, algumas liberdades maiores no que remete a reescritas de citações diretas são realizadas em eventuais traduções das respectivas, ainda que ocorra manutenção de condição enquanto nota de fim de texto, e não incorporação ao corpo principal do texto. Ainda sobre as traduções, para cada citação direta ou referência bibliográfica em idioma distinto do português é incluído o *abstract* em idioma próximo nas páginas iniciais.

Transcrições de trechos de textos escritos em línguas portuguesas décadas prévias ao novo acordo ortográfico estão reescritos para algo mais próximo do respectivo acordo. A meta envolve maior clareza textual e alguma resistência a saudosismos desnecessários, e não qualquer tipo de incentivo à subordinação ou sobrevalia ao respectivo acordo. Tal como o privilégio do inglês enquanto idioma em academias, e questões envolvendo as traições das traduções, assunto já coberto por Paul Ricoeur (2004:26-27), são discussões que em muito superam quaisquer aproximações nestas escritas e são intencionalmente evitadas, ainda que reconhecidas como valiosas.

Ainda sobre as citações diretas, eventuais mutilações e completos deslocamentos de contextos de origem são intencionais e visam produzir reflexões sobre potencialidades de uso de citações diretas além das comumente preguiçosas, que além de pouco problematizadas, em muito se resumem a estender o tamanho das publicações, e outros usos, digamos, mais oportunistas de apelos a citações diretas. Usos de intencionais interrupções nas citações diretas podem ser realizados para reduzir extensões das respectivas ou direcionar discursos expostos por terceiras partes.

*Ora, as criações e as inovações nas áreas científicas não são diferentes das artes, e já foi explicado por muita gente, não precisa ir sempre ao [Ludwig] Wittgeinstein, para explicar as coisas, portanto, é uma lógica de experiência, de falhanço, de tentativa, de não coerência. Se não for isso, não é nada. E, portanto, um sistema que não permite experimentar, que não permite falhar, que não permite propor o novo, que não permite a contradição, mas que mais que [tudo],*

*formata o número de páginas dos textos, que diz que os textos tem que começar com uma revisão da matéria dada, tem que ter nhenhêhêm, tem que ter uma conclusão. [...] Isto daqui não pode obviamente sair nada de interesse, isto pra ser interessante, vai ter que sair noutro sitio. Não é nesse sitio que vai acontecer nada. [...] Porque todos os professores sabem que não é daí que nada nasce. O aluno que repete ai o papagaiar do que o professor deu, e [o que] tá nos textos é um bom aluno, ok. Ponto. Mas não vai fazer nada de novo. [...] [A inovação] não entra porque tudo está formatado à cabeça, e, portanto, a função que foi, durante séculos, uma das funções das academias, que era justamente, albergar as diferenças, albergar a inovação, proteger as excentricidades, permitir o aparecimento justamente de personagens com uma cabeça um pouco ao lado... E daí essa quantidade de personagens a produzirem coisas eventualmente pouco interessantes, mas pelo menos tentativas de inovação de vez em quando saiam uns muito bons. Mas assim, neste sistema, daí não vai nascer nada. Terão que nascer noutro sitio. Não vai ser nestes sítios de certeza, porque as universidades tão se a transformar numa máquina de produção do mesmo. Pura e simplesmente. Reprodução do mesmo. Não é nem produção, é reprodução.*

[Entrevista com Filomena Silvano]

Eventuais adicionais quebras de “normas e convenções estético-acadêmicas” devem ser compreendidas como rupturas intencionais e provocadoras de desconstruções, ainda que não estejam listadas nestas notas iniciais de observações.

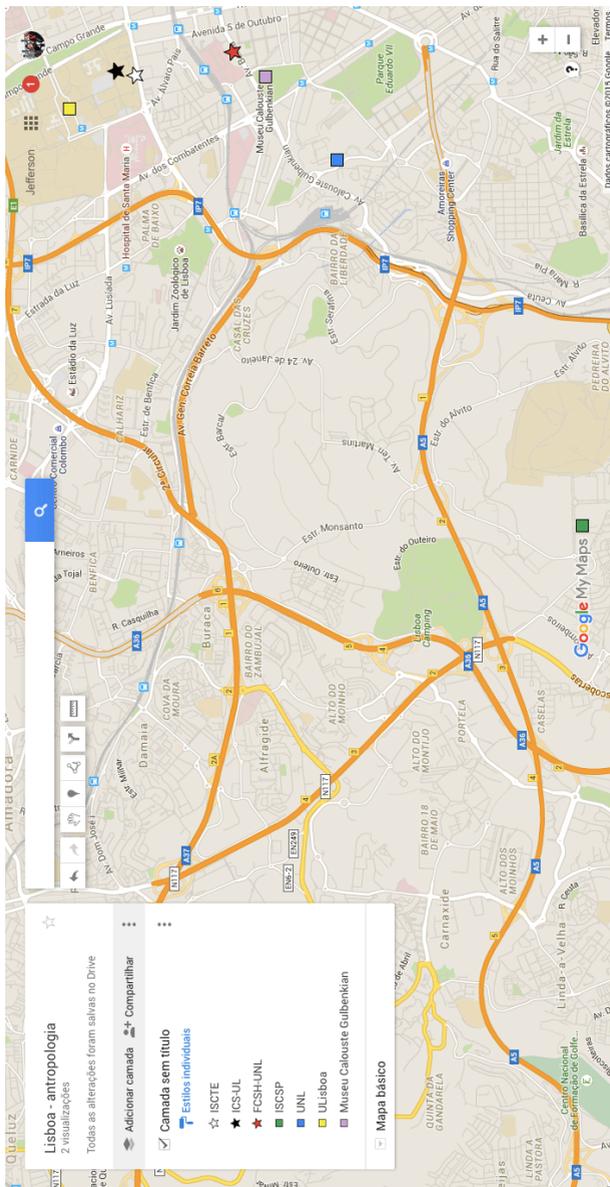
É valorizada e incentivada alguma atenção a estas percepções em quaisquer potenciais menções futuras aos relatos reflexivo-etnográficos aqui construídos.

Ao fim, pergunto:

*É possível posturas e críticas subversivas quando se mantêm uma formatação acadêmica totalmente normatizada e padronizada?*



## ANEXO II - MAPA DE LISBOA - ADAPTADO



Arquivo pessoal, criado no aplicativo Google Maps: <http://maps.google.com>



## ÍNDICE ONOMÁSTICO

## A

ABRANTES, Carla Susana Alem, 63  
 AFONSO, Ana Isabel, 25, 46, 47, 79, 81  
 AGUIAR, António Augusto de, 94  
 ALMEIDA, Sónia Vespeira, 25  
 ANZALDÚA, Gloria, 128  
 ASHBY, William Ross, 45

## B

BASTOS, Cristiana, 47, 74, 78, 79, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 110, 114, 118  
 BATESON, Gregory, 35, 58  
 BECHKOFF, Jennifer, 58  
 BECKER, Howard Saul, 23  
 BESNIER, Niko, 103, 109  
 BOAS, Franz, 74  
 BRECHT, Bertolt, 127, 151  
 BRITO, Raquel Soeiro de, 77  
 BUDKA, Philipp, 58

## C

CAMARGO, Telma, 117  
 CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 30  
 CARDOSO, José Luís, 97, 98  
 CARSTEN, Janet, 32  
 CARVALHO, João Filipe Soutelo Soeiro de, 90  
 CASTELO, Cláudia, 93, 113, 123  
 CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan, 90  
 CASTRO, André de, 121  
 COELHO, João Paulo Borges, 97, 99  
 COSTA, Catarina Alves, 31, 47  
*CUI, Yan*, 58  
 CUNHA, Manuela Carneiro da, 97, 99

## D

DE CERTEAU, Michel, 32  
 DEBORD, Guy, 151  
 DIAS DUARTE, Luiz Fernando, 115

DIAS, António Jorge, 29, 64, 65, 66, 78, 81, 123  
DIAS, Nélia, 25  
DURÃO, Susana, 106, 118  
DURO DOS SANTOS, Gonçalo, 62, 69, 73

## E

EVANS-PRITCHARD, Edward Evans, 45

## F

FALCÃO, Ana Mafalda, 63  
**FELDMAN-BIANCO, Bela**, 87, 91, 110, 115, 130  
FERNANDES, Felipe Bruno Martins, 153  
FLUEHR-LOBBAN, Carolyn, 31  
FORTE, Maximilian, 37  
FREITAS BRANCO, Jorge, 78  
FREYRE, Gilberto, 29, 93, 113, 123  
FRY, Peter, 115  
FURTADO, Cláudio, 97, 98, 99

## G

GARCIA, *Angela Cora*, 58  
GEERTZ, Clifford, 36, 124  
GODINHO, Paula, 26, 84  
GOFFMAN, Erving, 32  
GOLDMAN, Márcio, 89  
GOMES DA SILVA, José Carlos, 81  
GONÇALVES DA SILVA, Vagner, 28  
GOODMAN, Allen, 152  
GOODMAN, Joshua, 152  
GOODMAN, Lucas, 152  
GOODMAN, Sarena, 152  
GRANJO, Paulo, 26, 46, 121  
GREENAWAY, David, 129  
GROSSI, Miriam Pillar, 33, 39, 45, 58, 109, 111, 122, 130

## H

HERTZ, Robert, 151  
HERZFELD, Michael, 41, 61  
HOLLANDA, Heloisa Buarque de, 108, 123  
HUSSLER, Edmund, 42

*I*

INGOLD, Timothy, 43, 45

ITURRA, Raul, 78, 81

*K*

KEARNEY, Michael, 40

KIM, Woo-Chan, 42

KROEBER, Alfred, 74

*L*

LEAL, João, 25, 26, 40, 41, 42, 43, 46, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 73, 79, 88, 89, 116, 118

LEITE, Ilka Boaventura, 89

LÉVI-STRAUSS, Claude, 79, 100

LIMA, Antónia Pedroso de, 46, 82, 83, 87, 103, 104, 109

LIMA, Mesquita, 78

LINS RIBEIRO, Gustavo, 117, 130

*M*

MACAGNO, Lorenzo, 123

MACHADO, Fernando Luís, 97

MAGGIE, Yvonne, 115

MALINOWSKI, Bronislaw, 32, 56, 71

MAPRIL, José, 26, 44

MARTOS, Jean-François, 151

MATTOS, Patricia Ferraz de, 73

MAUBORGNE, Renée, 42

MAUSS, Marcel, 121, 122, 123

MAYAKOVSKY, Vladimir, 127

MCLAREN, Peter, 127

MELLO, Anahí Guedes de, 153

MENDES CORREIA, António Augusto, 65

MENESES, Maria Paula, 129

MERLE, Marcel, 37

MIGNOLO, Walter, 37

MILNER, Chris, 129

*O*

O' NEILL, Brian, 78

OLIVEIRA, José Osório de, 113

ONG, Aihwa, 37

*P*

PACHECO DE OLIVEIRA, João, 35, 115

**PAIS DE BRITO, Joaquim**, 81, 88

PEDROSO, Consiglieri, 65, 68

PEIRANO, Mariza, 45, 89

PEREIRA, Rui Mateus, 26, 47, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78, 81, 88, 129

PINA-CABRAL, João de, 36, 44, 67, 73, 74, 77, 78, 81, 83, 87, 89, 103, 111, 115, 121, 129, 130

PINTO, Ana Santos, 26

PRISTA, Pedro, 25

*R*

RAMOS, Manoel João, 25

RAPOSO, Paulo, 30, 45, 84, 121

RENDAS, António, 97

REYNOSO, Carlos, 37, 73

RIAL, Carmen Silvia, 109, 110, 122, 130

RIBEIRO, Orlando, 77

RICOEUR, Paul, 154

RODRIGUES, Maria da Conceição, 80

ROQUE, Ricardo, 73

ROSA, Frederico Delgado, 25

ROWLAND, Robert, 78, 81, 87, 110

*S*

SÁEZ, Oscar Calavia, 42, 124

SAFRAN, William, 29

SAMUELS, Andrews, 127

SÁNCHEZ GÓMEZ, Luis Ángel, 61

SANTOS, Boaventura de Sousa, 97, 99, 100, 129

SARAIVA, Clara, 26, 47, 80, 81, 82, 90, 111, 118

SILVA, Tomaz Tadeu da, 127

SILVANO, Filomena, 25, 26, 39, 46, 71, 72, 81, 155

SIMONIAN, Lígia, 117

SOUSA, Cláudia, 25

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de, 38, 115, 117

*STANDLEE, Alecea*, 58

*T*

THOMAZ, Omar Ribeiro, 74, 115

TROVÃO, Susana, 26

*V*

VALE DE ALMEIDA, Miguel, 37, 38, 39, 46, 71, 86, 87, 89, 90, 91, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 130

VELHO, Gilberto, 29, 88

VERDE, Filipe, 25, 26, 43

VIEGAS, Susana de Matos, 44, 87, 89, 110, 115, 118, 130

VIRGÍLIO, Jefferson, 28, 33, 41

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, 100

*W*

WAGNER, Roy, 124

WATEAU, Fabienne, 84

WIKAN, Unni, 123

WITTGEINSTEIN, Ludwig, 154

*Y*

YÁÑEZ-CASAL, Adolfo, 121, 122



<sup>i</sup> Uma tradução possível do original com autoria desconhecida pode ser lida como:  
*Eu não encontrei uma cópia por mim mesmo, então eu não posso dizer se esta história é apócrifa ou não, mas ela parece ser citada por fontes fidedignas.*

<sup>ii</sup> Uma tradução possível do original em Becker (1996:53) pode ser lida como:  
 ainda que pesquisadoras e pesquisadores com algum foco na educação têm feito boa pesquisa no carácter qualitativo pelo menos nos últimos 60 anos, elas e eles ainda realizam conferências com regular frequência, além de promoverem discussões, como este material é reflexo, para discutir se é ou não é legítimo e, se for, porque é, tal tipo de pesquisa. Certamente deve haver alguma diferença epistemológica real entre os métodos para manter essa contínua incapacidade em resolver a questão.

<sup>iii</sup> Antes de meu retorno em Lisboa, uns três meses, foi-me informado que seria ela quem me receberia, para formalidades. No entanto recebi notícia de substituição na recepção quase junto a mensagem de luto, pouco tempo após meu avião pousar. Horas depois.

<sup>iv</sup> Como ocorre no Brasil, há um limite máximo no número de disciplinas ou créditos que um aluno ou uma aluna pode se inscrever semestralmente. No Brasil, o desvio é realizado ao se inscrever como aluno externo, via CPF, em outros departamentos (eu o fiz em História e Sociologia). Em Portugal a situação é realizada buscando outras universidades. Em ambos os casos o processo é realizado posteriormente ao período regular de matrícula, nas vagas sobressalentes e envolve pagamento de taxas acadêmicas adicionais.

<sup>v</sup> O termo licenciatura em Portugal remete aos cursos de graduação de três anos. Não há relação com a formação de professoras e professores, como ocorre no Brasil.

<sup>vi</sup> Para o caso da Universidade Nova de Lisboa, após muita insistência permitiram eu assistir 4 créditos além do limite anual total, sendo a frequência nas demais apenas na condição de ouvinte. No caso do ISCTE não foram abertas vagas adicionais para aquela disciplina, e o docente permitiu a minha presença em sala em algumas sessões.

<sup>vii</sup> O número visivelmente menor de disciplinas neste último ano remete a creditação das disciplinas de mestrado, que são muito maiores que as de licenciatura. E a urgência por maior tempo investido nas entrevistas e saídas à campo.

<sup>viii</sup> Desnecessário informar que não é proposta nenhum tipo de “hierarquização de sujeitos de estudo”, como já evidenciei em outro momento. (Virgílio, 2015:75).

<sup>ix</sup> Uma tradução possível do original em Fluehr-Lobban (2008:177-178) pode ser lida:  
*Antropologias colaborativas se beneficiam de dois fortalecimentos: De um inspirador feminismo para a sua "não-ocidental" pesquisa, e a transformação da relação na pesquisa que ele representa. Dentre antropólogos e antropólogas dos Estados Unidos, a maior parte são antropólogas, e esta demográfica transformação é também um fato no crescimento do feminismo, modelos mais colaborativos de pesquisa que estão gradualmente removendo antigos, hierárquicos - "masculinistas" - modelos de pesquisa.*

<sup>x</sup> Uma tradução possível do original em Bateson (1987b:53-54) pode ser lida como:  
*Eles fazem isso quando eles veem uma criatura fazer algo, e eles estão seguros que: Primeiro, que a criatura não aprendeu como fazer algo e, segundo, que a criatura é estúpida demais para entender porque ela deveria fazer isso. [...] Quando eles veem que todos os membros de uma espécie fazem as mesmas coisas nas mesmas circunstâncias: e quando eles veem os animais repetindo a mesma ação até quando as circunstâncias são alteradas e as ações falham.*

<sup>xi</sup> Uma tradução possível para o original em Herzfeld (1987b:205) pode ser lida como:  
*Cientistas sociais nunca estão apenas na teoria ou no pragmatismo. [...] Cientistas sociais oscilam entre opostos pontos de retórica onde estão ricos emaranhados de simbólicas bandeiras e pilares. Não há quaisquer depreciações ao invocar aspectos de*

*ambos pontos de retórica, exceto quando se parte da presunção de uma absoluta distinção entre o tropológico e o literal, ou entre o ideal e o real (e neste caso não há o que argumentar sobre). [...] E apesar do potencial de perdão por quem ocasionalmente disto duvide - pelo fato de esta ser a retórica profissional - antropólogas e antropólogos são seres sociais também.*

<sup>xii</sup> Uma tradução possível do original em Leal (2011:332) pode ser lida como:

*Para além de termos maiores sensibilidades para nosso passado disciplinar, nós devemos também ter maiores críticas com nossos dilemas atuais: pode muito bem ser que nós continuamos reproduzindo - ainda que em um jargão diferente - os mesmos erros que temos acusados nossas gerações passadas de terem feito.*

<sup>xiii</sup> Há uma lista com detalhes de todas as entrevistas ao final deste material. Estas entrevistas possuem um título, que foram incluídos por mim por visar uma publicação futura deste conjunto de entrevistas.

<sup>xiv</sup> É curiosa a informação de quantas entrevistas foram solicitadas para serem realizadas às segundas-feiras, mas nunca pela manhã.

<sup>xv</sup> É sugerida a realização da leitura deste capítulo utilizando um computador com acesso a internet para verificar os links informados.

<sup>xvi</sup> É necessário diferenciar a “navegação sem consulta ao histórico (de cookies)”, da “navegação criptografada ou invisível”. Devido a não centralidade desta discussão na proposta, ela é evitada. Assumir que as menções durante o ensaio remetem a “navegação sem consulta ao histórico”, e não a “navegação criptografada ou invisível”.

<sup>xvii</sup> É aberta exceção pela substituição de siglas pelo nome por extenso para o ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Identifico desconhecimento do nome por extenso, assim como prática de adoção da sigla como homônimo, e estas ações disseminadas mesmo por partes integrantes. Em dois anos de convivência é mínima a quantidade de pessoas, estudantes ou docentes, do respectivo instituto, capazes de me informar o nome por extenso sem uma consulta à internet ou a algum material externo. Situação similar, ainda que distante de tal escala pode ocorrer com o ISCSP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, que manterei o uso de nomenclatura por extenso.

<sup>xviii</sup> A lista de nomes “admitidos” pode ser consultada no seguinte endereço: [http://www.irm.mj.pt/sections/irm/a\\_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/downloadFile/file/Lista de nomes18-06-2015.pdf?nocache=1434623650.94](http://www.irm.mj.pt/sections/irm/a_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/downloadFile/file/Lista%20de%20nomes18-06-2015.pdf?nocache=1434623650.94).

<sup>xix</sup> Uma tradução possível do original em Herzfeld (1987a:81) pode ser lida como:

*Um exemplo prático neste sentido é o comentário assustadoramente sagaz do ditador português António Salazar ao afirmar que “países felizes não possuem história”.*

<sup>xx</sup> Uma tradução possível do original em Sánchez Gómez (1997:298) pode ser lida como: *Em resumo, a década de 1870 marca [...] o início de um processo de transformação evidente [...] no contexto intelectual. No âmbito dos incipientes estudos folclórico-etnológicos, vamos assistir o desenvolver de uma nova sensibilidade, [...] em grande medida de objetos de estudo locais. Porém, a margem dos localismos tradicionalistas e costumeiros que ainda se mantém e que tem as suas origens em outras épocas, os autores mais destacados que agora se interessam pelo folclore o fazem [...] com perspectivas teóricas e com objetos de análises muito diferentes aqueles das etapas anteriores.*

<sup>xxi</sup> Convém salientar que durante toda a entrevista, entre outros momentos enquanto docente, neste e em inúmeros outros pontos relacionados, são estes sempre precedidos ou complementadas pontuações com três características: Posicionamento enquanto posição individual; Possibilidade de colegas terceiros emitirem posições distintas; Recomendação pela fala ou consulta a estas terceiras partes, normalmente com as indicações nominais.

<sup>xxi</sup> As buscas por discursos e noções de identidade nacional foram bastante populares enquanto objetos “antropológicos” no século XX, sendo que o Brasil não foi exceção tendo como representantes desde Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro até Roberto Da Matta, entre outros.

<sup>xxiii</sup> Esta diferença de posicionamento entre publicações anteriores e posteriores aos anos 2000 pode remeter a descoberta de uma série de informações que são expostas em 1998 na introdução escrita por Rui Mateus Pereira para a republicação do livro clássico de Jorge Dias sobre os Maconde do norte de Moçambique. Remete ao texto: *PEREIRA, Rui Mateus. Introdução à reedição de 1998. DIAS, Jorge. Os Macondes de Moçambique: Aspectos históricos e econômicos. Lisboa: IICT. Pps.: V-LII. 1998.* Compreendo que as autorias que formaram seu parecer e opinião previamente a publicação desta informação possuem muita dificuldade em revisar este posicionamento devido ao contato prévio com críticas severas ao processo colonizador em África, e que as autorias mais jovens, que iniciaram suas pesquisas tardiamente são facilmente seduzidas pelas novas informações recém tornadas disponíveis, muito facilmente ignorando desenvolvimentos prévios. Ainda que eu esteja situado mais próximo ao segundo grupo, mantenho alguma tentativa de propor diálogo com o primeiro.

<sup>xxiv</sup> Uma tradução possível do original em Stocking (1982:172) pode ser lida como: *Apesar do aparentemente aceite unificado do termo “antropologia”, há realmente uma grande quantidade de configurações [apenas] dentro da tradição antropológica euro-americana. A história desta diversidade ainda tem de ser escrita; mas parece ser claro que a antropologia não é tanto uma ciência produzida por algum processo lógico-histórico comitiano de diferenciação intelectual, pois é uma fusão imperfeita de uma quantidade diversa de tradições de pesquisa: biológicas, históricas, linguísticas, sociológicas. Os resultados destas fusões têm variação em diferentes tradições intelectuais nacionais, com um elevado contraste entre aqueles com uma abordagem mais fortemente aceite (e especialmente, embora problemáticamente, a anglo-americana) e as do continente europeu em que o termo antropologia tem tradicionalmente se referido ao estudo físico do homem.*

<sup>xxv</sup> Alfred Kroeber, discípulo direto de Boas desenvolve posteriormente a noção de *áreas culturais*, e o próprio Franz Boas possui larga formação e experiência em geografia.

<sup>xxvi</sup> Um pequeno parêntese para aquelas e aqueles que desconhecem partes da ditadura militar portuguesa: A ditadura é historicamente delimitada entre os anos de 1926/1933-1974. E nos anos finais (1961-1974) ocorria, majoritariamente na África, um período de guerras entre colônias e colonizadores. A parte lusitana desta guerra possuiu vários nomes, com inúmeras variações, consoante o avançar da situação entre a metrópole e as colônias/territórios ultramarinos/novas nações africanas. Entre eles pode-se destacar alguns: Guerra de/da/na África. Guerra de/da libertação. Guerra colonial [portuguesa]. Guerra do ultramar [português]. É interessante ter estar nomenclaturas em mente ao analisar as nomeações e renomeações que vão sendo mapeados no decorrer do texto.

<sup>xxvii</sup> Entre outras disciplinas que mantém frequência anual, onde houve conflito de horários, impossibilitando a matrícula. Cito por exemplo a disciplina de “primatologia”, a disciplina de “ética e antropologia”, e a já citada “antropologia e colonialismo”.

<sup>xxviii</sup> A condição de assistentes permanece até hoje em Portugal e em outros países (frequentemente com a terminologia TA, ou *teaching assistants*). Ainda que pouco frequente em antropologia. As atividades realizadas são muito próximas ao que é proposto nos estágios de docência no Brasil, variando desde um “apoio mínimo em sala de aula” até, em casos mais raros, literalmente ministrarem as aulas sem qualquer outra

peessoa. Para o caso específico português, a função recebe um suporte financeiro e é obrigatória em alguns cursos de doutoramento (não é o caso da antropologia).

<sup>xxxix</sup> Uma tradução possível do original em UNESCO (2010:3) pode ser lida como:

*Ainda que o CRIA tenha sido fundado apenas um ano atrás [2008], os centros de pesquisa mais significantes que estiveram presentes em sua origem tem uma longa e ativa existência: CEAS/ISCTE foi fundado em 1986, CEEP foi fundado em 1994, CEMME foi fundado em 2000.*

<sup>xxx</sup> A relação de Gilberto Velho com Portugal é estabelecida em torno de integrantes de departamentos de sociologia, como é destacado por algumas partes entrevistadas, mas que aqui não são expostos. Detalhes sobre esta relação podem ser melhor observados no livro *Mundos em mediação: Ensaio ao encontro de Gilberto Velho*, de ISBN: 978-85-225-1655-1. O livro foi inicialmente abordado ao realizar um levantamento bibliográfico inicial, mas ao identificar o caráter de *homenagem póstuma* ao brasileiro do conjunto de artigos, o respectivo perdeu ênfase e espaço em minha dissertação. Diálogos com Graça Índias Cordeiro e com Rosa Maria Perez foram sugeridos por várias partes entrevistadas e provavelmente ajudariam a compreender esta lacuna. Por uma série de dificuldades de estabelecer contato com ambas as professoras, estes diálogos infelizmente não foram possíveis. Espero os realizar, em uma futura visita a Portugal. Assim como com outras partes docentes que acabaram não contempladas nesta curta duração e pesquisa.

<sup>xxxix</sup> Remete a uma visita ao núcleo de estudos açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina e uma breve reunião com a coordenadora do programa de pós-graduação em antropologia social da mesma universidade, professora Ilka Boaventura Leite. Maiores detalhes em: NEA. Página inicial. 2015.

<sup>xxxii</sup> O comentário é direcionado a automáticas construções de valor negativa que são produzidas contra redes de pesquisas antropológicas entre Brasil e Portugal, usualmente sendo sustentados sob alegadas “dificuldades de comunicação em inglês e francês” que seriam “a única explicação para o estabelecimento destas redes”, tidas como “lusófonas”. Reforço que estas redes não são, e não foram, restritas aos espaços de fala “portuguesa”.

<sup>xxxiii</sup> Em metade das realizações o congresso é realizado em solo português, e destas, a única cidade onde há reincidência é Coimbra. Evidencia o que de fato esconde, por trás do discurso acadêmico, como “descolonização” e “epistemologias do sul”, aquele que é o porta-voz da primeira edição do congresso e figura carimbada em cada edição na mesa de abertura. E sempre com o mesmíssimo discurso: “Um congresso onde a maior parte das apresentações remete a pesquisa sobre a África. Muitos nunca lá estiveram. E garanto que uma ínfima parte é de lá”. Passados vinte e cinco anos talvez deveria ser possível lembrar o nome de uma ou duas pessoas entre as dezenas de orientandas e orientandos que lhe passaram pelo escritório nascidas e nascidos naquele continente. Ou, se calhar, os quatro-cinco anos em contato de “orientação” com este senhor sejam suficientes para evitar qualquer diálogo neste sentido. Idem para “chineses”, “indianos” e “latinos”, outras comuns e recentes aquisições do zoológico particular de orientações acadêmicas deste nobre senhor e neocolonizador.

<sup>xxxiv</sup> Em parte dada a fartura de institutos e universidades com departamentos de antropologia e pelas antagonicas visões científico-políticas entre eles.

<sup>xxxv</sup> Apelido criado por ex-estudantes, para maiores detalhes consultar Adriano Guerreiro. Abrir um restaurante dentro da FCSH. 2015.

<sup>xxxvi</sup> Na altura reitor da Universidade Nova de Lisboa, em tese a universidade que sediava o evento.

<sup>xxxvii</sup> Na época era vice-reitor do ISCTE, representando a universidade. É simbólica a ausência da chefia da reitoria, uma vez que o congresso em sua primeira realização em Lisboa não incluiu a respectiva instituição enquanto sede.

<sup>xxxviii</sup> Única mulher, e veio representando a secretaria executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. É de se considerar qual é a pertinência de tal presença no congresso, uma vez que a presença é de uma representação, da secretaria executiva, que já é por si uma representação da diretoria da “comunidade”.

<sup>xxxix</sup> Enquanto diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que realmente sediava o evento. Há evidente tensão entre a faculdade de ciências sociais e a reitoria da universidade durante a mesa.

<sup>xl</sup> Apresentado como diretor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. A chegada deste ocorre com elevado atraso, e a saída é antecipada em uns quantos minutos. É inexistente o espaço para questionamentos pela plateia. Nas semanas prévias este senhor se ausentou de duas entrevistas públicas agendadas na televisão aberta portuguesa (redes SIC e TVI). E nas semanas imediatamente anteriores às entrevistas houve o escândalo envolvendo a censura incentivada publicamente na *Análise Social*, de ISSB: 0003-2573, sob direção do respectivo instituto.

<sup>xli</sup> Presidente da AILCSH. Como manda a tradição, a próxima edição, provavelmente será em Cabo Verde ou UFBA (ele assina como integrante de ambas universidades). Imagino que na UFBA porque a seguinte será em Moçambique, dada a nova diretoria eleita.

<sup>xlii</sup> Única mulher nesta mesa, representando “o Brasil”. País que curiosamente visita a cada triênio. Quando é convidada para visitar como pesquisadora externa.

<sup>xliii</sup> Figura carimbada em todas as edições do congresso. Dotado de um discurso supostamente decolonial. Questiona a ausência de africanos, mas dentre as dezenas de orientações que já realizou com estes é incapaz de indicar um para lhe substituir a cadeira em qualquer uma das doze edições do congresso.

<sup>xliv</sup> Homem com a missão de representar TODOS os países africanos, além das ex-colônias portuguesas que mantém falantes do homônimo idioma. Nos corredores diziam que veio substituindo Mia Couto, que se negou a prestar honras ao congresso. Curiosamente, dentre os mais de um bilhão de africanos, centenas de milhões negros, a representação de todos é um homem branco.

<sup>xlv</sup> Passados quase dois anos ainda me restam dúvidas se a semelhança com o nome e a nacionalidade do periódico, de ISSN: 1809-4341, não é intencional. Uma performance.

<sup>xlvi</sup> Uma tradução transcrita possível do original em Lima (2014) pode ser lida como:

*A criação da EASA em 1989 foi uma importante reviravolta para a antropologia. E também para a antropologia portuguesa. [...] Em nossa condição periférica, a antropologia portuguesa obteve muito sucesso em encaminhar os desafios [...] pela articulação de redes na Europa e no transatlântico, nomeadamente com a vibrante antropologia dos países falantes de idioma português, onde a antropologia brasileira é um bom exemplo. As pontes para a colaboração foram um dos mais importantes resultados obtidos pela fundação da EASA.*

<sup>xlvii</sup> Uma tradução possível dos trechos em discussão pode ser lida como:

*Os objetos da associação são promover educação e pesquisa em antropologia social por incrementar a compreensão das sociedades no mundo e incentivar a comunicação profissional e cooperação entre antropólogas e antropólogos, especialmente aquelas pessoas trabalhando na e sobre a Europa. & Os objetos da associação são promover educação e pesquisa em antropologia social por incrementar a compreensão das sociedades no mundo e incentivar a comunicação profissional e cooperação entre antropólogas e antropólogos, especialmente na Europa.*

<sup>xlviii</sup> Uma tradução possível da fala de abertura que gerou a Newsletter (EASA, 2014) pode ser lida como:

*Eu repito: Apenas sócios de direito pleno possuem o direito ao voto.*

<sup>xliv</sup> Remete a associação portuguesa de antropologia. ABA, por sua vez, remete a sigla da associação brasileira de antropologia. No entanto, assim como identificado nas conversas com outras partes docentes, é uma menção à RBA, que seria a reunião brasileira de antropologia. A substituição de RBA por ABA nas falas de docentes provavelmente se deve a homonímia identificada entre o congresso e a associação portuguesas. Situação próxima ocorre, como visto na mesma fala, com as menções ao encontro da associação europeia de antropologia social, EASA.

<sup>i</sup> BRASIL. *Cópia de informação dirigida por José Osório de Oliveira ao Agente Geral das Colônias. Correspondência de portugueses para Gilberto Freyre.* Arquivo Documental Gilberto Freyre da Fundação Gilberto Freyre. Datada de 25.01.1951.

<sup>ii</sup> Consultar o artigo de Lorenzo Macagno. Lusotropicalismo e nostalgia etnográfica (2002) para maiores detalhes.

<sup>lii</sup> Uma tradução possível do apud em McLaren & Silva (1993:80) e em Samuels (1993:9) pode ser lida como:

*A arte não é um espelho para revelar a sociedade, mas um martelo que permite moldá-la.*

<sup>liii</sup> Remeto à Rui Mateus Pereira, especificamente na "Introdução à reedição de 1998". 1998:IX-X, XLVII. E a João de Pina-Cabral em "A antropologia em Portugal hoje". 1991:23-25.

<sup>liv</sup> Se for necessária alguma consulta a definição que me orienta sobre o termo ou a categoria *antropologias periféricas*, recomendo a leitura de, entre outros textos da mesma autoria o artigo seminal de Roberto Cardoso de Oliveira: "O movimento dos conceitos na antropologia".

<sup>lv</sup> Publicação coordenada pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto e pelo Instituto de Investigação Científica Tropical. Por este motivo a autoria registrada é reservada as duas instituições. A autoria incluída na bibliografia deste material remete as apresentadoras da coletânea.

<sup>lvi</sup> Todas as referências aos artigos desta coletânea remetem à segunda edição portuguesa, mais acessível. Há substanciais discrepâncias na paginação consoante à primeira edição portuguesa, mas não há significativa diferença no conteúdo geral enquanto em comparação à primeira edição. Não obtive acesso as edições brasileiras.

<sup>lvii</sup> Há múltiplos erros na numeração de páginas. Considerar a numeração visível nos rodapés de página do artigo. Ignorar o número de páginas totais das atas. Neste último caso, a numeração deveria ser acrescida em seis valores, remetendo ao intervalo 7-28.

<sup>lviii</sup> Esta edição traduzida possui substanciais alterações em comparação ao original em francês devido a modificações propostas por Roberto Mesa.

<sup>lix</sup> Esta apresentação é encontrada apenas nesta edição e idioma. É a organização traduzida de artigos escritos originalmente em inglês e publicados em coletâneas diversas

<sup>lx</sup> Uma versão com mínimas alterações e atualizações é publicada com outro título em STOCKING, George Ward (Jr). *The shaping of national anthropologies: A view from the center. Delimiting anthropology: Occasional essays and reflections.* London: The university of Wisconsin press. Pps.: 281-302. 2001.

<sup>lxi</sup> Uma tradução possível do original em Martos (1999:175) pode ser lida como:

*Esta posição foi evidentemente mantida ao longo de toda a vida por Guy Debord: "Eu certamente não defendo o princípio da propriedade literária. Como disse Brecht, «Tudo pertence a quem aquilo melhora»".*

---

<sup>lxii</sup> Respectivamente “*International standard book number*” ou “Número padrão internacional de livro”, e “*International standard serial number*” ou “Número internacional normalizado para publicações seriadas”.

<sup>lxiii</sup> Remeto ao uso de leitores de tela, por invisuais, por exemplo.